

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

PAULO SERGIO SOUZA BULGARELI

**PROPOSTA DE ANÁLISE DA OBRA *TRISTÃO E ISOLDA*: VÍCIOS E
VIRTUDES NA EDUCAÇÃO DO HOMEM DO MEDIEVO E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LITERATURA**

PAULO SERGIO SOUZA BULGARELI

**PARANAVÁÍ
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**PROPOSTA DE ANÁLISE DA OBRA *TRISTÃO E ISOLDA*: VÍCIOS E
VIRTUDES NA EDUCAÇÃO DO HOMEM DO MEDIEVO E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LITERATURA**

PAULO SERGIO SOUZA BULGARELI

**PARANAVÁÍ
2021**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR

**PROPOSTA DE ANÁLISE DA OBRA *TRISTÃO E ISOLDA*: VÍCIOS E
VIRTUDES NA EDUCAÇÃO DO HOMEM DO MEDIEVO E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LITERATURA**

Dissertação apresentada por Paulo Sergio Souza Bulgareli, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranaíba, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.
Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Conceição Solange Bution Perin.

PARANAÍ
2021

Ficha elaborada pela Biblioteca da UNESPAR, Campus de Paranavaí
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

B933p Bulgareli, Paulo Sergio Souza
Proposta de análise da obra *Tristão e Isolda: vícios e virtudes na educação do homem do medievo e suas contribuições para o ensino de literatura* / Paulo Sergio Souza Bulgareli.– Paranavaí: Unespar, 2021. xii, 120 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí, Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente Interdisciplinar - PPIFOR; área de concentração: Formação Docente Interdisciplinar.
Orientadora: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin;
Banca examinadora: Prof. Dr. Claudinei Magno Magre Mendes, Prof. Dr. Paulo Cesar Gomes.

Bibliografia

1. Educação. 2. Medievo. 3. Novela de Cavalaria. 4. Ensino de Literatura. 5. Crítica Literária - História. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente Interdisciplinar.

CDD 20. ed. 801.95

PAULO SERGIO SOUZA BULGARELI

**PROPOSTA DE ANÁLISE DA OBRA *TRISTÃO E ISOLDA*: VÍCIOS E
VIRTUDES NA EDUCAÇÃO DO HOMEM DO MEDIEVO E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LITERATURA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Conceição Solange Bution Perin (Orientadora)
Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí –
UNESPAR

Prof.^o Dr. Claudinei Magno Magre Mendes – Universidade
Estadual Paulista – Campus de Assis – UNESP

Prof.^o Dr. Paulo Cesar Gomes – Universidade Estadual Paulista
– Campus de Botucatu – UNESP

Data de Aprovação:
25/05/2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho: à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, dando-me forças quando achei que não teria mais chão ou caminhos por onde pisar. Ao meu pai que, mesmo não estando mais entre nós, sempre mostrou o caminho da verdade e, principalmente, da virtude. Oferto este a Deus e a meus Orixás Odé e Oxum que, por meio da fé, guiaram-me com sua luz divina. Ao meu fiel companheiro e esposo Junior Santana, que, em meio a discursos sobre a educação e com seus palpites durante a longa jornada, esteve ao meu lado, madrugadas adentro, sondando, mas, principalmente, cuidando de mim. Ao Luis Paulo, meu irmão, que sempre diz que sou o seu orgulho e que estará ao meu lado em todos os momentos, à minha cunhada Isabela e a meus sobrinhos Ana Beatriz e Miguel. Dedico, também, à Professora Adriana Aparecida Rodrigues e à Professora Lygia Zerbato, que me guiaram nos meus primeiros passos na educação, acreditando no meu potencial como futuro professor. À Tatiane Campos, que esteve ao meu lado durante essa caminhada, nossa amizade se fortaleceu ao longo do mestrado, tornando-se, não apenas uma amiga, mas sim, uma irmã científica. E, por fim, sendo tão especial quanto aos outros, à minha orientadora, Conceição Solange, que sempre esteve presente nos iluminando como o Sol, explicando de maneira incansável e sempre com muito amor a todos os seus orientandos.

AGRADECIMENTOS

Acredito em um mundo onde ninguém é autossuficiente, em que, desde os primeiros passos de um ser humano, este necessita da ajuda, pois é sábio aquele que sabe agradecer ao seu semelhante.

Agradeço, portanto, à minha orientadora, Conceição Solange, que me permitiu conhecer aos poucos a sua disciplina e o amor pelo que faz, por ter me orientado com carinho, ensinando o caminho a ser trilhado na pesquisa, pois, com sua alegria em ensinar, marcou-se de forma especial e demonstrou, com suas palavras, o quão especial é acreditar que a educação é um dos passos que nos leva a uma sociedade melhor.

Aos professores Claudinei e Paulo Cesar, por aceitarem nosso convite para comporem a banca de defesa, e o carinho em nos proporcionar anotações e sugestões para o desenvolvimento do nosso trabalho.

À professora Vanderci Garcia, que não foi minha professora, mas faz parte de nossa família, agradeço por ter me emprestado vários livros de seu acervo pessoal, demonstrando o carinho que tem por mim.

À professora Adriana Aparecida Rodrigues, que me orientou durante a graduação, incentivou a continuar meus estudos e me apoiou durante todo o processo de formação.

Agradeço a todos meus familiares, pais, irmão, esposo, tios e primos, que sempre estiveram muito presentes em tudo, aconselhando e alegrando a minha vida, e que, de certa forma, acompanharam sempre o meu trajeto e as conquistas da vida.

Tristão tomou a rainha: a partir de então ela não sentia mais nenhum sofrimento. Ele cortou as cordas e seus braços e, deixando a planície, penetraram na floresta do Morois. Lá, dentro das matas densas, Tristão sentia-se em segurança como se estivesse por trás da muralha de um castelo-forte. (BÉDIER, 2012, p. 62).

BULGARELI, Paulo Sergio Souza. **Proposta de análise da obra *Tristão e Isolda: vícios e virtudes na educação do homem do medievo e suas contribuições para o ensino de literatura*** 120 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2020.

RESUMO

A pesquisa acontece por meio da análise da obra de cavalaria *O Romance de Tristão e Isolda*, lenda celta reescrita pelo autor Joseph Bédier (1884-1938), que demonstra uma grande contribuição sobre o pensamento e as ações da sociedade medieval do século XII. O trabalho tem como objetivo principal compreender a formação do homem por meio das virtudes, tendo como enfoque principal o Amor como uma delas, pois, assim, entende a formação moral e ética, para uma vida em sociedade que busca o bem comum. Para essa análise, baseamo-nos em Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274). Diante do desenvolvimento do estudo, trabalhamos por meio da História Social indicada por March Bloch (1886-1944), sendo ele a base fundamentadora nas relações filosóficas, cultural e social que se relacionam ao contexto das novelas de cavalaria findadas no período Medieval, uma vez que, ao desenvolver o estudo sobre tais textos, conseguimos compreender o pensamento e ações do ser humano em diferentes épocas. A análise sobre o contexto histórico dos períodos é responsável por nos demonstrar fatos que comprovem as ações dos Homens. Para essa apreciação, contamos com o diálogo entre autores como Jacques Le Goff (1924-2014) e Georges Duby (1919-1996), que trazem sua dedicação em estudar e compreender questões do medievo, seja nos costumes ou, até mesmo, nas relações sociais, que consideramos relevantes para assim compreender nossas relações do hoje, mas, principalmente, sobre a historiografia retratada na obra de Bédier. Logo, por fim da pesquisa, trabalhamos com um capítulo em específico para compreender a importância das obras clássicas para o ensino, pensando, diretamente, em uma forma de educar que não se baseia apenas em conteúdo. Nesse trabalho, buscou-se o cuidado de pensar em uma formação social, na qual a criança é educada para poder compreender os conteúdos científicos propostos no currículo escolar, mas, que atrelado a esse ensino, seja desenvolvida uma educação moral, ética e virtuosa, para que sejam desenvolvidos de forma crítica e consigam se desenvolver em uma sociedade direcionados para o bem coletivo, defendidos por Aristóteles em *Ética a Nicômaco* (1991) e São Tomás de Aquino com a *Suma Teológica* (2012) e *Virtudes Morais* (2015).

Palavras-chave: Medievo; Novela de Cavalaria; Ensino de Literatura.

BULGARELI, Paulo Sergio Souza. **Proposed analysis of the work *Tristan and Isolda: vices and virtues in the education of medieval man and their contributions to the teaching of literature*** 120 pages. Master's Dissertation (Master's Degree in Teaching) – State University of Paraná – Paranavaí Campus. Mentor: Conceição Solange Bution Perin, PhD Professor. Paranavaí, 2020.

ABSTRACT

The research happens through the analysis of the Chivalry's work *The Romance of Tristan and Isolde*, a Celtic legend rewritten by the author Joseph Bédier (1884-1938), which shows a great contribution to the thought and actions of the medieval society of the 12th century. The main objective of this work is to understand the formation of man through the virtues, with the main focus being Love as one of them, thus, it is possible to understand the moral and ethics formations, to live a life in society, seeking the common good. To this analysis, the research was based on Aristotle (384 B.C. - 322 B.C.) and Saint Thomas Aquinas (1225-1274). In the development of this study, we worked through the Social History indicated by Marc Bloch (1886-1944), who is the fundamental basis on the philosophical, cultural and social relations that are related to the chivalry novels context that ended in the medieval period, once, by developing the study on such texts, we can comprehend the thought and actions of the human being in different times. The analysis of the historical context of the periods is responsible for showing facts that prove the actions of Men. For this appraisal, we rely on the dialogue between authors such as Jacques Le Goff (1924-2014) and Georges Duby (1919-1996), which bring their dedication to studying and to understanding issues from the medieval time, whether in traditions or, even, in social relations, that are considered relevant to understanding our relations today, but, especially about the historiography portrayed in Bédier's work. One of the final steps of this research involved producing one chapter, in specific, to understand the importance of classical works to the teaching process, thinking, directly, in a way to educate which is not based only on content. In this work, care was taken to think in a social formation, in which the child is educated to be able to understand the specific contents proposed in the school curriculum, so that, linked to this teaching, a moral, ethical and virtuous education is created, in a critical way and, therefore, so that there is development in Society with direction to the collective good, defended by Aristotle in *Nicomachean Ethics* (1991) and Saint Thomas Aquinas with the *Summa Theologica* (2012) and *Moral Virtues* (2015)

Keywords: Literature Teaching; Medieval; Chivalry Novel.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Virtudes Morais para Aristóteles (1991)	45
Quadro 2 – Virtudes Intelectuais para Aristóteles (1991)	46
Quadro 3 – Relação de Vícios e Virtude	52
Quadro 4 – Ações de Tristão na versão de Bédier (2012)	55
Quadro 5 – Exemplo de passagens de: Insegurança, Fortaleza e Egoísmo.....	58
Quadro 6 – Características da obra em diferentes autores.....	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Símbolo da Ordem dos Templários	34
Figura 2 – Pintura do século XIII	74
Figura 3 – Capa do livro	102

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O CAVALEIRO DO SÉCULO XII E AS VIRTUDES ESSENCIAIS PARA A SOCIEDADE	18
2.1	JOSEPH BÉDIER: TRAJETÓRIA AO LONGO DE SETENTA E QUATRO ANOS	19
2.2	A SOCIEDADE CAVALEIRESCA	28
2.3	SÍMBOLOS CAVALEIRESCOS E SEUS SIGNIFICADOS	34
2.4	O LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA PARA INTERPRETAÇÃO: DE O ROMANCE DE TRISTÃO E ISOLDA DE JOSEPH BÉDIER	40
2.5	A VIRTUDE EM ARISTÓTELES E EM SÃO TOMÁS DE AQUINO	43
2.6	VÍCIOS E VIRTUDES EM TRISTÃO E ISOLDA DE BÉDIER.....	55
3	AMOR, MORTE E AS VIRTUDES DA MULHER E DO CAVALEIRO NA OBRA TRISTÃO E ISOLDA, DE JOSEPH BÉDIER	60
3.1	O AMOR E A MORTE DE TRISTÃO E ISOLDA NA OBRA DE BÉDIER...	63
3.2	ISOLDA EM BÉDIER, A FIGURA DA MULHER NO SÉCULO XII	72
3.3	TRISTÃO: UM CAVALEIRO FORTALECIDO OU ENFRAQUECIDO PELO AMOR.....	78
4	LITERATURA E A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO HOMEM COMO SER SOCIAL	88
4.1	A LITERATURA E A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS	96
4.2	SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL NOS ANOS INICIAIS, ESPECIFICAMENTE QUARTOS ANOS	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	116

1 INTRODUÇÃO

O objeto do trabalho é trazer uma proposta valendo-se de uma adaptação de uma obra clássica, para assim compreender a relevância dos valores que são importantes em nossa sociedade atual, discutindo, assim, sobre uma educação que não se baseia apenas em conteúdos curriculares das escolas, mas que sejam atrelados a uma educação que estimule o ser humano a boas ações, assim como, a um indivíduo crítico que age em um sentido virtuoso para o bem de sua vida social.

Podemos dizer que a literatura é fundamental para compreendermos a história e os fatos que são responsáveis pelo desenvolvimento das relações sociais do período em que foi escrita, visto que nos propicia observar o passado com o olhar do presente. Segundo Mendes (2011, p. 2007), “É preciso lembrar que, como foi assinalado no início, é o presente que, com seus valores, suas indagações, seus problemas, atribui um sentido o passado”.

Sobre o estudo, decidimos pela análise da obra *Tristão e Isolda*. Em suas várias versões, há autores que recontam a história mediante o contexto histórico dos períodos, dessa forma, decidimos pela versão do filólogo Joseph Bédier, reescrita no século XIX. Em relação a seu formato e padrão encontrado na literatura, a obra consegue se demonstrar com características fundamentadas no século XII.

O romance de Bédier (2012) trabalha no contexto de sua obra com fidelidade ao século XII. Essencialmente, a trama se passa com o sofrimento de amor entre o cavaleiro Tristão e sua amada Isolda, que tem como coadjuvante seu tio Rei Marc da Cornualha.

Os principais pontos de acontecimentos da história se passam na Irlanda e na própria Cornualha. Entre os laços da trama, inicialmente, mostra-se o cavaleiro que, além de guerreiro, reveste-se, essencialmente, perante as virtudes.

Tristão, cavaleiro que leva em consideração o princípio da sua virtuosidade, passa por feitos como: matar dragões, buscar a amada do rei (para que este não perca o seu trono), além de realizar diversos outros combates.

Mediante seu juramento, Tristão defende sempre seu rei e vai atrás de sua prometida, a princesa Isolda. Ao longo de sua viagem, passam por um filtro mágico e o amor resplandece sobre os dois, fato que calha todo o desfecho da lenda celta, cercado por traições, aventuras de amor, assim como, idas e vindas que levam o cavaleiro a cometer vários atos viciosos.

A história se encerra na busca de Isolda para ver Tristão, que foi mortalmente ferido por uma lança, e estava no fim de sua vida. Ele confia a seu melhor amigo a trazer a amada, porém a esposa de Tristão o convence de que Isolda não viria mais. Por fim, o Herói acaba morrendo e Isolda, ao encontrar seu amor morto, tem o mesmo fim que o cavaleiro.

O romance possui representatividade do amor, traçado ao longo da história, envolvendo um triângulo amoroso, que fica marcado com os personagens de Tristão, Isolda e o rei Marc. A relação desse sentimento, na história, perpassa pelos encontros e desencontros amorosos, principalmente, entre Tristão e Isolda.

Os desenhares do romance fazem relação com alguns sentimentos que representam o “velho” e, outros, que ainda estão sendo vistos com certa estranheza, mas que já fazem parte das “novas” relações sociais do século XII, como: o modo de se portar perante a amada, a reflexão sobre as atitudes, o desejo de conhecer pelo empírico, o amor como o principal veiculador das ações do cavaleiro. Por um lado, essa relação amorosa do cavaleiro representa o desejo, a sensualidade e a transgressão das frações morais e sociais; por outro, um amor puro, natural.

A versão de Bédier conta a vida de um cavaleiro que no nascimento é envolvido em duas tragédias: a morte de seu pai e, logo após o parto, a de sua mãe. No desencadear da obra, o autor mostra um cavaleiro formado por virtudes como a justiça, a prudência e a fortaleza, mas é pela relação amorosa que o cavaleiro, muitas vezes, abdica-se dessas.

Leandro Hecko (2014) pontua a forma que os cavaleiros eram desenhados na literatura de cavalaria:

Como arquétipo estabelecido entre Homero e Virgílio, o herói no pensamento greco-romano configura-se como referência de bravura, força e valores que busca a glória, a virtude para a memória pelos tempos. O herói, portanto, é um modelo de homem, construído na literatura, representado nas artes (escultura e pintura) e comentado entre as pessoas. (HECKO, 2014, p. 01).

Hecko (2014) dá exemplo do que representava o cavaleiro em diferentes épocas, seja na Antiguidade ou na Idade Média. O cavaleiro sempre esteve à frente de uma sociedade que acreditava na sua bravura, no seu heroísmo de defesa e na sua valentia.

Na obra *O Romance de Tristão e Isolda*, Tristão é representado pelo personagem do cavaleiro forte, valente e amado por todos em seu reino. Cuidava da proteção dos seus e estava sempre cercado pelo amor de seu tio Marc. A sua representação cavaleiresca explora sentimentos ora virtuosos, ora viciosos, revelando-o como um exemplo de virtude para o século XII. Para Bédier (2012), as virtudes demonstradas pelo amor e pelos demais sentimentos que valorizavam o convívio social, provavelmente, eram aqueles que, do seu ponto de vista, estavam faltando na sociedade.

É válido ressaltar que a proposta da pesquisa é refletir sobre as prioridades da formação humana no seu espaço e tempo. Para tanto, tendo então como condutora a compreensão sobre as virtudes de um cavaleiro, ainda que esteja a um período distante do nosso, podemos observar as relações sociais das quais esse cavaleiro participa, pensando, principalmente, nas virtudes que perpassam períodos, focalizando, sobretudo, no Amor, utilizando o mesmo não somente como um sentimento, e sim como uma virtude humana.

A leitura de clássicos, sem dúvidas, proporciona-nos uma compreensão sobre a Educação e, ainda, sobre o ensino em diferentes períodos, pois diversos textos literários podem ser responsáveis por expressarem as relações propostas em cada momento histórico.

Para a análise que será realizada neste trabalho, fundamentamo-nos na História Social, perpassada pelo conceito de Longa Duração, haja vista que o nosso objetivo é entender a relação que acontece no passado, pois quando tratamos da educação social, por meio do cavaleiro, pretendemos investigar alguns comportamentos vinculados à ética e à moral essenciais para o desenvolvimento da civilidade.

Bloch (1949, p. 54) afirma que “[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a ciência da diversidade [...]”. Ao relacionar o Homem como o responsável pelo desenvolvimento da História, compreendemos que as relações investigadas por meio da literatura proporcionam ao pesquisador detalhes com minúcias de um momento que exigia mudanças, e essas alterações, muitas vezes, podem ser reveladas pela arte literária romântica.

Sobre as questões do método de pesquisa, a História Social tem como objetivo compreender a sociedade, observando as relações sociais por intermédio de ações

do Homem que inferem, diretamente, sobre seu desenvolvimento social. Tal metodologia tem como princípio de formação a *Escola do Annales*, na França, tendo em sua fundação os escritores Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944).

Como conferido por Bloch (1949), o trabalho na História Social está desenvolvido pela valorização de aspectos que envolvem os grupos sociais, não exatamente focalizado em apenas uma pessoa, mas sim nas ações que movem aquela sociedade em conjunto, fato este que se envolve com o estudo das obras de cavalaria, visto que essas serviam como um exemplo para sociedade, assim como a obra de Ramon Llull (1232-1316) com *O Livro da Ordem de Cavalaria*, que servia como um manual a ser seguido pelos cavaleiros, os quais, em suas ações, deveriam ser fortalecidos pelas virtudes.

Ao lermos Bloch (1949), podemos compreender que o passado é algo inalcançável, pois, ao estudar tais períodos, estamos fazendo um diálogo entre o passado e o presente. Ao estudá-lo, não estamos lendo o momento histórico exatamente como aconteceu, mas sim uma produção científica desenvolvida pelo historiador. Podemos exemplificar com a literatura de cavalaria as marcas do passado, como fortes vestígios de um momento histórico.

As relações dos Homens em seu período deixam marcas, e essas são as responsáveis por desenvolver o conhecimento e o estudo como fonte histórica, seja por meio de fotos, textos, jornais, obras clássicas e, até mesmo, os filmes da atualidade que, algum dia, poderão servir de instrumentos históricos de pesquisa para um período futuro.

Trabalharemos com a História Social, levando em consideração que a história como um todo não se resume apenas na aprendizagem de datas e fatos do passado. A história, considerando a visão apontada por Bloch (1949), não se faz apenas em saber sobre os fatos ocorridos, mas também na compreensão de um pensamento social, que possa afligir o pensamento da sociedade no presente. Em nosso caso, compreender a relação dos homens que estão sendo resguardados por uma dada educação, que possui as virtudes como o condutor para realização das ações em meio a uma sociedade.

Desse modo, progredimos a pesquisa da seguinte forma: na primeira seção do trabalho, desenvolvemos uma análise sobre algumas questões pertinentes ao contexto do século XII. Para isso, levamos em consideração os aspectos relacionados

à formação do homem, as relações sociais envolvidas com as virtudes, o papel do cavaleiro nesse período e uma breve biografia de Bédier.

Na segunda seção, tratamos as relações do amor por meio da análise de *Tristão e Isolda*. Verificamos a relação dos fatos históricos e literários do século XII, observando, também, a afinidade entre os aspectos sociais e educacionais revelados pelos personagens.

Para o desenvolvimento das terceira e quarta seções, discutimos a importância das obras clássicas, prevendo, por exemplo, o trabalho em meio ao estímulo das virtudes no aprendizado e formação das crianças, especificamente, com a literatura.

Junto à análise, apresentaremos uma sequência didática respaldada na obra clássica da literatura que foi adaptada por Barros (2000), pois consideramos que algumas das passagens da história contada por Bédier (2012) se tornariam pesadas mediante as relações ao longo da trama.

A proposta é a de realizar um estudo teórico para a formação profissional, minha própria e de outros professores, juntamente com a possibilidade de viabilizar a prática desse estudo para o ensino nos anos iniciais. O objetivo dessa etapa é apresentar aos professores a importância de se trabalhar o processo de alfabetização de forma articulada com a literatura. Essa possibilidade se dá por meio de atividades interativas que envolvam os conteúdos de formação do aluno.

Dessa forma, poderia desenvolver uma formação que estimularia o indivíduo a agir com boas ações, pautada na leitura da literatura, podendo ela ser clássica como em nosso caso, ou não, demonstrando que a utilização da leitura em sala, pode ser mais do que apenas um instrumento para o ensino da codificação e decodificação dos símbolos.

Temos a proposta por esse estudo, apresentar uma formação em que os textos não sejam esvaziados com o único sentido de ensinar códigos, apenas, mas que ao ler a criança consiga, por meio da mediação docente, compreender aspectos que vão ser de grande valia ao longo de sua vida. Em nosso objeto de estudo trabalhamos com o cavaleiro, não para demonstrar um modelo a ser seguido pela sociedade, mas para exemplificar a formação do ser humano, com suas atitudes éticas e virtuosas, as quais acreditamos que devem ser estimuladas desde a mais tenra idade da criança.

Para que, portanto, a partir de sua aprendizagem, sejam naturalizadas as boas ações, que levariam o indivíduo a seguir uma vida virtuosa e ética como apontado nos textos de Aristóteles, São Tomás de Aquino e Ramon Llull.

2 O CAVALEIRO DO SÉCULO XII E AS VIRTUDES ESSENCIAIS PARA A SOCIEDADE

Nesta seção, trataremos sobre questões relacionadas ao cavaleiro do século XII. Todavia, antes de darmos início à essa análise, faz-se necessário destacarmos uma breve biografia de Joseph Bédier (1864–1938), autor da versão *O Romance de Tristão e Isolda*. Ao longo da análise biográfica de Bédier, observaremos que ele reescreve essa lenda celta e, ao desenvolver este trabalho, encontramos alterações dentro do contexto de sua versão que fazem referência a seu respectivo período de vida, século XIX, assim como posto por Barros (1996). Uma dessas modificações envolve a valorização da mulher no contexto do romance, fato este, que não se destaca em outras versões da lenda.

Consideramos importante associar o trabalho realizado pelo autor na obra e a sua vida, pois, ao ler o texto, fica evidente que esse está inserido no século XII, enquanto que o autor viveu no século XIX. Ao trabalhar a lenda e reescrever a sua versão do romance, Bédier não faz ruptura temporal.

Sequencialmente, analisaremos os escritos de Duby (1919-1996) e Le Goff (1924-2014) para fundamentar o estudo sobre o romance de cavalaria do século XII e algumas questões do contexto medieval. O estudo será embasado, também, em obras de Ramon Llull (1232-1316) e Tomás de Aquino (1225-1274), pois, apesar de terem vivido no século posterior ao que está evidenciado neste estudo, os dois autores abordam assuntos vinculados às virtudes consideradas essenciais para o bem social.

Dessa forma, tendo o embasamento apresentado anteriormente, tanto do autor da obra a ser analisada, quanto de outros escritores imprescindíveis para esse estudo, podemos perceber que o papel de destaque dado ao cavaleiro, sobretudo nas obras literárias, permite verificar que esse personagem é colocado como um exemplo social a ser seguido ao longo do século XII, absorvendo um formato de aventureiro e romântico peculiar ao período histórico.

A partir desses apontamentos, o desenvolvimento da primeira seção do trabalho passa a ser feito no sentido de compreender a relevância da figura do cavaleiro, por meio da literatura de cavalaria e suas inúmeras contribuições, especialmente, “O Romance de Tristão e Isolda”.

Dentre elas, observaremos as exigências e, conseqüentemente, os aprendizados para pajem e, assim, posteriormente, o processo para alcançar o

patamar de escudeiro, até o momento em que se torna, de fato, um cavaleiro armado. Nesse sentido, os rituais de passagem, o banho preparatório para a cerimônia, o vestuário, e até a declamação de palavras na hora em que seria posto a cavaleiro, são aspectos importantes no entendimento do processo de construção da figura do cavaleiro no medievo.

Começaremos então, como mencionado, pela biografia de Joseph Bédier. Por desenvolver a obra *O romance de Tristão e Isolda* em um outro período que não no século XII, o autor conseguiu situar o seu texto em um período no qual não estava vivendo, correlacionando uma obra de importância com questões influenciadas a seu período de vida, sem perder a essência do século XII.

2.1 JOSEPH BÉDIER: TRAJETÓRIA AO LONGO DE SETENTA E QUATRO ANOS

Ressaltamos que, para entender os escritos de Bédier (1864-1938), é necessário identificar as influências sociais, econômicas, políticas e culturais de seu tempo, e como essas transformaram o seu pensamento e os seus escritos, em especial a obra *O Romance de Tristão e Isolda*. Para tanto, apresentamos uma breve biografia e seu contexto histórico.

É importante frisar que Bédier viveu nos séculos XIX e XX, e escreveu sobre o cavaleiro do século XII. Dessa forma, para compreender a relação da obra com o autor, necessitamos entender quais influências o levaram a escrever um romance que ressalta as virtudes, exibidas por meio do cavaleiro medieval, e que são necessárias em qualquer tempo histórico.

Destacamos que o autor nasceu em um momento marcado por transformações. A França do século XIX é marcada por uma série de acontecimentos que são responsáveis por mudanças na Europa:

O século XIX foi palco de uma nova sociedade — a capitalista — em que seus atores viram ruir suas crenças, ideologias e tradições em favor de um tipo de vida que se organizava, construindo um novo tecido social, no qual o homem partilhava ao mesmo tempo um ambiente inovador que prometia poder, euforia, crescimento e transformação, mesmo que isso ameaçasse as estruturas vigentes (MATTOS, 2009, p. 98).

Assim, a vida do escritor em questão é fertilizada das situações decorrentes do século XIX, desde as questões políticas daquele momento histórico até a busca por

sentidos da formação do homem do seu período e do século XII, fatos estes encontrados nas entrelinhas do romance estudado.

O autor, pela sua trajetória, é considerado um mestre da literatura medieval francesa. Sua arte de articular e publicar textos antigos fez com que outros autores escrevessem sob sua influência. Dentre as obras de Bédier, estão: *Le lai de l'ombre* (1890), *Le fabliau de Richeut* (1891), *Les fabliaux*, *Études de littérature populaire et d'histoire littéraire du Moyen Idade* (1893), *De Nicolao Museto (Gallice Colin Muset)*, *francogallico carminum Scriptore* (1893), *Le Roman de Tristan et Iseut* (1900), *Le roman de Tristan par Thomas* (2 vol., 1902-1905), *Études críticas* (1903), *Les deux Poèmes de la folie Tristan* (1907), *Légendes épiques, recherches sur la formation des chansons de gesta* (1908-1913), *Les chansons de croisade* (1909), *Les Chansons de Colin Muset* (1912), entre outras.

O desenvolvimento de leitura e escrita dos textos era de uma mentalidade crítica. Seus estudos estão sempre atrelados a questões inerentes nas famosas obras da literatura medieval.

Em relação a seus atos e caráter, Bédier trazia em seu cotidiano um sentido fortalecido num patriotismo e conformismo, fato este que podemos atrelar à experiência decorrente da primeira Guerra Mundial. Com relação à educação e formação familiar, seu pai o incentivava a elevar seus sentidos à tradição de seus antepassados. As influências de seu professor, Gaston Paris¹, que era considerado o pai da disciplina filológica da França, foi um modelo/exemplo para a vida profissional de Bédier (VILÀ, 2009).

A possível explicação que agrega Bédier ao seu espírito nacionalista pode estar vinculada ao período do seu nascimento e infância, momento de força na França, em que o país passava pelo segundo período imperialista comandado por Luís Bonaparte

¹ Para as concepções de Gastão Paris temos que “A figura deste amante em quem se combinam a ousadia e o despreendimento do herói e a resignação do mais humilde servo, continua profundamente familiar ao leitor moderno; a despeito da enorme distância que nos separa da sociedade feudal, algo dos episódios lembrados permaneceu vivo na literatura e na imaginação contemporâneas. O primeiro a distinguir o principal motivo deste misto de identificação e estranhamento que nos causa a literatura do século XII talvez tenha sido Gaston Paris quando há mais de cem anos, referindo-se justamente ao *Lancelote ou o Cavaleiro da Carreta* de Chrétien de Troyes, pôs em circulação a expressão ‘amour courtois’, aceita em seguida unanimemente pela crítica). “Esta nova maneira de representar o sentimento amoroso que a desde então a crítica chama de ‘amor cortês’ — criação dos trovadores da Provença, região do Sul da França, que dali se difundiu para o resto da Europa — é o principal legado da poesia dos séculos XII e XIII, e desde então tem sido um dos temas recorrentes da literatura ocidental.” (FERNANDES, 2001, p. 63). Justificamos, ainda, sobre a data de nascimento e morte desse autor que não encontramos a mesma e por este motivo não foi adicionado ao texto.

que, ao se tornar imperador, foi reconhecido como Napoleão III (1778-1846). Vale lembrar que “A trajetória de Napoleão III consistiu na tentativa de forjar a imagem do homem que tinha por destino ser o Imperador da França. Afirmava que o sangue dos Bonaparte corrente em suas veias, fazia dele o líder nato que conduziria sua nação ao progresso.” (DEBOM, 2012, p. 139).

No fim de seu mandato de 4 anos, em 1851, Luís Bonaparte (1778-1846) reprimiu um novo manifesto de operários. Com isso, convocou um plebiscito e aplicou o golpe 18 Brumário de 1851². Esse nome é devido ao mesmo golpe aplicado por seu tio Napoleão.

Joseph Bédier nasceu na França no ano de 1864, na cidade de Paris, e os anos de sua infância e adolescência foram passados na Ilha de Bourbon. Com 19 anos, entrou na École Normale. Otimista e bom aluno, passou sua jornada cultivando conhecimentos e amizades, as quais levaria ao longo de sua vida (VILÀ, 2009).

Após o período na École Normale, continuou estudando nas academias onde conheceu seu preceptor, Gaston Paris. Bédier assistia suas palestras na École des Hautes Études e no Collège de France. Seu encantamento pelo conhecimento de seu professor o fez estudar textos mais antigos e conseguir um portfólio agregando a ele classificações para as lendas mais antigas e conhecidas (VILÀ, 2009).

O convívio entre Bédier e Gaston Paris possibilitou com que Gaston passasse a admirá-lo intelectualmente e incentivá-lo a estudar e escrever com mais intensidade. Gaston tornou-se o orientador de seus trabalhos acadêmicos e questionador de seus estudos ao longo de sua vida acadêmica (VILÀ, 2009).

Com a concretização de seus estudos acadêmicos, Bédier entrou na Universidade Católica de Freiburg, recém-inaugurada, como professor. Trabalhou nessa universidade por dois anos, porém seu caráter científico passou a ser um obstáculo, visto que ia contra alguns pensamentos católicos, com os quais ele não

² Lara (2009, p. 255) traz sobre o 18 Brumário de Napoleão III como o livro “Escrito entre dezembro de 1851 e março de 1852, publicado originalmente na revista *Die Revolution*, a obra em questão parte da análise concreta dos acontecimentos revolucionários na França, entre 1848 e 1851, acontecimentos esses que levaram ao golpe de estado em que Napoleão III se nomeou imperador, à semelhança de seu tio Napoleão I. Brumário é a data que corresponde ao calendário estabelecido pela Revolução Francesa e equivale a 9 de novembro do calendário gregoriano; é o mês do calendário republicano francês. O livro é uma das obras mais importantes do marxismo, no qual se abordam teses fundamentais do materialismo histórico: teoria da luta de classes e a da revolução proletária, a doutrina do Estado e da ditadura do proletariado. É de suma importância a conclusão de Marx sobre a atitude do proletariado em relação ao Estado burguês. Também nessa obra foi desenvolvida a questão do campesinato como aliado da classe operária na revolução iminente. Explica, ainda, o papel dos partidos políticos na vida social e formula uma caracterização profunda da essência do bonapartismo.”.

concordava. Essas questões o levaram a requerer o pedido de desligamento do corpo docente desse colegiado, todavia, o pedido foi negado (VILÀ, 2009).

Após esse período, Bédier se muda para a Suíça, onde começa a desenvolver a carreira como pesquisador. No ano de 1891, ocupou um lugar nas cadeiras da Faculdade de Letras de Caen, marcando, assim, o seu retorno para a França. Concomitante a essa mudança, Bédier se casa com Eugénie Bizarelli. Com o casamento e a carreira de pesquisador, ele se dedica estritamente à docência e a sua tese de doutorado, que concluiu no ano de 1893 (VILÀ, 2009).

Sua tese foi o primeiro trabalho que marcou papel de destaque. O objetivo de preocupação da sua escrita foi sobre a origem das lendas. Desenvolveu, rigorosamente, a comparação e classificação entre elas. Ainda nesse mesmo ano, o autor passou a lecionar na École Normale, assumindo a disciplina de literatura francesa, diretamente ligada à sua tese de doutorado (VILÀ, 2009).

Ao longo de sua carreira, incentivado pelo amigo e ex-professor Gaston Paris, Bédier, além de professor, se torna escritor. Em 1900, ele publica sua principal obra intitulada *Roman de Tristan et Iseut*. Segundo VILÀ (2009), esse romance é uma versão que contradiz a escrita de Bérout (1160-1213). Refuta alguns pontos, porque Bédier relaciona dados do seu contexto no romance. Sendo assim, *O Romance de Tristão e Isolda*, a sua obra mais famosa, ao longo de sua trajetória, teve peso. No entanto, o autor se estabelece não somente por esse romance, mas por todo o seu trajeto como um dos romancistas mais influentes de seu período.

O autor faz sua versão situando mudanças sociais que emergiam em seu período. Um exemplo a ser citado seria a descentralização da figura masculina como única personagem de destaque que, na versão de Bérout, era Tristão, visto que o personagem se destacava em todas as situações, deixando a personagem da Isolda sem relevância.

Essa questão é enfatizada por Duby (1995) ao dizer que:

Seja como for, não conheço nenhuma obra literária profana datada do século XII em que a mulher ocupe tanto lugar na intriga, em que a personagem feminina seja descrita com tanto discernimento, sutileza e, cumpre mesmo dizer, delicadeza, acariciada pelas palavras que o autor escolheu. Isolda deve essa posição eminente aos efeitos do filtro (DUBY, 1995, p. 90).

O destaque dado por Bédier à figura feminina explicita que, no século XIX, a mulher se envolvia nos acontecimentos sociais e que, mudanças referentes ao papel dela, tinham ocorrido ao longo da história.

Ao observarmos a história, de uma forma geral, percebemos que, ao longo do tempo, não somente nas novelas de cavalarias, mas também nos romances, principalmente dos primórdios do período medieval, verificamos que as mulheres estão sempre envolvidas apenas com serviços domésticos, demonstrando, assim, que, em certo ponto, a mulher se equivaleria a uma escrava sempre a serviço do seu marido, pois ficava findada apenas para ações da reprodução, amamentação e a educação doméstica de seus filhos, enquanto a história nos demonstra que a realidade em ser livre ficava apenas para os homens.

Justamente nesse ponto é que Bédier se demonstra diferente ao reescrever o seu romance. Nesse momento, não temos a intenção de nos aprofundar exatamente no conceito de mulher para o período medieval, mas de compreender a relação coexistente entre o autor, o seu tempo e o período do medievo.

Compreendemos que na sociedade medieval levada como um todo, sua faceta era mais desenvolvida e deslumbrada para um mundo masculino, no qual a maioria dos interesses era demonstrada por uma sociedade patriarcal.

Sobre o sentido do desenvolvimento da história medieval, os registros apresentados são descritos, em sua maioria, por homens, em maior parte religiosos, como padres e monges.

Por esse motivo, um envolvimento de escritos envolvendo o tema mulheres completava-se de inúmeras figuras para descrevê-las, demonstrando o seu formato de uma maneira estereotipada, de formas boas ou não.

Um dos exemplos bíblicos e tomados até hoje é Eva, que teria corrompido Adão ao pecado. Um outro sinônimo, em contrapartida, era o formato da Virgem Maria, que, somente ao final da Alta Idade Média, começa a apresentar notoriedade.

Assim, de acordo com Oliveira (2009), o desenvolvimento da fala religiosa é considerado como autoritária, pois a mesma reage por meio de comentários que tomam a proporção de verdades inquestionáveis, onde o sábio é o Deus, e quem recebe sempre a razão são os seus intermediários.

Assim, todos os homens que usam da palavra do Deus como verdade única são considerados como o espelho da divindade, fazendo assim com que “[...] a voz

do padre, do pregador ou qualquer representante seu é a voz de Deus” (OLIVEIRA, 2009, p. 256).

Por essa representação posta por Oliveira (2009), entendemos que o clero, ao longo da história, possui influência em relação ao poder, tendo, dessa maneira, inúmeros privilégios ao modo que a Santa Igreja vai se consolidando na Europa. Assim, esses homens possuíam em seu favor o conhecimento, ou seja, a ligação com o divino, que, a partir de meados do século XI, vai tomando um novo rumo, caminho esse, principalmente, em relação à escrita.

Do mesmo modo que o homem possuía modelos a serem seguidos nas novelas de cavalaria na Idade Média Alta, as mulheres passavam por um filtro de exemplificação. Os clérigos partem de uma idealização na forma de representar a mulher, como uma espécie exemplificativa de jogo dos opostos, no qual a utilização do bem com o mal é lançada como ponto de partida para essa determinação.

Assim como os homens eram assombrados pelos bons exemplos, não somente dos cavaleiros, mas como o do bom homem referente às leis de Deus, as mulheres recebiam como modelos figuras ligadas diretamente ao evangelho, como Eva, Virgem Maria e Maria Madalena.

A utilização dessas três figuras gera os pilares medievais para o desenvolvimento e/ou julgamento da mulher má ou boa. Maria, apresentada como a mulher extremamente pura, rica na razão de proteger, criar seu filho a partir da feição a Deus, como principal exemplo. Já, por outro lado, Eva com a figura da pecadora, o fruto da traição ao divino, que leva o homem ao pecado, distanciando-se do divino. Maria Madalena era aquela que erra, mas que, ao longo de sua conversão, aprende a seguir a doutrina de Jesus, por meio da sua fidelidade, sendo vista como uma conduta moral a ser seguida, principalmente, para aquelas que não seguiam os atos cristãos ao longo de sua vida.

Ao utilizar Maria Madalena como exemplo, demonstra-se, nesse período, que a mulher e o homem que possuíam uma vida longe das virtudes, que ainda seria possível a conversão e arrependimento de seus atos.

Honra insigne que, diz o sermão, faz refulgir ‘a clementíssima benevolência do Senhor em relação à gente feminina’. A morte entrou neste mundo por intermédio de uma mulher, Eva. Certamente uma outra mulher, Maria, mãe de Deus, reabriu as portas do paraíso. Ora, eis que entre essas duas mulheres, a meio caminho, posta-se Madalena, acessível, imitável, pecadora como todas as mulheres.

Rica, generosa, benfazeja, Deus quis que sua vitória sobre a morte fosse anunciada por ela. Por causa dela, pela vontade divina, 'o opróbrio que pesava sobre o sexo feminino foi levantado' (DUBY, 2013, p. 35).

Ao seguirmos essa linha de pensamento sobre uma sociedade patriarcal, compreendemos logo a relação contida nas outras lendas celtas que fazem referência ao cavaleiro Tristão, pois em uma sociedade que é notório o poder dos homens, cabe, então, o papel de destaque a eles, e a culpa, como retratada a maioria das vezes, é delegada ao sexo feminino.

Ao longo do período acima, percebemos essa relação de que a mulher podia ser compreendida por dois vieses: poderia ser diretamente santificada por seus atos ou condenada por não seguir ou não se converter à doutrina religiosa da Igreja.

Já na versão de Bédier, encontramos uma nova roupagem dessa visão, o que nos faz acreditar, mediante os fatos relacionados a seu período histórico, que a mulher passa a ter papel de destaque já no fim do período medieval.

Ao lermos Barros (1996), em seu livro *Tristão e Isolda: O Mito da Paixão*, conseguimos denotar na tese da autora que seu texto traz essa relação da mulher como destaque, anteriormente trabalhada por Bédier, passando a destacar o casal como personagens principais, e não apenas o cavaleiro como enfoque central, visto que apresenta uma mulher humana, que tem erros, acertos, mas, que acima de tudo, sabe amar.

Com a chegada do fim do período medieval, acontece o momento de uma transição de períodos, da qual não conseguimos fazer uma demarcação exata do momento, pois tudo está relacionado ao desenvolvimento do país em que ela acontece, podendo ser mais adiante ou mais cedo, temporalmente.

Com o final do período, as mulheres começam a entrar em um novo papel, ou seja, elas passam a assumir fortes características em relação à economia europeia. Junto a esses fatores que começaram a desenvolver a "independência" feminina, a mulher é inserida no núcleo de atividade econômica familiar, por mais que ela não recebesse o mesmo valor monetário que o seu marido.

Ainda que esteja em um momento em que sua autonomia esteja em formação, as mulheres ainda passam por um processo político para conseguir a sua estabilidade econômica, vivendo nesse período, de certa forma, sob a proteção de seus maridos,

não tendo caminhos, de uma forma geral, para a formação feminina e independência social.

Com a Revolução Francesa no final do século XVIII, as mulheres começam a despertar com maior garra os seus primeiros gritos de libertação. Fato esse que não tem como primogênito o acontecimento na Revolução Francesa. Para a nossa pesquisa, esse motivo ajuda a compreender a formação do pensamento de Bédier, pois ele nasce no século seguinte, quando as relações femininas passam a ter um pouco mais de destaque.

Conforme Perrot (2007), as mulheres, na revolução Francesa, ainda eram vistas como seres que precisavam ter educação, de maneira freada, pois educar, para o período ia ao sentido de conceber uma mulher que sabia ser erudita e que acatava todas as opiniões dos homens.

Então, desenvolvia-se um nível de instrução para que elas sejam “[...] apenas agradáveis e úteis [...] Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe.” (PERROT, 2007, p. 93).

Junto a essa formação, é compreensivo que ela estava servindo para um papel de mulher exemplar que cuida da casa, mas que também está a serviço do desenvolvimento da educação de seus filhos, pois, ainda nesse período, a formação política e execução era estritamente relacionada apenas aos homens.

Por esses motivos, a mulher era considerada incapaz de desenvolver atos políticos. Hunt (2009, p. 44) afirma que a mulher fica apenas conhecida por seu corpo e sua sexualidade, já os homens, ao seu inverso, têm reconhecimento “[...] por seu espírito e energia.”.

Esses aspectos de considerar a mulher um ser mais frágil que o homem, sobre as suas capacidades, começa a perder as forças ao longo do desenvolvimento da história. Na França, esse processo já está sendo desmistificado na primeira Guerra Mundial, tendo em vista que, no transcorrer dela, as mulheres desenvolvem ações na ala hospitalar dos campos de batalha, pois são responsáveis por cuidar dos homens que estavam debilitados, em consequência do combate.

Com o fim da guerra, são recebidas pela sociedade como guerreiras que conseguiram salvar muitas vidas e, a partir desse ponto, aproveitam os fatos do momento e passam cada vez mais a buscar o seu espaço, principalmente, em lugares que antes eram dedicados, especialmente, para os homens.

Dentre esses direitos, observamos o ganho na luta pelo direito do voto. É nesse período que a voz feminina começa a se intensificar, pois, com o voto conquistado, as mulheres passam a desenvolver uma força política de maneira organizada, para assim, cada vez mais, desenvolver uma potência feminina, que adiante recebera o nome de Movimento Feminista.

Justamente por esses movimentos e acontecimentos ao longo do século XIX, compreendemos o desenvolvimento da mulher no *Romance de Tristão e Isolda*, pois dado à presença do autor na guerra e o seu desenvolvimento na obra citada, acreditamos que as mulheres estavam criando força na França, logo, por Bédier estar vivendo todo esse momento, traz a força feminina ao desenvolver a sua versão da lenda celta, por mais que ela não esteja findada no período de sua vida.

As escrituras de Bédier e seus romances são criações que abordam a Idade Média, podendo ser considerados um material significante para o desenvolvimento da visão do período moderno com resquícios do medieval (VILÀ, 2009).

Bédier trata do medieval, mas não coloca o passado como algo 'morto', ele trata de questões que foram importantes no século XII e são relevantes no século XIX, por exemplo, as virtudes. Por meio do romance, ele suscita a importância das relações humanas pautadas nas atitudes virtuosas, com o pensamento para o social.

Por esse motivo, arriscamo-nos a dizer que Bédier usa o personagem do cavaleiro como um símbolo de exemplo do passado, chamando a atenção para o seu contexto. Talvez, tenha sido esse o motivo de ele ter feito uma versão com modificações da lenda celta.

Com o passar dos anos, aumenta a influência de Bédier com seus alunos franceses e de outras nacionalidades, pois as explicações literárias, feitas por ele, eram um trabalho admirável. Com isso, entre os anos de 1903 e 1913, Bédier realiza, também, palestras e aulas em universidades americanas, sobre o medieval francês (VILÀ, 2009).

Bédier viveu o contexto e participou da primeira Guerra Mundial (1914-1918). De acordo com Hobsbawm (1988, p. 14), essa guerra foi “[...] o marco do fim do mundo feito por e para a burguesia.”. Devido à guerra, as aulas foram suspensas e Bédier, como 'bom patriota', por volta dos seus cinquenta anos de idade, decidiu se alistar para combater a favor de sua pátria. Porém, devido à idade, não pôde guerrear. Inconformado por não ir ao combate, serviu na ala de enfermagem por um curto período.

Depois disso, passou a utilizar o seu conhecimento do idioma alemão, traduzindo os diários dos soldados que iam sendo combatidos ao longo dos confrontos (VILÀ, 2009).

Em 1920, ele volta a lecionar na Académie Française, substituindo Edmond Rostand³. A convivência na guerra fez com que Bédier se dedicasse, além da literatura francesa, aos estudos políticos e o desenvolvimento social. Em 1929, ele foi eleito diretor do Collège de France. Por se dedicar inteiramente ao cargo, foi parando a sua produção, publicando raramente (VILÀ, 2009).

Sua jornada na direção da academia se findou no ano de 1936, quando decidiu parar com o trabalho acadêmico. Dedicou trinta anos para a carreira acadêmica, mas, mesmo aposentado, continuou se dedicando aos estudos. Faleceu no dia 29 de agosto de 1938, na cidade de Le Grand-Serre (VILÀ, 2009).

Interveniente a essa breve apresentação, entendemos que as obras de Bédier refletem os anseios do seu contexto social, marcado por uma série de acontecimentos que o induziram a demonstrar o seu patriotismo e inquietações sobre a relação dos homens na sociedade.

2.2 A SOCIEDADE CAVALEIRESCA

Ao olhar para a Idade Média, compreende-se que esse momento histórico apresenta variações. Essas mudanças passam por diversos ambientes, vão desde a cultura ao conceito de burguesia, a partir do renascimento do comércio com suas grandes feiras. Contudo, atentaremos nosso olhar à importância social da figura cavaleiresca no século XII (mediante a sua concepção e decorrência). Há desenvolvimentos urbanos, comercial, artístico, cultural, educacional e outros que possibilitaram aos homens conhecimentos mais específicos da natureza e da própria existência.

Quando estudamos a sociedade do século XII, que é o recorte histórico do nosso trabalho, compreendemos que vários homens se destacavam pela sua

³Edmond Rostand (1868-1918) “Sua obra máxima, a peça *Cyrano de Bergerac*, estreou com estrondoso sucesso em 1897, em Paris, no Théâtre de la Porte-Saint-Martin. A peça *Cyrano de Bergerac* transformou Rostand num verdadeiro ídolo do público francês, tornando-o membro da Academia Francesa, em 1904. Vítima de uma pneumonia, porém, ele se retirou em Cambo-les-Bains, na região basca, onde viveu por nove anos, discretamente. Só voltou aos palcos em 1910, com Chantecler, a história de um galo que acreditava que seu canto é o que faz nascer o dia. Rostand ainda escreveu uma última peça, *La Dernière Nuit de Don Juan* (a última noite de Don Juan) que ficou incompleta, mas foi aos palcos em 1921, três anos após sua morte em Paris em 1918.” (ROSTAND, 2019, p. 10).

identidade social: aqueles relacionados à Igreja, o rei, os senhores feudais, os comerciantes, dentre outros. Nesse contexto, uma figura que apresenta uma identidade singular é o cavaleiro. A figura cavaleiresca ornamentada com seus apetrechos e mistificada em seu cerimonial é sempre destacada nos romances de cavalaria e nos contos de heroísmo. São homens corajosos destinados a exercer a função de protetor, amante, estrategista e, ao mesmo tempo, sensível.

O cavaleiro conseguia conciliar o seu papel de ginete (montador e cuidador dos cavalos) sempre armado com sua espada e lança, ao mesmo tempo em que estava forte e servil ao rei e à igreja. De acordo com Perin e Oliveira (2002, p. 17), “[...] o cavaleiro, no século XII, merecia destaque pela sua audácia. Ele não media esforços para defender o seu povo e enfrentar os perigos.”, colocando toda sua força com a serventia e bravura regada por suas virtudes.

Le Goff (1989) expõe que o cavaleiro está relacionado diretamente com a vida permeada de paz e guerra, ou seja, ele é o senhor responsável por zelar pela paz e, para isso, tem a necessidade de controlar algumas situações, como a posse de terras para o seu senhor. As batalhas eram sempre travadas em nome de Deus e pela proteção do povo. Esse guerreiro é responsável pelos seus exemplos de civilidade que perpassa séculos representando o imaginário da cavalaria.

[...] fez com que as tradições antigas se mantivessem apenas nos grupos de elite que eram as companhias de soldados agrupadas em torno de príncipes; e a entrega solene das armas tornara-se mesmo patrimônio dos rituais que assinalavam o acesso dos jovens príncipes ao mundo do poder. São estas as bases da cerimônia que nos habituamos a definir como «revestir de armadura» e que, juntamente com o combate a cavalo e os sinais exteriores da sua condição e do seu tipo de vida, teriam contribuído precisamente para a definição do cavaleiro. (LE GOFF, 1989, p. 56).

A cavalaria passa por vários momentos ao longo da Idade Média. O cavaleiro não foi sempre o mesmo representante nos diferentes momentos do medievo, porém, ele sempre representou a valentia e a bravura pela Igreja, pelo povo e pelo rei. Para ilustrar, destacamos as novelas de cavalaria como: *Rei Arthur*⁴, *Tristão e Isolda*,

⁴ Rei Arthur é um “[...] britânico que aparece num ciclo de romances medievais como o soberano dos cavaleiros da Távola Redonda.” (LOYN, 1997, p. 33). De acordo com Loyn (1997, p. 33), a obra passa por diversas modificações ao longo dos anos e que por isso é difícil determinar a verdadeira história sobre a obra. O que se tem de fato a dizer sobre é que “[...] Arthur parece ter sido um chefe do clã britânico que capitaneou uma força militar ao longo das linhas fronteiriças romanas, agindo em nome

*Amadis de Gaula*⁵, *Demanda do Santo Graal*, entre tantas outras, sempre apresentando a relação fiel entre o cavaleiro e o rei.

A realeza estava a todo momento nas batalhas, pois se encontrava à frente de sua tropa, demonstrando autoridade, imposição ao seu adversário e, principalmente, a confiança e o respeito por seus combatentes que estavam na luta ao seu lado. A presença do rei nesses conflitos era de suma importância, pois se mantinha à frente de todo o combate, desenvolvendo as estratégias de lutas. Por mais perigoso que fosse o conflito, o monarca estava ali, junto aos cavaleiros nos combates. Essas atitudes faziam com que o rei fosse uma pessoa admirada pelo povo daquele reinado.

Os cavaleiros iam para as lutas sem medo da morte, demonstrando a virilidade de um bom cavaleiro, pois, ao final, quando sua tropa saía vencedora, eles comemoravam e retornavam para os braços das amadas. Muitos se casavam, como se mostra na obra *O Romance de Tristão e Isolda*, em que a personagem é prometida ao cavaleiro vitorioso. Além disso, havia outros bônus com a vitória nos conflitos, como o ganho da posse de terras, o senhorio⁶ e, principalmente, a fama pelo seu papel de destaque na batalha.

Dessa forma, Le Goff e Schmitt (2006) descrevem os cavaleiros medievais como:

[...] guerreiros de elite atacando impetuosamente, de lança ou espada em punho, em todos os campos de batalha da Europa Medieval: a cavalaria pesada, rainha das batalhas do século XI ao XIV, atentes que o processo dos arqueiros e, mais tarde, da artilharia viessem arruinar-lhe a supremacia e relegá-la à categoria de vestígio prestigioso de tempos heroicos e veneráveis. (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 185).

dos reis britânicos e que pode ter tido uma participação decisiva para garantir a vitória numa importante batalha em Mount Badon, nos primeiros anos do século VI.”

⁵ Amadis de Gaula, sua “[...] edición más antigua conocida es la de zaragoza de 1508, aunque el texto original es del siglo XIV, y es referido por Pero López de ayala y Pero Ferrús. la noveça se inicia com el relato del amor secreto del rey Perión de Gaula y de la infanta Elisena de Breña del que nació Amadís que fue abandonado em una barca. El niño fue criado por el caballero Gandales y recorre el mundo em busca de su origen em una trama de aventuras fantástica, protegido por la hechicera Urganda, y perseguido por el mago Aecaláus el encantador.” (MONTALVO, 2008, p. 11).

⁶ Le Goff (2005) trata que o senhorio era um grupo seletivo que designava seu poder em relação a um grupo seletivo, ou seja, no período medieval era a formação de dois poderes que temos hoje: o judiciário e o econômico, sendo também desenvolvido para a coerção, além de servirem ao desenvolvimento de terras correlacionado à hierarquia feudal, envolvendo diretamente os senhores e os vassallos, assim, o autor reafirma que “O grande domínio, continuador da *villa* antiga, dava lugar a um novo quadro de poder que renovava as formas de exploração econômica, as relações entre os homens e a ideologia: o senhorio. Este apoiava-se em novos centros de aglomeração humana: a aldeia, o castelo e, embora ambígua, a cidade. Após o ano mil, a mutação se intensificou. A Cristandade medieval entrava verdadeiramente em cena.” (LE GOFF, 2005, p. 56).

Por meio das afirmações anteriores, compreendemos a cavalaria como uma instituição e de exclusividade da nobreza, pois todo o aparamento cavaleiresco como armaduras, cavalos, armas, serviçais e outros eram prioridades dispendiosas “[...] um cavaleiro não é somente (e posteriormente, nem tanto) um guerreiro a cavalo, mas um membro reconhecido da aristocracia. Cavaleiro torna-se título nobiliário” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 185).

As funções do cavaleiro em tempos de paz faziam com que ficasse constantemente treinando as habilidades do manejo de suas armas e da montaria, além dos torneios que eram constantes em toda a Idade Média. Essas competições eram chamadas de “Justas”, pois, além de serem um espetáculo para a sociedade, também eram uma forma de treinamento.

Em tempos de guerra, o cavaleiro, seguindo o seu juramento, acompanhava seus senhores no campo de batalha, mantendo a lei, a ordem e a fé devotada à Igreja:

[...] confiança a defesa dos estabelecimentos eclesiásticos, de seus bens e pessoas, a outros castelões ou a outros guerreiros recrutados para essa finalidade. Esses defensores de igrejas cumprem missão protetora antes reservadas a reis e príncipes. Ao mesmo tempo, e de várias maneiras, a igreja tenta inculcar nesses cavaleiros, e depois em toda a cavalaria, um ideal elevado: a proteção das igrejas, dos fracos e dos desarmados (inermes) no interior da cristandade: a luta contra os infiéis, no exterior. (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 186).

No decorrer do século XII, o combate era feito pelo choque frontal⁷ com seus adversários. Dessa forma, frente à necessidade de melhoria dos equipamentos para as batalhas, foram criadas as armaduras de aço completas, que protegiam os cavaleiros e proporcionavam maior segurança, diferentemente da roupa usada anteriormente, que era feita de malha de aço, composta por anéis de aço eficiente para cortes de lâminas, mas não era segura para pontas de flechas e outros instrumentos perfurantes.

Os cavaleiros possuíam grande quantidade de armas e equipamentos, dentre eles, a principal era a lança, uma haste de metal longa com uma ponta aguçada utilizada no choque inicial. Caso esse instrumento fosse perdido durante o combate,

⁷ “No início do século XII, um novo método de combate, o do choque frontal, surgido no século anterior, mas, considerado, até então, secundário, impõe-se e chega a suplantar os demais: nele se usa a lança em posição horizontal fixa, que o cavaleiro segura firmemente sob o braço. Com este novo método, adotado definitivamente pela cavalaria, a eficiência da lança não depende mais da força do braço do guerreiro, mas da velocidade do cavalo: o cavaleiro forma um todo com sua montaria e esse ‘projétil vivo’ beneficia-se da potência que lhe confere o galope do cavalo.” (LOYN, 1997, p. 84).

outros instrumentos poderiam ser utilizados, como as espadas, os machados, as massas, os manguais e outros.

Correlacionando a ideia do que é cavalaria aos dias de hoje, entendemos que equivaleria aos exércitos e à força policial da atualidade. Ela floresce na Alta Idade Média e tem seu apogeu dos séculos XI ao século XVI. Le Goff (1989) certifica que “a cavalaria, que protege pelas armas” seria a força armada do período.

As regras e modo comportamental da cavalaria vão se desenvolver de forma plena a todo o contexto do cavaleiro mediante as suas regras e conduta ao longo dos séculos XII e XIII. O grupo armado desses séculos, de acordo com Loyn (1997, p. 81-82), deu origem à sociedade militar que floresceu por meio “[...] do romance, secular e religioso, dos séculos XII e XIII, para culminar do mundo formal e regulamentado do período Medieval final, quando os cavaleiros, pelo menos em teoria, também eram cavaleiros.”.

Existiam várias Ordens de cavalaria. Eram Ordens com nomes diferentes, mas todas partiam do mesmo princípio: a formação do cavaleiro virtuoso. Algumas formações eram nominadas: Cavaleiros da Espada⁸, Cavaleiros de São João⁹, Teutônicos¹⁰ e, com um maior destaque, os Cavaleiros Templários.

A Ordem dos Cavaleiros do Templo ou Templários foi uma das organizações militares de maior força do medievo, uma das primeiras ordens religiosas a se manifestar e ter o designo de proteger a expansão do Cristianismo. Loyn (1997) afirma que as atividades dessa ordem começaram por volta do ano de 1115, com as relações dos cavaleiros pobres da França, que protegiam os peregrinos que cruzavam entre Jaff e Jerusalém.

A fé era prioridade na vida dos cavaleiros que tinham a missão de eliminar, de forma direta, aqueles que iam contra os pilares da crença em Cristo.

⁸ “Uma pequena ordem Militar alemã, fundada por volta de 1202 no turbulento campo missionário báltico da Livônia.” (LOYN, 1997, p. 84). De acordo com Loyn (1997), a ordem, aos poucos, foi sendo aniquilada, sendo forçada a estabelecer uma união com os teutônicos.

⁹ Ordem dos Cavaleiros de São João são “[...] de Jerusalém, Rodes e Maltas. Essa ordem originou com um hospital beneditino para peregrinos nas vizinhanças do Santo sepulcro e foi fundada por volta de 1070 por comerciantes de Amalfi.”. Os membros dessa ordem “[...] estabeleceram hospitais e comendadorias na Europa e no Oriente, e foi completamente transformada numa Ordem Militar (com votos monásticos à semelhança dos Templários) para defesa dos peregrinos.” (LOYN, 1997, p. 84).

¹⁰ Os Teutônicos tiveram sua fundação em “[...] 1198 como Ordem Religiosa e Militar à semelhança dos Hospitalários, os Cavaleiros Teutônicos logo adquiriram terras na Alemanha e na Síria. Apoiaram a Cruzada de Frederico II, que em 1226 lhes concedeu a Prúcia Oriental. Desse ano em diante, inicialmente como auxiliares do duque polonês de Masóvia, eles começaram a submeter e converter os prussianos, e construíram seu primeiro centro fortificado em Thorn, em 1231.” (LOYN, 1997, p. 345).

O Templário é um monge e, no entanto, mata o que é bem triste, como admite (um tanto embaraçado?) o abade de Claraval, muito longe, naturalmente, de negar aos infiéis o direito à vida; mas, prossegue ele, a aniquilação dos pagãos por meio das armas é necessária para defender os cristãos e para impedir a injustiça. Mais do que aniquilar o inimigo enquanto ser humano, o Templário deve destruir o mal, sob todas as suas formas, e o pagão e, sem dúvida, portador do mal: por isso, a sua morte e mais um «malicídio» do que um homicídio (LE GOFF, 1989, p. 64).

O dever do cavaleiro era conviver com a justiça divina, como protetores de Cristo. De acordo com Duby (2009, p. 44), “[...]os cavaleiros que se confiam ao senhor do castelo, eles estão ajoelhados, de bom grado de mãos postas, aguardando recompensa, esperando ser mantidos no outro mundo paternalmente, aspirando a ser introduzidos no privado de Deus [...]”.

A base de seu desenvolvimento como cavaleiro era inteiramente servir à sua fé, à sua Igreja e ao seu senhor. Por esses motivos, os cavaleiros estavam sempre à disposição de exaltar a fé cristã, indo em direção ao seu sagrado: Deus. Pela influência da Igreja, os cavaleiros eram, propositalmente, desempenhados para a expansão da fé cristã, defendendo a moral da Igreja.

Duby (2009) também apresenta o contraponto referente ao posicionamento do cavaleiro com aqueles que não acordavam com a fé em Cristo:

Eles sabem que Deus julga, que o Cristo do último dia pronunciará suas sentenças cercado por um conselho privado, formado por seus familiares; ele interrogará a estes como os senhores o fazem nas cortes feudais, dando sucessivamente a palavra a seus barões, e cada um defenderá a causa de seus próprios fiéis, daqueles que lhe deram sua fé. Esse papel de assessor é feito pelos santos, cujo poder terreno provém do privilégio que têm de tomar assento desde agora no céu com o Senhor e de dar suas opiniões. Por vezes terríveis, vingando-se, dirigindo — pensemos em santa Foy, irascível — vindita privada contra aqueles que ousaram tocar em seu gado ou em seu vinho, no gado e no vinho daqueles que os servem, monges cuja equipe serve o santuário onde repousam suas relíquias, seus domésticos. O cristão entende então prestar fidelidade aos santos, tornando-se assim como um subvassalo de Deus (DUBY, 2009, p. 44).

Ao lermos de Duby (2009), nota-se que a relação do cavaleiro era como um pregador do santo julgamento, pois aqueles que fossem contra os pensamentos éticos da fé cristã não teriam o direito de caminhar pelo mesmo chão que eles, solo esse que possuía a Fé em Cristo.

Afirmado por Duby (2009), a desenvoltura cavaleiresca, por intermédio da força, eliminava aqueles que iam contra as suas crenças pois, assim, mostrariam um de seus objetivos: impedir o desenvolvimento da fé em outros deuses. Por isso, eram como enviados de Cristo em defesa da Santa Fé.

Ser um cavaleiro templário consistia na missão de ter o controle da Terra Santa, visto que seu papel estava fortemente atrelado à erudição da propagação da educação e respeito para com a espiritualidade, entendida aqui como a Fé Católica.

2.3 SÍMBOLOS CAVALEIRESCOS E SEUS SIGNIFICADOS

Um dos pontos relacionados à questão do exercício dos cavaleiros em prol da espiritualidade era as suas vestimentas e instrumentos utilizados, como demonstrados na figura a seguir, pois carregavam significados e justificativas a serem sempre lembradas sobre a sua fé.

Figura 1 - Símbolo da Ordem dos Templários



Fonte: Gnosis Brasil (2020).

Não temos a intenção de desenvolver uma análise profunda sobre a imagem ilustrada, mas apresentar o significado de dois símbolos contidos na ilustração: o voto de pobreza, segundo as Regras de São Bento, e a cruz vermelha estampada em suas vestes ou escudo. É importante mencionar que outros símbolos também aparecem, como a lança, o cavalo e o freio do animal.

A seguir, apresentaremos algumas considerações importantes sobre esses símbolos que enriquecem a figura do cavaleiro e contribuem com o nosso estudo.

A relação com a pobreza, aceita pelos cavaleiros do Templo, é confirmada pelo voto de simplicidade, exposta na imagem por dois guerreiros compartilhando o mesmo

cavalo. Por mais que ambos estejam em batalhas, eles estão em constante solidariedade. Assim, a amizade fraterna torna-se intensa e profunda. Le Goff (1989) corrobora com tais colocações, pois afirma que:

Talvez seja esse o sentido mais secreto, mas também mais evidente, da imagem representada no selo da Ordem dos Templários, que mostra dois cavaleiros montando um único cavalo; e é em nome desse sentido de amizade fraterna e solidariedade que um autor do século XIV, ao exaltar precisamente os valores cavaleirescos (LE GOFF, 1989, p. 61).

Embora os cavaleiros estivessem sempre em lutas, eles eram guiados por seus votos de pobreza e também da castidade, seguindo sempre o interesse de proteger os peregrinos que estavam indo em direção à Terra Santa.

Então, os juramentos encadeavam-se, todos feitos perante «A Senhora Santa Maria» todos destinados a fixar no espírito do postulante que já não era dono de si mesmo. Emitia votos de obediência, de castidade, de pobreza, de fidelidade à regra. Obrigavam-no a jurar reconquistar a Terra Santa pelas armas, não sair do Templo para entrar noutra ordem, não escutar a maledicência nem a calúnia (LAMY, 1996, p. 78).

Como elucidado pelo autor, os cavaleiros, perante seus votos, deveriam sempre seguir um estilo de vida mediada pelos padrões monásticos, de modo que fosse fundada pela castidade, obediência e pobreza como bases essenciais. A partir de seu juramento, seus pertences e sua vida passavam a possuir um valor de representação e servidão para com a Ordem e, principalmente, com os princípios da Fé. O símbolo dos cavaleiros sobre um único cavalo explicita não só a amizade, como também a falta de recursos do cavaleiro para poder comprar o seu próprio cavalo.

Ao olharmos a cruz vermelha estampada nas roupas dos cavaleiros, conseguimos fazer uma relação entre esses guerreiros e a Igreja. A cruz vermelha, muitas vezes, pode ser encontrada com o nome de cruz pátea, uma possível referência aos templários, porém seu significado está referido a seu formato, com extremidades mais largas que o centro dela tendo dessa forma uma configuração de “patas”.

Silva (2003) coloca que o uso do símbolo nas vestimentas dos cavaleiros nem sempre foi utilizado. Quando houve a aceitação das regras de conduta escritas por Bernard de Claraval em 1128, quando participou do Concílio de Troyes, as

vestimentas deveriam sempre ser monocromáticas, marrons, pretas ou, preferencialmente, brancas, que simbolizava toda a pureza que a ordem possuía.

Somente no ano 1146, segundo Silva (2003), o papa Eugênio III, que tinha a Ordem como um elemento sagrado, concede a permissão para que os guerreiros trouxessem no peito e sobre o ombro esquerdo a sagrada cruz na cor vermelha. É importante alinhar o símbolo da cruz à ideia de crucificação de Cristo e enfatizar a cor rubra para indicar o sangue derramado das chagas do cordeiro. O símbolo revela o direcionamento da fé dos seguidores. A adoção da cruz acontece por toda a Ordem, haja vista que o uso da vestimenta com a cruz sobre os ombros ou peito correspondia ser um cavaleiro dos Templários e respeitado pela sociedade.

Outra possível relação entre a vestimenta do cavaleiro e a cruz é apresentada por Llull (2000), que coloca as roupas como diferenciação das autoridades da igreja. Sabe-se que tanto os padres, presbíteros ou qualquer outro cargo contido dentro do catolicismo possuem suas vestes adequadas, mas é notório apontar que a distinção das vestes tem por objetivo representar a autoridade à qual está ligada.

Llull (2000, p. 80) apresenta essa relação expressa no indumentário dos cavaleiros: “[...] clérigos e ofício de cavaleiro se convêm, por isso Ordem de Cavalaria requer tudo o que é mister ao cavaleiro para usar de seu ofício tenha alguma significação [...]”. Assim, ressalta e enfatiza a relação entre os trajes e a Igreja, além de demonstrar o seu posto mediante as classes sociais do momento histórico.

A espada era a arma mais utilizada pelos cavaleiros e possuía significado próprio. Para algumas ordens, correspondia ao sentido da nobreza, pois era um armamento caro que poderia ser forjado com o gosto do cavaleiro. Essa relação para os templários era algo mais simplificado, pois a ordem pregava o voto de pobreza que constantemente era lembrado aos cavaleiros pelo juramento feito.

Llull (2000) menciona que o cavaleiro deveria vencer e destruir os inimigos da cruz com a espada. Essa afirmação liga o formato do instrumento à lembrança da Santa Cruz para demonstrar o significado do pecado que envolve desde os primórdios com a relação de Adão e Eva, como também a ideia de sacrifício, pois Jesus morreu no calvário para libertar todos os fiéis.

Assim, aqueles que não possuíssem o sagrado católico como a salvação eram os inimigos mais declarados da Igreja e, segundo Llull (2000, p. 80), “A cavalaria é para manter a justiça [...]”. Entende-se que o cavaleiro armado com sua espada é o

sinal de proteção das sagradas leis da Igreja, sendo responsável por promover a ordem e a justiça.

Outra arma representada na imagem é a lança que traz a representação de dois significados. Nas justas¹¹, a lança era uma das armas que mais apareciam dentro dos torneios, de maneira mais amena, pois o intuito da competição não era matar, mas mostrar a força que o cavaleiro possuía. De modo geral, a composição da lança era de ferro com um pendão. O ferro tinha o significado da força e o pendão correspondia à verdade. A lança, de acordo com Llull (2000), possuía certas virtudes, e a sua força quando empunhada por um cavaleiro ia diretamente à dilaceração dos vícios.

A lança era tratada como a verdade “[...] porque a verdade é algo é coisa direta e não se torce; e a verdade vai diante a falsidade [...]” (LLULL, 2000, p. 80). Vemos aí a menção do ferro existente na lança, pois podemos ver a relação da Virtude com o Vício. É dessa forma que o potencial da arma agia em relação ao extermínio daqueles que eram inimigos da cruz e, portanto, inimigos da verdade.

Avaliamos que o ferro utilizado para fundir a lança do cavaleiro correspondia à virtude da verdade, pois é um metal que impõe grande força ao derrotar o inimigo, aquele que se representa como a falsidade, ou aquele que vai contra os princípios defendidos pelo combatente.

Já no segundo significado discorrido sobre o material que é composto como a Virtude da verdade, Llull (2000, p. 80) diz que “[...] o ferro da lança significa a força que a verdade tem sobre a falsidade; e o pendão significa que a verdade se demonstra a todos[...]”, ou seja, o ferro da lança fere e é o responsável por exterminar a falsidade, sustentando a verdade para que sirva de base para a esperança.

O escudo do cavaleiro representa seu trabalho, haja vista que exerce uma força de proteção e é o responsável não somente por proteger o cavaleiro, mas simboliza proteção à sua ordem, de proteger o sagrado, a segurança do senhor ou ao rei. Llull (2000) corrobora essa consideração:

[...] o golpe fere antes no escudo que no corpo do cavaleiro [...] portanto, a proteção que o cavaleiro deve exercer mediante a seu povo, a seu rei, e ao nome do sagrado, pois é com esse instrumento que o mesmo protege daqueles que desejam [...] tomar ou ferir seu senhor (LLULL, 2000, p. 83).

¹¹ “Torneo medieval entre dois cavaleiros armados de lança; torneio 2 p. ext. competição, disputa em qualquer área” (HOUAISS, 2001, p. 439).

O cavalo é um animal caro para o período e por isso seu significado faz uma referência à nobreza do cavaleiro. A posição do cavaleiro montado no cavalo o caracterizava como “[...] mais alto que outro homem, e seja visto de longe, e mais coisas tenha debaixo de si.” (LLULL, 2000, p. 83), demonstrando a força e o poder que o cavaleiro tem perante seus inimigos e, também, a sua simplicidade ao compartilhar o mesmo animal com um companheiro.

Ao cavalo é posto o freio e ao cavaleiro o controle pelas rédeas. Ele é responsável por controlar as ações dos instintos do animal, visto que o “[...]cavaleiro, pelo freio, refreia sua boca de falar feias e falsas palavras, e refreia suas mãos, para não tanto que tenha de pedir, nem seja tão ardente que com seu ardor expulse sua sensatez.” (LLULL, 2000, p. 83).

Posto isso, compreendemos que a relação do freio do cavalo com o cavaleiro e suas ações tem ligação com o controle de suas atitudes para que não se afaste do certo, e assim da Ordem de Cavalaria, para que possa, então, estar seguro com as ações voltadas sempre para o bem.

A relação dos Templários era com a fé cristã, não sendo reconhecida por eles outras religiões ou credos que não tinham Cristo como o único Salvador. Por esse motivo, todas aquelas crenças que não obtinham relação direta com o Jesus eram postas como pagãs e profanas. Conseqüentemente, seus seguidores eram infiéis às leis de Cristo.

Le Goff (1989) afirma que os Templários seriam como a cavalaria do divino e, por esse motivo, não poderiam fazer o uso de palavras cruéis, nem terem uma busca por poder e glória como um plano central de suas batalhas, já que a luta da Ordem do Templo deveria estar à frente de qualquer situação a favor daqueles que contribuíssem para o acréscimo da fé cristã.

O desenvolvimento da cavalaria nos séculos XI e XII, segundo Le Goff e Schmitt (2006), ocorreu devido ao crescimento da igreja, com isso o aumento da necessidade de proteção aos homens de fé. Observando a força de proteção que os cavaleiros proporcionavam aos membros da Igreja, os superiores religiosos buscavam uma relação mais segura para os seus adeptos, assim como uma expansão da Santa Igreja e, ao iniciar a educação cavaleiresca, despertavam nos cavaleiros o desejo por proteção espiritual e para suas armas.

Sobre a persuasão de suas palavras, reforçando as relações de proteção e de fé contra o derramamento de sangue de seus fiéis e a busca do combate para os

infiéis a Cristo “[...] o papado esforça-se para empenhar os cavaleiros ao combate contra os muçulmanos, na Espanha (Reconquista) ou na Terra Santa (Cruzadas)” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 192).

A Igreja impulsiona toda a cavalaria a seu favor. O principal sentido é a consagração da Instituição por toda a extensão da Europa, buscando a reconquista do Ocidente dentro das Cruzadas, onde a busca pelo desenvolvimento do Cristianismo dentro da Terra Santa era ainda maior, tentando ter o domínio do Oriente por meio da Religião Católica.

A Igreja usou sua persuasão para o desenvolvimento das Cruzadas, porém não conseguiu ter domínio total sobre a Cavalaria. Então, passou a desenvolver o seu trabalho em busca desse domínio por meio “[...] da liturgia do adubamento¹²” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 192).

De acordo com Le Goff e Schmitt (2006), a partir do século X, para a Igreja conseguir proteção de seus dirigentes e todo o seu patrimônio, a instituição começa a recrutar guerreiros e busca a proteção nos senhores laicos que recebiam o nome de advogados ou defensores. Por conta dessa conformidade, a Igreja passa a desenvolver os rituais de bençãos das armas e estandartes, que poderiam também ser representados pelos reis e príncipes.

Para compreender a ideologia da Igreja em relação aos cavaleiros, é necessário observar que além do fator principal da proteção de seus fiéis, a guarda de seus bens também era uma via de conquista religiosa. A proteção estava relacionada aos espaços geográficos, aos bens materiais e à conversão, cada vez maior, às doutrinas da Santa Igreja.

Esse período passava por transformações em vários ambientes, principalmente no social que se faz um dos objetos dentro de nossa pesquisa. Assim, faz-se necessário, para compreendermos a análise do romance “Tristão e Isolda”, o estudo

¹² Le Goff e Schmitt (2006, p. 193) estudaram sobre o adubamento litúrgico como uma proteção que a Igreja desenvolve por meio da liturgia, acontecendo desde o século X. Para essa proteção, houve o recrutamento de guerreiros, ou seja, a igreja passa a investir planos para que a cavalaria passe a trabalhar em favor de sua causa. Por meio desse, são desenvolvidos rituais que, a fim de agregar sentimentos religiosos aos cavaleiros, faziam o sacramento de seus objetos cavaleirescos, introduzindo, assim, na realidade dos mesmos um “[...] ideal regido da proteção da igreja [...]”. Essa mesma cerimônia tem semelhança ao adubamento do cavaleiro, que passa a ser descrito “[...] em rituais litúrgicos tardios como uma cerimônia puramente religiosa por meio da qual a igreja, onipresente, admitia um postulante no seio da cavalaria cristã [...]”. Dessa forma, por meio dessa atitude, a igreja passava a impregnar as ordens com seus valores, buscando fazer com que os cavaleiros se dedicassem às causas da Santa Igreja.

sobre as virtudes postuladas por Aristóteles e Tomás de Aquino, pois as relações de Virtude permeavam toda a educação/social desse período.

2.4 O LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA DE RAMON LLULL PARA A INTERPRETAÇÃO DE O ROMANCE DE TRISTÃO E ISOLDA DE JOSEPH BÉDIER

Para a análise da obra de Bédier, consideramos necessário compreender a relação que Ramon Llull (2010) desenvolve com a formação do cavaleiro em sua obra *A ordem da Cavalaria*. Ainda que o autor esteja situado um século após o período do romance de Tristão e Isolda, consideramos importante descrever as relações que Llull faz no manual de conduta para cavaleiros.

O livro trata das regras da Ordem da Cavalaria, compreendendo o funcionalismo social para poder agir de acordo com os seus deveres e funções de servidão para sua cavalaria e a Igreja, com a proteção para a mesma e exemplo para sua sociedade. Com isso, analisamos não somente a função social do cavaleiro para o período em questão, mas também a forma do pensamento e motivação que possuíam para seguir a cavalaria.

Para Llull (2010), a educação do homem, seja ele um cavaleiro ou uma pessoa da sociedade, só irá acontecer com o uso do conhecimento, pois o ser humano age por meio daquilo que ama e conhece.

Ao interpretarmos essa relação do amor para Llull, podemos entender que o conhecimento e a consciência do ser são fatores primordiais para desenvolver suas capacidades virtuosas, pois, ao desenvolver a sua capacidade de discernir, tomará decisões corretas, tornando ele um cavaleiro de honra e virtude.

Ao pensarmos dessa maneira no contexto da obra *O Romance de Tristão e Isolda*, observamos no texto a ação do conhecimento em Tristão e Isolda. Ao longo da trama, o cavaleiro demonstra, por meio de atitudes, ser um homem completamente honrado, educado com virtudes. Ao lutar com o dragão, livrando a sociedade local dos ataques, demonstra o seu caráter e conhecimento agindo para o bem coletivo.

Isolda, mesmo não sendo homem e seguindo a cavalaria, utiliza do conhecimento por meio de suas atitudes, visto que foi educada para ser uma rainha. Ao ajudar Tristão quando está agonizando por ter sido envenenado, ela faz uso do seu conhecimento de ervas para o curar, mesmo sem saber quem era ele.

A proposta educativa que ensina o cavaleiro e, conseqüentemente, a sociedade, Llull (2010) deixa em papel de destaque a importância de desenvolver a educação, com a formação desse cavaleiro desde muito cedo, ou seja, ainda criança, propagando o conhecimento do indivíduo para as leis de honra e conduta desde a tenra idade.

Sobre o ensino da criança, constatamos essa educação e os ensinamentos na afirmativa de Llull (2010):

A ciência e(?) a escola da ordem de Cavalaria é que o cavaleiro faça que se ensine cavalgar seu filho já em sua juventude; pois, se o infante em sua juventude não aprender a cavalgar não poderá aprender em sua velhice. E ao filho do cavaleiro convém que enquanto é escudeiro, saiba cuidar do cavalo. E ao filho do cavaleiro convém que antes seja súdito que senhor, e que saiba servir ao senhor, pois de outra maneira não conheceria a nobreza de seu senhorio quando fosse cavaleiro (LLULL, 2010, p. 19).

Com a preocupação do desenvolvimento de jovens cavaleiros, o manual do autor traz os aconselhamentos para o crescimento dessa criança, pois, ao educar dentro das normas necessárias para a Cavalaria, saberia se impor mediante suas ações para com uma sociedade.

Para o romance de Bédier (2012), percebemos tais relações no início da obra. Após a morte dos pais do futuro cavaleiro, seu tio, Rei Marc, assume o lugar de responsável e preceptor de Tristão, passando ao mesmo as relações virtuosas e a conduta de um cavaleiro.

A afirmativa do autor nos demonstra que essa relação do aprendizado desde cedo levaria o futuro cavaleiro a compreender as formas de conduta e ações não apenas como um ouvinte passivo, mas na execução de seus deveres, como demonstrado na citação acima.

Llull (2010) traz a relação da escolha dos cavaleiros, pois, para que o homem conseguisse entrar para uma Ordem de Cavalaria, ele deveria ser escolhido entre mil homens, possuindo características da nobreza: o mais corajoso, o mais amável, leal, o mais sábio, forte, e ainda, ter polidez ao modo de se portar. Ao encontrar o homem possuinte dessas características, notoriamente ele seria respaldado de Virtude e Honra.

Questões sobre a virtude ao longo da vida de um cavaleiro não foram tratadas somente nos romances de cavalaria, pois, diversos pensadores trataram sobre esse

assunto. Um exemplo deles foi Tomás de Aquino (2012), que desenvolveu a concepção de Virtude e a necessidade de os homens serem virtuosos:

Além do mais, quanto mais algo é semelhante a Deus em nós, tanto é melhor. Ora, nos assemelhamos maximamente a Deus enquanto estamos em ato, porque Ele é ato puro. Logo, o ato é o ótimo daquilo que há em nós. Ora, as virtudes são os bens máximos que há em nós, como diz Agostinho no livro *Sobre o livre Arbítrio*. Logo, as virtudes são atos (AQUINO, 2012, p. 10).

Segundo Aquino (2012), o homem que age por meio de atos honrosos está no caminho certo para com as virtudes e as leis da igreja, conseqüentemente, na concepção de Llull (2010), esses eram os comportamentos que deveriam ser o caminho da Ordem de Cavalaria.

Para Llull (2010), não existe cavaleiro que não segue as leis e, principalmente, as virtudes. Com isso, o autor afirma que todos os que são ordenados, necessariamente, precisavam conhecer as virtudes, pois assim seriam alimentados de conhecimento, mas, sobretudo, dos bons costumes.

Na relação de virtudes utilizada pelo autor, ele traz sete principais, que se subdividem em virtudes cardeais e teologais. As virtudes cardeais são temperança, justiça, fortaleza e a prudência, enquanto que as teologais são a fé, caridade e a esperança. Sendo assim, o homem que segue esses 7 princípios, como consequência, seria virtuoso e teria moral. Não nos aprofundaremos nesse instante em questões de cada virtude, visto que, no momento seguinte, faremos um levantamento sobre elas.

Em relação às virtudes, Llull (2010) demonstra as características para um cavaleiro, que toma suas atitudes por meio de atos respaldados na virtuosidade, fugindo de caminhos tortuosos que o levariam aos vícios e atos que o afastariam de Cristo.

No *Livro da Ordem da Cavalaria*, Llull (2010) discorre instruções não somente para o cavaleiro, mas também para a Cavalaria de modo geral. Esse autor enfatiza que o único meio que a Ordem de Cavalaria teria para se promover seria pelo uso do conhecimento, para assim seguirem pelo caminho virtuoso em sentido ao bem.

Por intermédio do descrito ao longo do texto de Llull (2010), encontramos apontamentos que serão importantes ao desenvolver a análise na segunda seção do trabalho, pois o autor traz pontos que serão de grande importância para a leitura e interpretação de *O Romance de Tristão e Isolda*.

2.5 A VIRTUDE EM ARISTÓTELES E EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Virtude é uma palavra usual, até nos dias atuais, mas, será que essa relação de virtude Medieval condiz com a concepção atual? De acordo, com o dicionário, o termo pode ser descrito como: “1. Disposição firme e constante para a prática do bem. 2. Força moral. 3. Ato virtuoso. 4. Qualidades próprias pra produzir certos efeitos. 5. Causa, razão. 6. Validade, e legitimidade” (FERREIRA, 2010). Se aprofundarmos essa relação, encontraremos “fragmentos” conceituais relacionados à virtude atribuída aos cavaleiros.

Para melhor entendimento da relação da virtude com a formação do cavaleiro, contextualizaremos o tema sob o olhar de Aristóteles (1991) com a obra *Ética a Nicômaco*, e São Tomás de Aquino (2012- 2015) com as obras *As Virtudes Morais* e *Suma Teológica*. Faremos o uso de tais obras, pois Aquino se fundamenta em Aristóteles para tratar das virtudes.

Aristóteles (1991) é um dos filósofos clássicos que trata sobre a civilização no Ocidente e, principalmente, na obra *Ética a Nicômaco*, aborda considerações relevantes sobre o que é ética. Nessa obra, o autor desenvolve dois conceitos: *Eudaimonia*, que envolve a formação do caráter do ser humano; e *Aretê*, que é vinculado às virtudes.

No decorrer dessa pesquisa, ao analisarmos a forma como Aristóteles e São Tomás de Aquino tratam da conduta humana, relevamos sobre a importância da formação do homem atrelada a uma conduta de excelência cotidiana, com os princípios da bondade vinculados a uma vida virtuosa.

A ética, para Aristóteles (1991), tem relação com o movimento, pois o seu desenvolvimento não ocorre por meio de uma receita pronta, e sim através de um pensamento bom. O autor amplia e aperfeiçoa o seu texto na busca de questionamentos que se baseiam em como viver bem, a busca pela felicidade e a satisfação. Ao desenvolver esses questionamentos, o intuito dos escritos é fazer com que os leitores passem a refletir sobre os seus atos para ter uma vida virtuosa.

O pensamento de Aristóteles é a busca da formação de homens bons, desenvolvendo homens que agem de forma sublime, respaldados em uma vida sem excesso e sem escassez: a boa vida. O objetivo é o desenvolvimento de uma vida feliz ponderada, que tenha um meio termo, na qual as virtudes estejam centralizadas.

O aprendizado das virtudes é algo que, com o passar do tempo, vai se tornando natural, pois é voltado para a decisão direcionada para a justiça por meio das regras de moral de uma sociedade.

Aristóteles defende que o homem está em uma busca incessante pela felicidade, e que essa só é alcançada por meio da racionalidade, sintetizada como o viver por meio da virtude.

A formação das virtudes no ser humano acontece pela prática de boas ações que, aos poucos, naturaliza-se nos atos de quem as aprende, tornando o homem ético e virtuoso.

De acordo com Aristóteles (1991), não é a virtude que molda o homem, mas sim as suas atitudes que irão demonstrar se ele é virtuoso. A virtude proporciona a felicidade atrelada ao meio termo de atos externos, seguindo a via racional e moral. As virtudes para Aristóteles (1991) são:

[...] de duas espécies a virtude, intelectual e moral, a primeira, por via de regra, gera-se e cresce graças ao ensino — por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, donde ter-se formado o seu nome por uma pequena modificação da palavra (hábito). (ARISTÓTELES, 1991, p. 27).

A moral tem seu campo de atuação dentro da parte irracional do ser e envolve os atos impulsivos, passionais e exagerados.

Por outro lado, se as virtudes dizem respeito a ações e paixões, e cada ação e cada paixão é acompanhada de prazer ou de dor, também por este motivo a virtude se relacionará com prazeres e dores. Em relação a esse sentimento do prazer e da dor, é comum o homem tornar-se bom ou ruim, pois é a busca desses sentimentos de forma brusca e desmedida, que o afasta de uma real felicidade (ARISTÓTELES, 1991, p. 30).

Podemos relacionar essa medida de irracionalidade com os atos da paixão excessiva, que podem proporcionar momentos agradáveis ou fortemente dolorosos. Nesse ponto, a real importância da virtude moral encontrada em Aristóteles (1991) é a afirmação e a negação do desejo, da fuga e da escolha como um desejo deliberado. A prática perfeita da moral só acontece por meio da sabedoria, cujas escolhas acontecem com a análise das situações:

A afirmação e a negação no raciocínio correspondem, no desejo, ao buscar e ao fugir; de modo que, sendo a virtude moral uma disposição de caráter relacionada com a escolha, e sendo a escolha um desejo

deliberado, tanto deve ser verdadeiro o raciocínio como reto o desejo para que a escolha seja acertada, e o segundo deve buscar exatamente o que afirma o primeiro. (ARISTÓTELES, 1991, p. 122).

Com a afirmativa do autor, entendemos que o desejo se torna a ação mediadora para o alcance da virtude, sendo essa emoção a dosadora para a escolha dos meios, não pecando para o excesso e/ou a falta de ações.

Ao analisar o pensamento aristotélico, percebemos que para o ser humano viver moralmente em relação às virtudes, ele deve sempre refletir sobre seus atos, agindo sobre sua realidade com ponderação ao meio termo, fugindo dos excessos e/ou falta de ações.

Ao viver dessa forma de pensamento, irá conseguir se esquivar de relações que o leva ao erro. Como citado por Aristóteles (1991), ao agir sem pensar, no fogo da paixão, provavelmente, o homem vai cair no erro, pois o mesmo não refletiu sobre as ações que poderiam ser tomadas.

A moral não nasce com a criança e nem ocorre no ser humano com o simples fato de se tornar homem, é como em um jardim, pois você prepara a terra, planta as sementes e as rega. Assim, o quadro a seguir apresenta as virtudes morais para Aristóteles (1991), embasando-nos nos escritos do autor para compreender essa relação da emoção e as ações demandadas pelas virtudes.

Quadro 1 – Virtudes Morais para Aristóteles (1991)

Virtudes	Emoção dosadora para alcançar a virtude	Ação da virtude
Coragem	Desejo	Ação de agir acima do medo, intimidação ou temor.
Justiça		Atua de modo justo, evitando ações tortuosas e injúrias, além de dar a Deus e ao próximo o que é de direito.
Temperança		Age de acordo com a balança equilibrada, ou seja, não deixa o indivíduo pecar por conta do excesso e/ou escassez de atitudes.
Prudência		Agir mediante suas ações por meio do seu conhecimento do bem e o mal, virtuoso e vicioso.

Fonte: adaptado de Aristóteles (1991).

Como exposto no quadro sobre meio termo (neste caso, o desejo), compreendemos que a virtude fica localizada ao meio termo, visto que o homem

virtuoso dosa suas ações não indo ao excesso e muito menos para a falta de ações, a essa colocação é corroborado por Aristóteles (1991).

Porque, sendo a virtude uns meio-termo em relação a ambos, ele fará ambas as coisas como deve; porquanto essa espécie de receber acompanha a reta ação de dar, e o que não é dessa espécie opõe-se a ela; daí o dar e o receber que acompanham um ao outro estarem simultaneamente presentes no mesmo homem, o que evidentemente não acontece com as espécies contrárias (ARISTÓTELES, 1991, p. 73).

Ao correlacionarmos as palavras desse autor à metáfora do jardim, a virtude acontece com a dose certa de água, pois a falta pode não germinar a planta e o excesso pode levar ao apodrecimento da raiz. Contudo, com a dose certa de líquido, as plantas nascem e florescem. Aristóteles (1991) analisa que o desenvolvimento das virtudes morais acontece como um exercício, que só podemos chegar à perfeição com a prática das ações.

A importância da obra de Aristóteles se encontra na caracterização dessas virtudes, mostrando-se presente na vida do ser humano por meio de suas ações e as práticas diárias.

Em relação a esse sentido da descrição das virtudes, apoiamo-nos em Aristóteles (1991) para desenvolver o quadro a seguir, observando o que é o campo de ação de cada uma, não tendo, nesse primeiro momento, a intenção de focalizar o estudo em cada uma das virtudes observadas no quadro.

Quadro 2 - Virtudes Intelectuais para Aristóteles (1991)

Virtudes	Subdivisão	Ação da virtude
Teóricas	Sabedoria	Hipóteses que não ficam sempre evidentes, que por meio do discurso são demonstradas, desenvolvendo a relação de como resolver o problema.
	Ciência	Aprendizado sobre as coisas que estão a seu meio, seja em ação ou aprendizado intelectual.
Práticas	Arte	Relaciona diretamente com o fazer, ou seja, envolvida com as técnicas de criação elementos físicos na humanidade.
	Prudência	Razão de como agir mediante as decisões tomadas, se relacionando diretamente com a ética do ser humano.

Fonte: adaptado de Aristóteles (1991).

Como observado, a Virtude Intelectual está relacionada ao aprendizado, logo, para o seu progresso, há a necessidade de tempo e experiência para que possa acontecer. Essa virtude também não nasce com o indivíduo, visto que é o fruto de aprendizado e se transforma com o amadurecimento intelectual do ser humano, “Por tudo isso, evidencia-se também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza; com efeito, nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza.” (ARISTÓTELES, 1991, p. 27).

Das virtudes intelectuais mencionadas por Aristóteles, temos duas que são representadas de forma prática: a Arte e a Prudência (esta será discutida nos conceitos de Aquino). A arte vai pelo viés da criação do belo, indo de objetos, arquitetura até o discurso:

A sabedoria, nas artes, é atribuída aos seus mais perfeitos expoentes, por exemplo, a Fídias como escultor e a Policleto como retratista em pedra; e por sabedoria, aqui, não entendemos outra coisa senão a excelência na arte. Mas a certas pessoas consideramos sábias de modo geral e não em algum campo particular ou sob qualquer outro aspecto limitado. (ARISTÓTELES, 1991, p. 127).

A partir da afirmação de Aristóteles (1991), podemos exemplificar que a pessoa pode aprender, assim como, a arte busca conhecimento na arquitetura. Esse autor ainda coloca que ser humano pode nascer com pré-disposição para o desenho, porém esse conhecimento específico é internalizado ao longo de uma vivência que torna a aprendizagem significativa. Aristóteles (1991) expõe sobre outras formas de arte como cozinhar e a manipulação de perfumes, que são formas de representar o belo, porém proporcionam prazer ao outro.

A arte para Aristóteles (1991) assemelha-se às ciências. Ao analisarmos esse pensamento mediante a virtude, tanto a arte quanto as ciências estão para ensinar, pois todo ser humano, de acordo com esse autor, nasce pré-disposto a aprender, e, ao longo de sua convivência com as mesmas, aprende o que está em seu meio.

Segundo esse autor, a arte proporciona, por meio de um singelo traço, o direito de manifestar um desejo. A ciência, pela via da manipulação de um fármaco pelo boticário, transcorre a alquimia, que é puro conhecimento.

Para o artista, em específico, ensinar do traçado mais simples ao mais sofisticado, demanda conhecimento: tanto quando envolve a composição de cores de sombras, quanto ao instruir a manipulação das ferramentas do ofício para fazer uma escultura.

As virtudes, para Aristóteles (1991), fazem uma distinção em seus planos, pois temos as virtudes da moral e a intelectual. As da razão (moral) são mediadas pelo uso do meio-termo, utilizando sempre a percepção do escasso e do excessivo, já as teorias envolvendo as virtudes intelectuais fundamentam diretamente a ação, ou seja, fundamentam a execução e manipulação das coisas.

O desenvolvimento das ações das virtudes do intelecto em São Tomás de Aquino se pauta em Aristóteles para avançar a sua teoria mediante as virtudes do homem.

A forma em que São Tomás de Aquino (2012- 2015) trabalha com as virtudes em seus textos, nos possibilita pensar que, quando ainda somos pequenos, mesmo inconscientemente, somos levados a responsabilizar o desenvolvimento do intelecto e da moral aos atos que envolvem a educação.

Num primeiro momento, a criança aprende nos lares, com a cultura e as relações familiares, que são peculiares a cada família. A partir desse primeiro convívio, a aprendizagem começa a ser potencializada nos ambientes escolares e, aos poucos, os princípios éticos são internalizados por meio do convívio social.

Sobre buscar compreender as relações aristotélicas e de Aquino, mesmo que os momentos sejam diferentes e que as exigências sejam outras, a conduta moral e ética dos homens permanecem independente do momento histórico que estão vivendo. Não estamos fazendo anacronismo, mas, sim, tentando entender que no passado, no presente ou no futuro (provável), a sociedade precisa de boas relações, de comportamentos que visem o bem comum e atitudes que ultrapassem a paixão do egoísmo e aja com sentimentos para o coletivo.

Podemos olhar o passado e refletir o presente, pois, por mais que o homem crie para o presente, não há como esquecer o desenvolvimento que o fez o 'homem' do presente. Segundo Bloch (2001), o estudo sobre os caminhos tomados em períodos anteriores favorece a compreensão das relações dos homens no seu tempo.

Destarte, observar sobre as questões das virtudes no passado, apesar de não termos mais as mesmas relações que os cavaleiros do século XII, nos faz compreender que essas relações mudaram, mas que os conceitos de Ética e Virtude, se perpetuam.

As questões trabalhadas por São Tomás Aquino sobre esse assunto(?) nas obras *Suma Teológica* (2015) e *As Virtudes Morais* (2012), são ilustradas nas novelas de cavalaria, por meio das ações apresentadas no contexto dos romances pelos

personagens, como, em nosso caso, no texto de Bédier (2012). As virtudes são o princípio da formação do cavaleiro dos séculos XII e XIII. Os personagens demonstram fidelidade a Deus e ao seu senhor, além das outras virtudes que são apresentadas no decorrer dos romances.

Dentre as virtudes que são representadas pelo cavaleiro, destacamos algumas designadas como cardeais, representadas por São Tomás de Aquino (2012), como uma relação de que “os valores” acontecem de acordo com um exercício constante na vida.

A relação posta pelo autor sobre as virtudes refere-se ao comportamento voltado para a fé em Deus, de forma que quem segue essas regras está exercitando a sua comunhão com o divino. Com isso, torna-se responsável pelas suas ações, com o dever de agir para o bem e fugir do pecado e das tentações mundanas.

São esses exercícios envolventes que norteiam a moral e a regra dos bons costumes. São duas formas de desenvolver os hábitos. Uma vincula os bons hábitos à virtude. A segunda, os maus hábitos, relacionados aos vícios. Os hábitos estão presentes nas novelas cavaleirescas e os personagens apresentam como afastar ou aproximar o cavaleiro das virtudes.

Os vícios são observados com mais clareza nas obras desenvolvidas entre os séculos XV e XVI. Temos o exemplo do romance *Amadis de Gaula* na versão de Garci Rodrigues de Montalvo (2008), que mostra Amadis, personagem principal, em vários momentos se afastando das virtudes e preservando os Vícios da Inveja, do Egoísmo.

Dentre os maiores erros do cavaleiro Amadis, observamos no contexto que o guerreiro se lamenta, ao longo do romance, por não ter conseguido manter seus valores como a Honra e o Amor.

Em meio a seus vícios e o seu maior temor, Amadis busca a sua conciliação ao divino, refugiando-se na floresta para que, dessa forma, conseguisse recuperar a dignidade. Os vícios também são exaltados pelos cavaleiros de séculos anteriores, exemplo: XII e XIII, porém, as virtudes se sobressaem perante eles.

Na Suma Teológica de Aquino, encontramos uma relação entre o pecado e os vícios, em que afirma:

[...] devemos tratar dos vícios e dos pecados. E, sobre esta questão há seis pontos a considerar. Primeiro, dos vícios e dos pecados em si mesmos. Segundo, da distinção deles. Terceiro, da comparação deles entre si. Quarto, do sujeito do pecado. Quinto, da sua causa. Sexto, do seu efeito (AQUINO, 2015, p. 1306).

Existem dois tipos de hábitos: o hábito bom e o hábito mau. Poderá ser virtude se o ato for bom, será vício se for mau. Em conformidade com os bons e maus, o autor justifica:

Por onde, segundo estas considerações, à virtude se contrapõe tríplice oposição. — Uma é a do pecado, oposto àquilo a que a virtude ordena, pois, propriamente, ele implica um ato desordenado, assim como o ato da virtude é ordenado e devido. — Em seguida, a malícia se opõe à virtude, que por essência, implica uma certa bondade. — Ao passo que o vício se opõe à essência direta da virtude; pois, o vício de qualquer coisa consiste em ela não ter a disposição que lhe convém à natureza (AQUINO, 2015, p. 1366).

O vício e a virtude vão além do certo e do errado. O autor demonstra que em meio aos vícios pode ser encontrada uma virtude. Não tornando o ser humano ausente das virtudes por um erro ou algum vício que ele tenha:

Respondo, dizendo, que o ato vicioso exclui diretamente o ato da virtude por um modo de contrariedade; mas exclui o mesmo hábito da virtude por acidente, enquanto é separado da causa da virtude infusa, isto é, de Deus. Por isso, se diz em *Is 59, 2: São vossos pecados que colocaram uma barreira entre vós e vosso Deus*. E por causa disso, as virtudes adquiridas não se perdem por um só ato vicioso (AQUINO, 2012, p. 13, grifo do autor).

Nessa perspectiva, o homem passa a perder o que o torna virtuoso, porém, ao se retratar e conseguir encontrar o erro, desvincula-se do vício e passa a desenvolver a virtude.

As relações dos vícios compreendem a liberdade, o envolvimento com ciclos viciosos está em linhas paralelas ao descontrole do homem, que, por suas ações, desenvolve atos responsáveis pela degradação da natureza.

Essas atitudes fazem com que o homem se distancie de tudo aquilo que pudesse proporcionar felicidade, levando-o à dor e à perturbação. Entende-se assim que a relação de vícios vai muito além e apresenta-se complexa.

A formação de um ciclo de vícios não está configurada apenas no desenvolvimento de excessos. Essa relação vai ao encontro da falta, pois os próprios atos podem ser virtuosos ou ser viciosos.

A alimentação pode ser um ponto chave para compreender essa dualidade. O ato de o ser humano alimentar-se de forma excessiva, está relacionado ao vício, que se identifica com o ato de a pessoa que se ausenta de alimentação por vontade

própria, não atendendo as suas mínimas necessidades. O ato virtuoso seria alimentar-se com equilíbrio.

Aristóteles (1991) defende em seu plano que o sucesso dos seres humanos não está em acertar ou errar, mas de estabelecer um equilíbrio entre as relações. Não desenvolver o erro e ter a noção do que está errado é importante, pois a condução das ações do ser humano torna-a virtuosa ou viciosa.

De acordo com esse autor, o ser humano não nasce com a essência virtuosa. Esses caminhos acontecem ao longo do convívio com as outras pessoas em busca da felicidade, sendo este fator a sua essência.

Em meio a essa busca, o homem aprende as virtudes e se desvincula dos vícios, dessa maneira, alcança a Eudaimonia que, para Aristóteles (1991), tem o significado de viver bem, buscar o bem supremo, podendo ser entendida como a felicidade verdadeira.

E as mais valiosas dentre elas são mais duráveis, porque os homens felizes de bom grado e com muita constância lhes dedicam os dias de sua vida; e está parece ser a razão pela qual sempre nos lembramos deles. O atributo em apreço pertencerá, pois ao homem feliz, que o será durante a vida inteira; porque sempre, ou de preferência a qualquer outra coisa, estará empenhado na ação ou na contemplação virtuosa, e suportará as vicissitudes da vida com a maior nobreza e decoro, se é 'verdadeiramente bom' e 'honesto acima de toda censura' (ARISTÓTELES, 1991, p. 21).

Nesse sentido posto pelo autor sobre os extremos, conseguimos notar que, por mais que os atos viciosos sejam capazes de sanar desejos, em um determinado tempo, essa ação se tornará monótona, fazendo com que o atuante busque mais vícios para se satisfazer novamente.

De acordo com o pensamento de Aristóteles (1991), a felicidade só será alcançada por meio de ações virtuosas, ou seja, ao desenvolver o vício, o agente da ação não irá encontrar a felicidade.

Para Aquino (2015), as virtudes são tomadas como um ensinamento para o caminho certo em uma sociedade, pode-se dizer que é mediante a sua relação com atos corretos e longe de vícios que o homem aperfeiçoa sua afinidade com a virtude.

Sendo assim, o pensamento do autor nos leva a compreender que o sujeito se torna a sua própria intelectualidade, ao desenvolver suas ações e, ao cometer tais práticas do bem, afugenta-se dos vícios, chegando a uma vida virtuosa.

Como colocado entre a afetividade e a razão, em relação ao Amor, percebemos que o indivíduo que faz uso do sentimento com cautela demonstrará de forma virtuosa, porém, se ele faz o emprego de seu sentimento ao extremo, a virtude logo se tornará um vício.

Ao desenvolvermos a interpretação tomasiana nas questões que envolvem as virtudes, observamos o mesmo sentido que envolve as questões do bom senso relacionando com a falta de ação e o excesso de ações, observadas em Aristóteles (1991).

Para o desenvolvimento da tabela a seguir, debruçamo-nos na interpretação dos textos de Aquino (2012-2015) para assim compreender os vícios de cada virtude, levando em consideração que nos aprofundaremos na discussão, nas virtudes da Prudência e Fortaleza ao longo da discussão.

Quadro 3 – Relação de Vícios e Virtude

Vício por falta	Virtude	Vício por excesso
Moleza	Prudência	Ambição
Insegurança	Fortaleza	Egoísmo
Hostilidade	Justiça	Inveja
Insensibilidade	Temperança	Libertinagem

Fonte: adaptado de Aquino (2012; 2015).

Ao fazermos um paralelo entre Aquino (2012) e Aristóteles (1991), percebemos que a moderação é o caminho para uma vida de virtudes, pois o excesso ou a ausência de atos pode levar ao vício, assim como a falta de atitudes. Assim, justificamos a disposição das virtudes em meio aos vícios, pois, como defendido pelos autores, a virtude é o meio termo das ações do homem.

A título de exemplo, podemos compreender como vício as ações do ser humano que busca artifícios demasiados como a beleza exagerada. Logo, ao analisar a situação, o mesmo estará pecando por excessos indo em direção à vaidade. Já a pessoa que não se cuida está em Vício pela Modéstia, todavia aquele que se cuida no meio termo, em harmonia em seu corpo e espírito, estará sendo virtuoso, cumprindo Magnificência defendida por Aristóteles (1991).

Como observado no quadro, para Aquino (2012), são quatro as virtudes cardeais segundo o filósofo: a Prudência, a Justiça, a Fortaleza e a Temperança, porém é posto por ele que a Prudência era a maior virtude. De acordo com as

concepções tomasianas: “A la prudencia, el a orden, dirigido contra la ignorancia. A la justiça, la penitencia, dirigida contra el pecado mortal. A la templanza, el matrimonio dirigido contra la concupiscencia. A la fortaleza, la confirmación, dirigida contra la debilidad.” (AQUINO, 1994, p. 551)¹³.

Ao buscarmos o significado da palavra Prudência, compreendemos que o conceito se refere ao distanciamento de tudo aquilo que possa levar uma pessoa ao erro. Essa virtude tem relação com a percepção do que está sendo formado no ser humano por meio da razão, do instinto responsável e por demonstrar o caminho a ser percorrido.

Ao conhecer o sentido da Prudência, podemos referenciá-la ao cavaleiro e o cavalo. Em uma possível análise e fundamentada na perspectiva tomasiana, as paixões seriam o cavalo e a razão significaria o cavaleiro, responsável por exercitar e domar o seu animal (paixão) de forma arbitrária. Ao pensarmos dessa maneira, a virtude entraria como o domínio do homem por meio de sua razão, não estando à deriva de suas paixões.

No entanto, há certo ato da virtude que, quando é completo, é essencialmente a própria felicidade, a saber, o ato da razão ou do intelecto. Pois, a felicidade contemplativa não é outra coisa que a contemplação perfeita da suma verdade, enquanto que a felicidade ativa é o ato da prudência, pelo qual o homem se governa a si e aos outros. Contudo, na felicidade há algo de certo modo perfectivo da felicidade, isto é, a deleitação, que aperfeiçoa a felicidade, como a beleza à juventude, como se diz no livro X da *Ética* [68], e isso pertence à vontade (AQUINO, 2012, p. 38-39).

Pela Prudência, o ser humano não é guiado pelos devaneios de uma paixão, visto que recorre à razão para poder se fortalecer contra os ciclos viciosos que são os responsáveis pela perda de qualquer virtude, sendo a Prudência a encarregada pela decisão correta.

Nessas decisões que envolvem diretamente a Prudência, a forma que Aquino (2012) a descreve pode ser entendida como a arte de decidir corretamente. O autor nos leva ao entendimento de que ela proporciona ao indivíduo uma única busca de como desenvolver suas relações, sem ser movido pelas emoções, mas, diretamente, com base na realidade que cerca as suas relações, pela via do conhecimento.

¹³ “À prudência, à ordem, dirigida contra a ignorância. Para a justiça, penitência, dirigida contra o pecado mortal. Para temperança, casamento contra concupiscência. À frente, eles confirmaram dirigido contra essa fraqueza.” (AQUINO, 1994, p. 551, tradução nossa).

Ao internalizar o sentido semântico da palavra, percebemos que a Prudência envolve diretamente o sentido de cautela. Para ilustrar: pensemos numa pessoa que busca ser sensata ao promover relações pessoais e atitudes.

Para esse desenvolvimento, compreende-se a virtude como: “[...] sujeito da razão prática. E a perfectiva de todas as virtudes morais que estão na parte apetitiva, cada uma realiza a inclinação do apetite em algum gênero do bem humano.” (AQUINO, 2012, p. 42).

O sujeito permeia situações de forma que consegue analisar todos os relacionamentos que estão à sua volta, precavendo-se de momentos difíceis ou situações complicadas. Com relação ao sentido virtuoso, a Prudência busca o domínio do ser humano no agir controlado, decidindo suas ações pela ausência de interesses próprios, oportunistas e preconceituosos.

No entanto, acontece que cada uma dessas coisas se faz de muitas maneiras, e não do mesmo modo em todos os homens. Por isso, para que se estabeleça o modo reto, se requer a Prudência do juízo. E dessa forma, pelo mesmo motivo se dá a retidão e a consumação da bondade em todas as outras virtudes. Por isso, diz o Filósofo que na virtude moral o meio termo se determina conforme a reta razão. E porque a partir desta retidão e consumação, todos os hábitos apetitivos adquirem a índole da virtude, então a prudência é a causa de todas as virtudes da parte apetitiva, as quais se dizem morais enquanto são virtudes. E por causa disso, diz Gregório no livro XXII da *Moral* que as demais virtudes, a não ser que aquilo a que apeteçam o façam prudentemente, não podem ser virtudes de nenhum modo (AQUINO, 2012, p. 42).

Entendemos que o liame entre a Prudência e a busca da transformação da realidade, referente a uma decisão, antes de desenvolver ações, exemplifica a relação entre o bem e o mal. Se o indivíduo desenvolve suas ações sabendo que existem as duas propostas, como o bem e o mal, e o mesmo não deseja realizar o lado positivo, então, não existe a presença da virtude da Prudência. Assim, a relação de Prudência e as ações seriam como uma busca virtuosa concreta, com a inteligência voltada para o bem.

O desencadear das virtudes na visão de Aquino volta diretamente ao aperfeiçoamento do ser humano em relação ao seu interior, seu espírito. Das virtudes propostas pelo autor, temos a Fortaleza como a força do espírito compreendida ao meio de um vigor físico da matéria.

Ela é a responsável por desenvolver a saúde espiritual do ser humano, respondendo diretamente pela sustentação das virtudes que o espírito acarreta, pois é colocada como um cabo de sustentação da alma. Assim, afastando as dificuldades e os perigos graves que a pessoa possa vir a passar. “No entanto, é necessário que estejam no apetite sensitivo aquelas virtudes que se referem às paixões, como a Fortaleza em relação aos temores e às audácias.” (AQUINO, 2012, p. 38).

Justificamos que, tratar apenas duas das virtudes que Aristóteles e Aquino apresentam, como a Prudência e a Fortaleza, é relevante para percebermos a formação e o comportamento do cavaleiro, bem como as suas ações perante a sociedade e, conseqüentemente, tornar-se um modelo de homem do século XII.

2.6 VÍCIOS E VIRTUDES EM TRISTÃO E ISOLDA DE BÉDIER

Para elucidar a Prudência e as fraquezas de Tristão na versão de Bédier (2012), demonstramos suas ações no quadro a seguir.

Quadro 4 – Ações de Tristão na versão de Bédier (2012)

Escassez (moleza)	Prudência	Excesso (ambição)
O rei Marc acolheu Isolda, a loura, na praia. Tristão tomou-a pela mão e conduziu diante do rei (BÉDIER, 2012, p. 33).	Tristão cortou-lhe a língua e colocou-a no seu calção, em seguida, completamente tonto com a fumaça acre, caminhou até a água estagnada que via brilhar a certa distância, para beber. Mas o veneno destilado do dragão encandeceu-se sobre corpo e, no capinzal alto que bordejava o pântano, o herói caiu desmaiado (BÉDIER, 2012, p. 21-22).	Os amantes abraçaram-se em seus belos corpos fremiam o desejo e a vida. Tristão disse: - Que venha a morte! (BÉDIER, 2012, p. 32).

Fonte: adaptado de Bédier (2012).

Ao observarmos os fatos, começamos primeiro pela ação de prudência do cavaleiro Tristão. O mesmo ao pensar à frente, tendo uma prevenção ao rei Marc, que se encontrava em um momento que não possuía mais argumentos por não ter se casado, o cavaleiro lembra de Isolda, a Loura.

Logo, diz sobre a relação que ela poderia ter como a rainha de seu reino. Nesse momento, o cavaleiro demonstra o real sentido da virtude, pois faz o uso da sua razão e sabedoria, tendo a certeza de que poderia salvar seu Rei, conquistando a mão da jovem princesa.

Quando vai à busca da jovem e conquista sua mão com a morte do dragão, a Prudência no fato relatado se faz presente, pois o cavaleiro, ao ajudar a população do reino que se encontrava temerosa, usa de seu raciocínio para conquistar a mão de Isolda para seu tio. Ao relacionarmos com a Suma Teológica, observamos que:

Como já dissemos a prudência, propriamente, versa sobre os meios; e é propriamente, por influência dela, que eles se ordenam devidamente, para o fim. E embora certas coisas, que estão sujeitas à divina providência, sejam necessárias, em vista do fim, contudo, só os atos contingentes, susceptíveis de serem praticados, e que o homem pode fazê-los, em vista de um fim, é que estão sujeitos à prudência humana (AQUINO, 2015, p. 475).

De tal modo, interpretamos que a Prudência faz uma relação direta com o conhecimento e a sabedoria, visto que a ação dela se liga à previsão de futuras ações que poderiam ajudar o meio em comum em que o cavaleiro se encontra.

No caso desses fatos demonstrados pela virtude, percebemos que o cavaleiro toma a frente para que a população não tenha um confronto maior contra o seu Rei, visto que um dos pontos de princípios do cavaleiro é a defesa do seu Rei, da Igreja e da Ordem.

Interligados os fatos, observamos as fraquezas (moleza) de Tristão por não seguir firme mediante a prudência e por ter se apaixonado por Isolda caindo no primeiro vício por falta de atos. Entregou a dama a seu tio, tendo consciência de sua primeira traição por ter beijado a jovem.

Além disso, em segundo plano, antes de entregá-la, não pensa em como deveria agir. Assim, o argumento de quando o cavaleiro promete a morte a si mesmo, para que não tenha nada com a princesa, fica inválido e a ação não se concretiza ao longo do romance.

Seguindo para a Virtude da Fortaleza, pensando no cavaleiro, está totalmente ligada a uma das exigências da sua formação, haja vista que permite ao indivíduo não ser corrupto ou ser corrompido, impedindo devaneios contra o uso da razão. A Fortaleza serve como apoio para enfrentar momentos difíceis.

Essa virtude não está somente envolvida com a razão, mas é ela quem permeia o espírito despertando a audácia no homem quando está em situações de perigo ou na tomada de decisões, uma vez que consegue desenvolver-se em duas vertentes, a de conseguir moderar a coragem do ser humano para que não possua rompantes impiedosos e caia sobre os vícios e também ser capaz de coibir o temor do indivíduo.

Aquino (2012) escreve sobre o despertar do medo e da morte em relação à Fortaleza, ilustrando o sentido da virtude com os perigos da guerra ou de conflitos individuais, visto que é a virtude dosadora entre o perigo e a proteção.

O autor, em relação ao sentido da morte, complementa que a Fortaleza possui um bem maior, pois quando o homem consegue compreender essa virtude, passa a entender os perigos e se resguarda.

[...] em relação às que são de todas as virtudes, não poderia haver uma inclinação pela natureza, porque a disposição natural que inclina a uma só virtude, inclina ao contrário de outra virtude, por exemplo, o que está disposto segundo a sua natureza para a fortaleza, que é para alcançar coisas árduas, está menos disposto à mansidão, que consiste em refrear as paixões do irascível. (AQUINO, 2012, p. 55).

Aquino (2012) declara que a Fortaleza vai prevenir o cavaleiro contra os perigos, levando em consideração todos os tipos de vícios, pois, essa virtude é a responsável por fortalecer o corpo e o espírito do cavaleiro.

Assim, se justifica pela resistência por paixões súbitas que o corpo possa ter, que afastariam o homem do caminho do bem, ligando-o diretamente à razão, visto que os dois sentimentos estão atrelados diretamente à alma.

Portanto, possui a finalidade de permear o espírito de bondade e lealdade, pois faz com que o ser humano não perca seus sentidos em relação aos vícios, que são sempre expostos, e que podem trazer uma falsa felicidade ao viciado. Dessa forma, essa virtude traz ao homem o receio em relação à audácia.

Ainda sobre a Virtude de Fortaleza, Aquino (1992) atribui a ela subdivisões como: a magnanimidade, a paciência, a perseverança e a magnificência.

Igualmente, também parece que as virtudes morais não são um meio termo, porque algumas virtudes consistem em algo máximo, assim como a fortaleza, que é relativa aos máximos perigos, que são os perigos da morte, e a magnanimidade que é relativa às grandes honras, e a magnificência que é relativa aos grandes dispêndios, e a

piedade, relativa ao respeito máximo que se deve aos pais, aos quais nada equivalente à vida que nos deram podemos devolver. E, de modo semelhante, se dá com a religião, que é relativa à grandeza no culto a Deus, a quem não podemos servir de um modo suficiente. Logo, a virtude não está no meio termo (AQUINO, 1992, p. 94).

O desenvolvimento da Fortaleza, conforme as Virtudes Cardeais de Aquino, é a base para que a alma do ser humano possua persistência em ações do bem, repelindo, assim, o mal e aperfeiçoando o espírito, de forma que faça o indivíduo ter ações de resistência a perigos que o levariam à morte.

Ao apresentarmos algumas das Virtudes Cardeais de São Tomás de Aquino, percebemos que elas fazem ligações aos valores desenvolvidos no ser humano. A Virtude da Prudência é a razão com o agir corretamente mediante as relações ao longo de uma vida, das decisões a serem tomadas, podendo mudar a realidade ao seu redor com a decisão acertada.

A Virtude da Fortaleza desenvolve uma força interna no indivíduo, alimentando sua alma, mostrando que o caminhar deve ser sempre para frente, para que não retroceda, evitando, portanto, o perigo de morte e tragédias.

Durante toda a obra estudada, podemos perceber que diversas virtudes são apresentadas. Para isso, descreveremos três delas no quadro seguinte, sendo a Insegurança, a Fortaleza e o Egoísmo. Faz-se necessário, somente, informar que as relações virtuosas do cavaleiro não são encontradas apenas nos fragmentos utilizados nos quadros, mas também em vários fatos narrados ao longo do romance. Escolhemos tais passagens para melhor ilustrar as virtudes.

Quadro 5 – Exemplos de passagens de: Insegurança, Fortaleza e Egoísmo

Insegurança	Fortaleza	Egoísmo
“Estou cansado e moído. De que me servem estas aventuras? Minha dama está longe, nunca mais tornarei a vê-la. Por que, há dois anos, não me manda procurar pelos países? Nem uma só mensagem dela. Em Tintagel, o rei venera-a e serve-a [...]” (BÉDIER, 2012, p. 103-104).	“Três dias ele ainda demorou, sem afastar-se do país onde vivia a rainha. Mas, quando veio o quarto dia, despediu-se do monteiro que o tinha hospedado e disse a Gorvenal: - Belo mestre é a hora da tardia partida: iremos para a terra de Gales.” (BÉDIER, 2012, p. 93).	“- Belo mestre, espera sob a mata próxima. Logo estarei lá. - Onde vais? Louco, queres sem descanso procurar a morte? Mas já, com um salto seguro, Tristão tinha transpostos a paliçada de estacas. [...] Em paços ágeis e prudentes, pela vereda que antigamente a rainha seguia, ousou aproximar-se do castelo.” (BÉDIER, 2012, p. 93).

Fonte: adaptado de Bédier (2012).

Em relação à Fortaleza, ela se respalda com os princípios da formação do cavaleiro como apresentado anteriormente no texto, demonstrando que ele não se deixaria corromper mediante as ações de seu meio.

Afirmamos que as relações virtuosas do cavaleiro não são encontradas apenas nos fragmentos utilizados nos quadros, mas também em vários fatos narrados ao longo do romance. Escolhemos tais passagens para melhor ilustrar as virtudes.

Pelas atitudes de Tristão demonstradas no quadro anterior, é possível perceber que ele se demonstra virtuoso ao respeitar a decisão do Rei Marc, quando o monarca o expulsa de seu reino. Por mais que o cavaleiro se lamurie pela decisão, ele a respeita.

Segundo Aquino (2015), é pela Fortaleza que o indivíduo consegue superar as situações mais difíceis de sua vida e, no sentido que estamos utilizando, é o apego que Tristão tem por seu país natal e por seu povo. Ao acionar, inconscientemente, a virtude, o cavaleiro consegue se tornar seguro, não deixando cair nos desvaneios do desespero, fazendo com que se torne seguro e consiga caminhar contra seus vícios. Para esse sentido, há a insegurança e o egoísmo.

Ao sequenciar a leitura da obra (2012), percebe-se que Tristão se afasta da Fortaleza ao não resistir as lembranças de Isolda, dos momentos de troca de carícias vividas por onde passava. Por mais que saiba que é o errado a se fazer, vai ao encontro de sua amada. No entanto, vai tomado pelo egoísmo em não raciocinar o seu real dever em cumprir as ordens dadas por seu tio.

Já pela escassez, o guerreiro se desanima dizendo que estar longe do amor seria como viver e morrer ao mesmo tempo, já que se impossibilita de lutar contra os sentimentos por sua amante.

Por intermédio das concepções de Aquino (2012), compreendemos que cabe ao agente da ação se manter firme a seus desejos, para que, dessa maneira, consiga estar consciente, por mais que esteja em uma situação de risco, seja ela física, mental ou moral.

Compreendemos que o desenvolver das virtudes faz com que o homem atinja a consciência do “bem” nas relações sociais. A virtude é a busca incessante de crescimento por meio de ações de bondade, já que a sua real finalidade é aprimorar o homem.

3 AMOR, MORTE E AS VIRTUDES DA MULHER E DO CAVALEIRO NA OBRA TRISTÃO E ISOLDA, DE JOSEPH BÉDIER

A presente seção está desenvolvida por intermédio da análise da obra clássica *Tristão e Isolda*. Trataremos o texto, correlacionando-o com os fatos históricos, os literários do século XII e a relação que Bédier faz da obra com o seu contexto.

Descreveremos essas relações a partir dos aspectos educacionais e sociais presentes na obra, pois, a nosso ver, os textos clássicos refletem a visão que o escritor tem de seu período, expondo-a nas entrelinhas de seus textos.

“Ouvi em alegria plena e em grande aflição eles se amaram, depois morreram no mesmo dia, ele por ela, ela por ele.” (BÉDIER, 2012, p. 01). É no sentido de uma emoção eminente que o autor traz o convite para fazer a leitura de sua obra questionando: “Quereis ouvir, senhores, um belo conto de amor e de morte?” (BÉDIER, 2012, p. 01). Ele dá início à novela de amantes que levam o seu amor ao longo de emoções a dois e de um triste sofrimento, deixando em evidência as relações do amor analisado de duas formas: do amor que faz bem; do amor que machuca.

Na contextualização da obra, Bédier demonstra uma história de um amor que tem a morte como algo muito presente na relação. A visão de amor no texto pode ser dividida em dois sentidos: o da espiritualidade e o do desejo erótico.

Por meio do romance, encontramos paixões intensas de um período ou, ainda, argumentos críticos, que podem estar nas entrelinhas ou escritos de forma clara, uma vez que, Calvino (2007) ao afirmar que obras clássicas “[...] são aqueles livros quais, em geral, se ouve dizer: ‘estou relendo e nunca estou lendo [...]’” (CALVINO, 2007, p. 13). Por esse motivo, temos elas como responsáveis por nos trazer questões significativas sobre o que aconteceu no período em que foi escrita, ou seja, “[...] um clássico é o livro que não tem fim, nunca terminou de dizer tudo o que tinha a ser dito” (CALVINO, 2007, p. 11).

Embasados em Calvino (2007), observamos o sentido na obra investigada e fazemos a seguinte indagação: o que o amor de Tristão e Isolda poderia ter dito se a história não tivesse tido um final “trágico”?

Para essa interpretação ou para compreender a relação do amor em Tristão e Isolda, este estudo terá como fundamentação os escritos de Tomás de Aquino, visto que, talvez por ter vivido no século posterior ao da novela, apresenta o “amor” com

clareza e faz relações desse “apetite” como um meio de conquistas e de realizações pessoais.

Por meio da leitura das obras de São Tomás de Aquino, vamos relacionar as virtudes dos homens e mulheres dentro do século XII, tendo como principal sentido a formação desses homens em cidadãos de bem. Desenvolveremos a análise por intermédio do Amor Natural, e o Amor de Concupiscência, para assim entender os sentimentos de Isolda e Tristão, correlacionando-os com registros históricos da época em questão.

Mediante os registros históricos expostos por Le Goff (2008), a obra *Tristão e Isolda* é uma das grandes do período medieval e, em séculos posteriores, teve algumas reconstruções. Segundo Barros (1996), a obra já era conhecida mediante as lendas celtas e vários autores também reescreveram a história, além de Bédier, tais como: Bérout, Thomas, Marie de France, Eilhart von Oberg, Gottfried von Strassbourg, além da obra de Wagner.

A seguir, temos um quadro demonstrando um pouco de cada obra para ilustrar o contexto dos autores. Não temos a intenção de nos aprofundar nos escritores, já que o nosso objeto de pesquisa se qualifica no romance redigido por Bédier (2012).

Quadro 6 – Características da obra em diferentes autores

Autor	Características da obra
Bérout	“[...] O Tristão de Bérout está contido num manuscrito único. Ele se apresenta amputado do princípio e do fim. Tem mais ou menos 4.500 versos, contendo os episódios centrais da lenda. Bérout, que se imagina ter sido um “jongleur” (cantador), escreveu para(?) um público que não se interessava por detalhes, um público pouco refinado, que não apreciava as sutilezas da sociedade cortês da época. O que importava era a maneira como a história era contada – ela devia ser forte, brutal e ardente” (BARROS, 1996, p. 51).
Thomas	Na versão de Thomas, a “[...] lenda se passa na Cornualha e ele, provavelmente, conhecia a Inglaterra, porque elogia a população e a cidade de Londres. Mas não era inglês. Há forte predominância do dialeto anglo-normativo, mas o estudo da língua e da rima mostram que ele era continental e escreveu em francês arcaico do século XII. Não é improvável que ele tenha escutado a lenda na corte de Henri II e de Aliénor d’Aquitaine, principalmente por que se refere a Bréri como o poeta de Tristão e de todos os reis Bretanha. Dizem que teria sido um clérigo, pelo conhecimento da retórica medieval, pela análise dos personagens e pela abundância de reflexões morais. O que nos resta do texto de Thomas são fragmentos contidos em diversos manuscritos de Cambridge; um fragmento do manuscrito de Sneyd; um do manuscrito de Turim, um do manuscrito de Estrasburgo, que se subdivide num fragmento mutilado e num outro maior contendo o fim do poema” (BARROS, 1994, p. 67).

Marie de France	“Marie de France. A única certeza que temos sobre a primeira poetisa da literatura francesa é que ela leu os romances franceses de Tristão, e ouviu os “trovadores bretões” cantarem história de Tristão e Isolda [...]. Sua maneira de contar é de inigualável habilidade. Não é difícil descobrir por que ela escolheu esse episódio quase insignificante. Marie de France deixa ressaltar a ideia mestra da lenda – o amor como força misteriosa e indissolúvel que liga um ao outro. A originalidade do texto é a paixão que se manifesta sem as convenções dos poemas corteses. A ideia do “lai” é que o amor de Tristão e de Isolda é da mesma natureza que os laços que unem o “chèvrefeuille” (a madressilva) e o “coudrier” (a aveleira): quando um morre e o outro não pode sobreviver. Marie France fez desta ideia o centro de seu poema em dois versos de rara beleza resume toda essência da lenda.” (BARROS, 1994, p. 95-96).
Eilhart von Oberg	“[...] última contribuição do século XII para a lenda de Tristão e Isolda. É a obra de origem alemã de Eilhart von Oberg. O Tristão de Eilhart é uma adaptação dos modelos franceses, mas sua vantagem sobre estes é que o texto de Eilhart está completo. Nele vamos encontrar o princípio da história e um fim que se distancia do epílogo de Thomas” (BARROS, 1994, p. 96).
Gottfried von Strassbourg	“No início do século XI, na Alemanha, surge um novo autor para a história de Tristão, é Gottfried von Strasburg. Ele teria composto seu poema a partir do poema de Thomas. Infelizmente, é um poema incompleto. Gottfried começa pela origem do herói. A história de Rivalin e Blanche fleur é um pequeno poema. Os episódios se sucederam sem grandes modificações, mas a floresta do Morois é substituída por uma gruta no deserto. A obra está interrompida exatamente no momento em que Tristão se deixa seduzir pelo nome de Isolda das Brancas Mãos” (BARROS, 1996, p. 110).
Wagner	“Wagner começou sua composição em 1857 terminando-a em 1859. Dois acontecimentos o impeliram na escolha de Tristão e Isolda: uma paixão irrealizada por Mathilde Wesendonck, que foi causa de uma tempestade violenta na vida do autor, sacudindo-o até as raízes do seu ser, e a filosofia de Schopenhauer. A desilusão amorosa foi consolada pelo metafísico do filósofo e confirmou as ideias e crenças que ele tinha apenas de modo meio consciente, e em esboço. [...]. A ampla narrativa do romance medieval foi reduzida a três atos, contendo o núcleo principal do drama. Os três atos correspondem aos três momentos da ação: o “filtro”, o amor e a morte. A simplificação permitiu a Wagner penetrar no interior do drama. <i>Tristão e Isolda</i> é aqui o drama da paixão e da felicidade, mas é também o drama da infidelidade e da traição” (BARROS, 1994, p. 111-112).

Fonte: adaptado de Barros (1996).

Ao lermos a interpretação de Barros (1996), percebemos que cada autor possui as suas características mediante a visão da obra, alterando detalhes, seja por onde começa a trama, ou em pequenas particularidades, demonstrando as relações sociais de cada período em que o autor está vivendo. Porém, o principal de todas as linhas de reescrita do romance tem um entrelaço, não se afastando da essência da obra.

Junto a esse sentido, escolhemos a obra de Bédier, pois a consideramos a mais completa, indo do nascimento do cavaleiro até a sua morte.

A trama de Tristão e Isolda, observada de uma forma geral aos olhos de um leitor que busca apenas se deleitar com a história, passa-se simplesmente envolto de uma relação de amor que possui uma forte intensidade e correspondência entre os personagens principais. Esse amor é uma paixão avassaladora que consegue resistir a dificuldades para o desenvolvimento da relação dos dois, é uma paixão brutal que consegue consumir valores e ideais do que é certo e errado para o período medieval.

O romance relata a história da infância de Tristão, que perde seus pais no nascimento e é criado para ser um cavaleiro. O contexto da história passa a ser narrado mediante as proezas que Tristão desenvolve ao longo de sua vida, incluindo a façanha de vencer Morbolt da Irlanda e conseguir matar um dragão, arrancando sua língua.

3.1 O AMOR E A MORTE DE TRISTÃO E ISOLDA NA OBRA DE BÉDIER

Ao desenvolvermos uma análise, em quaisquer obras que são escritas na Idade Média (evidenciando em nosso estudo *O Romance de Tristão e Isolda*), são notórias as indicações de textos com sentimentos nobres, além de os contextos dessas histórias trazerem todo um imaginário do que se tinha nesse período, demonstrando os gestos de virtudes como a lealdade, a coragem, a honra e o amor.

O Amor nos textos literários medieval é sempre tratado em formato de um Amor cortês, do Amor virtuoso ou do Amor familiar. A primeira forma dita do Amor vem de destaque das cortes duais, localizadas na França de hoje. Nessa forma, a mulher se mostra independente e o homem busca seguir um caminho a se tornar merecedor do Amor de sua dama. A mulher demonstra independência em seus atos, que pode ser representada por Isolda ao longo da trama e, o cavaleiro, segue seus caminhos pautado em atos de virtude e ética, atendendo aos desejos de sua pretendente.

O Amor cortês possui duas relações: uma de um Amor que vai à essência espiritual, no qual o homem busca por meio de suas virtudes agir de forma reta para conquistar sua dama, a outra, apresenta uma faceta mais carnal, que é representada pela erotização mediante esses desejos.

A relação da história nos traz um Amor que pode ser desenvolvido e pensado como virtuoso ou como vicioso, pois para que aconteça e se desenvolva há uma sequência de vícios.

Em relação ao romance estudado, percebemos que se trata de uma história em que o Amor consegue combater quaisquer tipos de empecilhos que possam aparecer. Trata-se de um Amor no qual a coragem ultrapassa a honradez e a sublimação, sobrepondo-se às maiores virtudes.

Evidenciamos a forma de Amor encontrada nos romances do século XII, ou seja, não é para todas as obras, isto é, o Amor representado nessa lenda celta (*O Romance de Tristão e Isolda*), recontada por vários autores, inclusive no século XXI, pela autora Barros (2000), que reconta o romance para crianças e adolescentes.

Essa relação de Amor e Morte, erotizada na lenda, trata-se de um Amor mortal, que faz os amantes esquecerem de seus deveres e, principalmente, da sua ética e das suas virtudes desenvolvidas ao longo de sua educação, fazendo com que o cavaleiro renegue todos os princípios para a felicidade.

Quando esse sentimento ocorre na relação cortês dos romances, vai ao sentido contrário do que é sustentado por Aristóteles (1991). Ao interpretar esse autor, percebemos que a felicidade encontrada no romance cortês pode ser indicada como uma falsa felicidade:

Julgar pela vida que os homens levam em geral, a maioria deles, e os homens de tipo mais vulgar, parecem (não sem um certo fundamento) identificar o bem ou a felicidade com o prazer, e por isso amam a vida dos gozos [...]. A grande maioria dos homens se mostram em tudo iguais a escravos, preferindo uma vida bestial, mas encontram certa justificação para pensar assim no fato de muitas pessoas altamente colocadas partilharem os gostos de Sardanapalo. (ARISTÓTELES, 1991, p. 07).

A partir do momento em que o ser humano passa a se abdicar de suas questões éticas de formação, passa a se distanciar do caminho da felicidade. Ainda sobre esse sentido, o autor afirma que:

A consideração dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de grande refinamento e índole ativa identificam a felicidade com a honra; pois a honra é, em suma, a finalidade da vida política. No entanto, afigura-se demasiado superficial para ser aquela que buscamos, visto que depende mais de quem a confere que de quem a recebe,

enquanto o bem nos parece ser algo próprio de um homem e que dificilmente lhe poderia ser arrebatado. (ARISTÓTELES, 1991, p. 07).

Ao interpretarmos o pensamento desse autor, referente ao desejo de ser feliz, seria buscar o bem de maneira incansável. Sendo assim ao longo de ações virtuosas a pessoa consegue alcançar a sua felicidade.

Para entender a felicidade, segundo Aristóteles (1991), a conduta do Homem, em sentido ético e virtuoso, é o que vai desenvolver uma vida sublime, pois é a estabilidade e o meio termo que fazem desenvolver a felicidade do indivíduo, visto que é justamente na racionalidade que o ser humano consegue construir seu alicerce fortalecido para a felicidade. Ao tomar a razão como um dos objetos de conduta e ao exercitar a sua função com as virtudes, a sua prática torna-se aperfeiçoada, para que assim consiga alcançar uma vida feliz de maneira progressiva.

Para Aristóteles (1991), a busca da razão é um exercício de transformação do homem, pois é o executar de suas ações, com o uso da ética que o difere de outros animais que não fazem o uso da racionalidade, visto que o pensamento constitui o desejo, e a razão o conduz às virtudes para o controle de tais vontades. É por meio de tal equilíbrio que o homem se torna ético e feliz.

Com o intuito da felicidade, percebemos as excelências da alma. Esse autor, ainda, afirma que somente a racionalidade do Homem não o faz feliz, mas sim o movimento de agir com a razão, pois o que faz o Homem alcançar a sua felicidade são suas ações tomadas por atitudes de benevolência e nobreza, agregando tais sentimentos e sentidos à sua vida.

Constata-se que existe um longo caminho em fazer o uso de sua razão para assim se entender como um ser racional, que faz o uso de suas virtudes. Torna-se um caminho árduo para o comprometimento com a virtuosidade, pois somente levado pela prática teórica em sua vida é que o ser humano alcançará a felicidade.

Desenvolvendo a relação da felicidade em *O romance de Tristão e Isolda*, compreendemos que o sentimento encontrado na obra faz com que os personagens se afastem da felicidade verdadeira. Quando compreendemos essa relação defendida por Aristóteles (1991), percebemos a fuga dos personagens Isolda e Tristão dos meios que envolvem a razão, a ética e a virtude.

Os meios termos, como defendidos por Aquino (2015), acabam se dispersando ao longo da trama, pois, à medida em que os personagens vão se afastando e

abdicando das ações virtuosas, fortalecidos pelo Amor cortês, os mesmos não passam a ter uma vida feliz, mas passam a viver um ciclo vicioso em busca do Amor.

Envolvidos pela relação do amor, os personagens preferem sofrer e morrer para que esse Amor possa sobreviver após a morte e sair vencedor. Afirmado por Ariès (2017), essa é uma característica da morte nesse período, uma vez que é tratada como algo purificador do ser humano, pois, na passagem da vida para a morte, as pessoas são assombradas por um sofrimento que é capaz de purificar.

A partir disso, trataremos da morte no período do século XII, visto que é afligido diretamente a uma relação familiar. A morte, nesse período, é a transição para o paraíso, uma vida eterna doce, sem vícios, sem tristezas, onde reina, soberanamente, a felicidade. Ariès (2017) menciona o seguinte sobre o estado da morte no século XII:

Observamos que o aviso era dado por signos naturais ou, ainda com maior frequência, por uma convicção íntima, mais do que uma premonição sobrenatural ou mágica. Era algo de muito simples e que atravessa as idades, algo que reencontramos ainda em nossos dias, ao menos como uma sobrevivência [...] (ARIÈS, 2017, p. 31).

Nessa condição em que o indivíduo é capaz de prever sua própria morte, Tristão também a prevê. Ao longo do último capítulo do romance, é nítida a consciência de que não passaria mais muito tempo sobre a terra. Ao longo de uma conversa com seu amigo, ele transmite a sensação de despedida, mas acredita que, com a força do Amor que sente por Isolda, ele manterá sua alma ainda presa sobre seu corpo já moribundo.

Essa previsão aparece por meio das lamúrias que o personagem faz por estar separado de sua amada dos cabelos de ouro, Isolda; por ele querer vê-la por mais uma vez antes de seu envenenamento em um combate.

Nesse contexto, encontramos a virtude de lealdade, expressa de forma recíproca entre Tristão e seu fiel Kaherdin. É possível entender a força do Amor como uma virtude, pois, leva seu amigo a realizar o seu desejo antes da morte.

Mediante o contexto de morte na Idade Média, Ariès (2017) defende o ser humano quando está exposto a seu seio de morte, ele não faz a cogitação em evitá-la e nem se exime dela. Ele aceita, “[...] apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor [...]” (ARIÈS, 2017, p. 47).

Evidencia-se que, para o período medieval, essa relação de vida e morte é algo familiar aos homens, todos estão submetidos a chegar a essa hora, e que existe uma preocupação para que esse momento seja tranquilo.

Denotamos, ao longo da história contada por Bédier (2012), que existe uma única aflição de Tristão em seu estado moribundo: ele desenvolve a correlação da morte com a perda de rever sua amada. Assim, Tristão, a partir desse ocorrido, se encontrava “[...] fraco demais para fazer vigília sobre a falésia de Penmarch e, após longos dias, fechado longe da praia, ele chorava por Isolda que não chegava. Dolente e cansado, queixava-se, suspirava, agitava-se. Pouco faltava para morrer do seu desejo.” (BÉDIER, 2012, p. 143).

Para compreender a relação da morte com o amor, expressado no romance, fundamentaremos essa análise a partir das concepções de Aquino (2015). O personagem do cavaleiro revela que a sua vida não está assegurada pelo desejo de ter uma vida longínqua ou por medo da morte, uma vez que o que sustenta a sua vida é o amor, este que o faz resistir as dores que o envenenamento o está causando. Dessa forma, “[...] o objeto da vontade está [...] como o motivo para o móvel, conforme se vê em Aristóteles. Ora, o motivo, sendo suficiente, move necessariamente o móvel. Logo, a vontade pode ser movida necessariamente pelo seu objeto” (AQUINO, 2015, p. 999). Essa vontade de estar ao lado de sua amada, de querer se despedir é o objeto que move a sua relação com a vida e com a morte, ou seja, o desejo de se assegurar em vida para que seu anseio na hora da despedida final seja assim realizado.

Entendemos, pelos conceitos de Aquino (2015), que o homem, por meio do seu conhecimento e de sua consciência, consegue delimitar-se entre os sentidos de uma paixão, “Porque eu não faço o bem, que quero; mas faço o mal, que não quero; e isso é dito a propósito da concupiscência, que é uma paixão. Logo, a vontade é necessariamente movida pela paixão” (AQUINO, 2015, p. 1000). Compreendemos que o homem pode fazer escolhas, pode escolher agir, ou ainda se manter passivo a certas situações. Nesse sentido, pelo desenvolvimento de suas vontades e desejos, o indivíduo pode continuar vivo para desenvolver suas relações amorosas ou, ainda, tentar assegurar seu último suspiro para poder rever sua amada.

Ariès (2017) trata sobre essa conduta perante a morte nos primórdios da Alta Idade Média, pois, a partir do século XII, a relação com o pós-morte, a divindade do espírito, começa a se fortalecer. Tomás de Aquino (2015), no século XIII, trata da divinização do pós-morte, contemplando o céu ou o inferno. Tem um deslocamento

da hora do juízo final, colocado ao final do período de vida, ou seja, todo ser humano passaria por um julgamento pelo qual seriam avaliadas suas ações enquanto na terra. Do mesmo modo,

O moribundo está deitado, cercado por seus amigos e familiares. Está prestes a executar os ritos que bem conhecemos. Mas sucede algo que perturba a simplicidade da cerimônia e que os assistentes não veem, um espetáculo reservado unicamente ao moribundo, que, aliás, o contempla com um pouco de inquietude e muita indiferença. Seres sobrenaturais invadiram o quarto e se comprimem na cabeceira do 'jacente'. De um lado, a Trindade, a Virgem e toda a corte celeste e, de outro, Satã e o exército de demônios monstruosos (ARIÈS, 2017, p. 51).

Segundo Ariès (2017), essa construção acontece por meio de seres mágicos, de intenções bondosas que seriam os anjos, e os maléficos, os demônios, medindo por meio das relações do indivíduo a sua real condição, se deve ser condenado ao inferno ou absolvido para uma vida de glória e paz, atingindo a eterna plena: sem dores e malefícios ou, condenado a ter um fardo de tentações ao longo da eternidade.

Ao fazermos a relação do Amor de Ariès (2017) com *O Romance de Tristão e Isolda*, percebemos que o sentimento acontece por meio da magia, mas o fato principal é o Amor excessivo que se mostra como um fator determinante para a morte. Observa-se que esse Amor não pode ter culpa por parte dos amantes.

Esse fato é contrastado com a bebida, já que as pessoas não alimentam essa paixão dentro de si, mas sim a paixão que foi desenvolvida por conta da magia que continha dentro do vinho. Assim, alimentavam o amor, em amar um ao outro.

O Amor é responsável pelo erro, pela sucessão das traições ao longo das cenas da novela, pois não há mais o livre arbítrio com a ingestão da poção, assim, a única responsável pelo desejo acaba sendo a magia. Incapazes de ir contra o sentimento, a magia os capacita a outras ações. Ela não faz uma pessoa amar a outra, mas sim amar o desejo de amar aquele com quem partilhou a bebida.

A questão do Amor vivida entre os dois amantes passa dos limites impostos pela sociedade do século XII, percebemos isso por meio das concepções apresentadas ao longo da trajetória da trama. Estas, suscitadas a partir de episódios como, o empréstimo de Brangien, quando entrega a sua virgindade para que Isolda consiga enganar o rei Marc.

Essa relação de Amor foge donexo desse sentimento quando sacramentado e respaldado pelas reações de uma virtude, visto que Aquino (2012) trata o Amor como

algo virtuoso, que se encaixa à virtude da caridade, em que o Amor se desenvolve ao se realizar o sentimento ao próximo.

Os fatos amorosos de Tristão por Isolda vão além dessa relação. O desenvolvimento da afinidade dos dois não se encaixa em um ato da fraternidade, pois o relacionamento de ambos acaba ferindo o ego do rei Marc, ao entender que sua amada não desposava com ele, mas com seu sobrinho.

Conforme Duby (2013), não era o sentimento o maior peso para o casamento no período medieval. O sentimento era posto em segundo plano, e o matrimônio se tornava um acordo político perante as necessidades das famílias. Percebemos, claramente, essa concepção nos casamentos de príncipes e princesas desse período.

O romance trata de uma passagem relacionada ao casamento como um acontecimento para o fortalecimento das relações entre famílias. Em uma passagem de Duby (2013, p.19), ele afirma: “[...] seu pai escolheu um homem que ela jamais tinha visto e a quem foi dada [...]”. Assim acontece quando o rei Marc escolhe Isolda para se casar, fazendo com que o cavaleiro vá em busca de sua pretendida. No caso, a relação de poder não está na vontade de o rei Marc querer Isolda como sua rainha, mas sim na questão de ela não poder escolher se queria se casar ou não com ele.

Outro sentido sobre o casamento no período medieval, que vale destacar, refere-se à necessidade que a Igreja tinha de se manifestar. Observamos esse estado pela citação abaixo:

[...] a Igreja, na metade do século XII, acabava de fazer do casamento um dos sete sacramentos a fim de assegurar seu controle. Ela impunha ao mesmo tempo jamais romper a união conjugal e, contraditoriamente, rompê-la de imediato em caso de incesto, ou seja, se se verificasse que os cônjuges eram parentes aquém do sétimo grau. O que permitia à autoridade eclesiástica, na verdade ao papa quando se tratava do casamento de reis, intervir à vontade para atar ou desatar, e assim tornar-se senhor do grande jogo político (DUBY, 2013, p. 14).

O jogo político apresentado pelo autor revela que o casamento não é somente a união entre um homem e uma mulher, mas sim um dos sacramentos da Igreja: o batismo, a comunhão, a crisma e o casamento.

De acordo com Aquino (2015), a respeito desse assunto, o Amor pode existir entre o homem e a mulher, desde que seja desenvolvido ao mesmo modo do Amor que o homem tem de ter por Deus. Esse Amor é fruto de sacrifícios, ele deve ser respeitoso, não podendo ficar sobre as vontades do sagrado, não ultrapassando o

sentido da devoção pregada pela Igreja. O romance mostra o pecado dos dois amantes ao desenvolverem uma relação amorosa que traiu a confiança do rei, tio de Tristão.

Duby (2013) observa que os exemplos dados no amor, virtude e/ou vícios nas narrativas do século XII serviam como exemplos para a sociedade. As exemplificações acontecem conforme os personagens vão sofrendo suas punições ao longo da obra, como quando Isolda é largada para que os homens pudessem abusar dela, ou quando Tristão é banido do reino, demonstrando para o leitor que todos que fossem movidos por impulsos carnis, que iam contra o sentido sacro da igreja, ou de seu rei, sofreriam fortes punições.

Sobre a relação entre a política e o amor, percebemos a questão que surge do Amor de Marc a seu sobrinho Tristão. A vontade do rei era envelhecer para deixar os seus bens para o sobrinho. Esse parentesco afetivo despertava a inveja e a ambição nos outros cavaleiros.

Rei Marc, caís em grande erro; não vedes que as suspeitas destes senhores infamam-me Mas em vão preparastes este ludíbrio: irei em busca da bela dos cabelos de ouro. Sabeis que a busca é perigosa e que me será mais difícil voltar do país dela do que da ilha onde matei o Morholt; mas novamente quero arriscar por vós, bom tio, meu corpo e minha vida. (BÉDIER, 2012, p. 19).

Nessa passagem, encontramos a relação política que envolvia os casamentos de acordos, nos quais reinos buscavam se unir por meio do matrimônio. Ao mesmo tempo em que constatamos o Amor na trama pela relação fraternal que Tristão tem com seu tio antes de desposar com a jovem loura, percebemos as suas palavras como um Amor virtuoso, daqueles em que a ternura e a razão buscavam desenvolver o bem do seu próximo.

Sobre a relação de amor, percebemos a perda que Tristão tem ao desenvolver o Amor por Isolda. Segundo Aquino (2012, p. 88), para que a relação de Amor aconteça de forma virtuosa, seria necessário o desejo do fim: “No entanto, para que nos movamos retamente até o fim, é necessário que o fim seja conhecido e também desejado”. Assim, o Amor virtuoso de Tristão pelo tio se perde ao desenvolver uma relação de Amor carnal com Isolda.

A principal razão da perda do sentimento fraterno do cavaleiro para com seu tio envolve diretamente a sua relação com Isolda, fato este que começa quando os

personagens tomam o vinho, bebida que serve como um filtro mágico do Amor para que aqueles que a partilhassem se amarem.

Entendemos então, que essa relação de amor, desenvolvida entre o par romântico da trama, faz com que os limites da relação de convivência para o período sejam ignorados, pois os ideais da nobreza e da hierarquia que existiam no século XII faziam com que as vidas de ambos fossem tragadas por uma situação trágica.

A relação do Amor na obra, seja ela cortês ou fraternal, ultrapassa as normas de conduta da sociedade e das leis da Santa Igreja. Não colocamos esse fato como algo generalizado para todas as obras em questão, pois existem outros romances, como exemplo “A canção de Rolando”, que traz uma visão diferente sobre questões referentes às leis da igreja¹⁴.

O Romance de *Tristão e Isolda* não é apenas uma obra com história de amor, mas trata também de questões morais, pois apresenta fatos que demonstravam o fim de um relacionamento que não seguia as regras de moral do seu período.

Sobre o conceito de morte, percebemos que ela não correspondia ao fim, mas sim à continuação de um Amor que não poderia acontecer em vida. A morte seria como um presente para que o Amor pudesse acontecer.

Sobre as questões envolvendo o Amor e a Morte, nota-se que Bédier (2012) não está apenas buscando tratar da obra, mas a escrita do autor nos leva a compreender a relação vivida no século XII para com um Amor proibido.

O autor trata em sua obra uma busca pelas virtudes que talvez o mesmo possa sentir falta em seu período de vida e, subliminarmente, deixa descrito em seu texto. As ações de Amor que são desencadeadas por uma sequência de vícios acabam ocasionando a morte dos personagens, que sentem a falta de amar um ao outro.

Sendo assim, o Amor e a morte, de certa forma, no contexto da obra de Bédier (2012) nos levam a entender que ambos não possuem diferença em sua essência, pois como um espelho de exemplos para a sociedade que faz a leitura de sua versão da lenda celta, demonstram o erro dos personagens, buscando moldar uma sociedade em relação às virtudes e à simplicidade.

¹⁴ “Embora as origens da Literatura estejam nas lendas e nos contos celtas e suas formas nos clássicos gregos e romanos, houve a tentativa de rupturas com o, então, mundo pagão herdado. A Canção de Rolando evidencia a presença da fé cristã em todos os segmentos da sociedade, assim como reproduz o papel do cavaleiro idealizado. Na obra, as questões da Reconquista e da expansão do Cristianismo misturam-se, ao narrar a história de Rolando, herói lendário, e ressaltar a sociedade guerreira medieval, associada ao período das conquistas de Carlos Magno (séculos VIII)” (BORGES, 2011, p. 03).

Ao demonstrar os vícios ao longo da trama, vemos a parte obscura do ser humano, que muitas vezes, para conquistar o que precisa, trilha caminhos decadentes e corruptos. Em nosso estudo, isso se demonstra por meio das atitudes para conseguir a concretização do amor.

A morte entra como um contorno a essa degradação do Homem, pois como alegado por Ariès (2017), ela, por fim, serve como ponto principal para a purificação da alma e dos sentimentos dos personagens.

Desenvolvendo o confronto de tais sentidos da morte e do Amor no romance, nota-se, intrinsecamente, a necessidade do autor em transpor que os erros mediante uma vida desvirtuada levarão o ser humano a se perder, fazendo com que a morte seja o fim antecipado para que o mesmo possa se libertar de tais vícios, retornando ao estado de pureza encontrado no início do romance.

A morte caberá para a liberação da alma, pois, ao presenciar a defesa de Ariès (2017), nota-se que a mesma vai servir como um estado liberativo dos fardos vividos dos amantes, podendo viver seu sentimento em plenitude apenas no pós-morte, quando os espíritos estão livres da carne.

Esse sentido de morte não é encontrado apenas no contexto da lenda celta estudada, mas faz parte da forma que se molda a escrita de romances para adultos. Observamos o mesmo caso de morte para Romeu e Julieta, e no triângulo amoroso da história do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda, em que a morte acaba sendo a finalização do estado de dor ou sofrimento, sendo ela colocada como o final feliz do romance.

Para *O Romance Tristão e Isolda*, o sofrimento está relacionado com o conflito que o cavaleiro passa internamente. Tristão é educado para ter uma vida ética e virtuosa, mas é justamente o filtro mágico que descompensa as suas ações, levando o cavaleiro a seguir uma vida viciosa, demonstrando o seu conflito e sofrimento, pois por um lado quer Amar Isolda e por outro ser honrado.

3.2 ISOLDA EM BÉDIER, A FIGURA DA MULHER NO SÉCULO XII

Na obra *Tristão e Isolda*, vale destacar a presença feminina na trama. A readaptação do romance pela obra de Bédier (2012) destaca o papel da personagem Isolda, inclusive a coloca no título. Antes, pelas lendas celtas, o título era somente *Tristão*, ou seja, a mulher não tinha destaque, o cavaleiro era o protagonista de todo

romance. Bédier, no contexto do século XIX, muda as relações do texto e altera o nome da obra, nominando-a *O Romance de Tristão e Isolda*. Cabe, neste momento, refletirmos um pouco sobre o título, que antes recebia somente o nome do cavaleiro, mas que, agora, mostra que a mulher dos cabelos louros também tem destaque no romance.

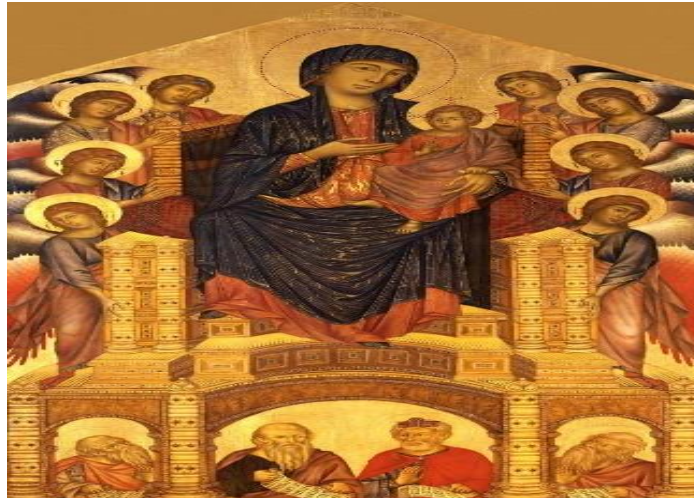
Consideramos importante destacar o papel da mulher, visto que as obras medievais, na maioria das vezes, não demonstram a sua importância nas relações sociais. Refletindo sobre essa questão, entendemos que é um equívoco dizer que a mulher medieval não teve referências significativas, por exemplo: Hildegard de Bingen (1098–1179), Marguerite Porete (1250-1310), Christine de Pisan (1363-1430), além de outras que não conhecemos a fundo, mas que tiveram relevância no desenvolvimento histórico da sua época.

Com isso, procuramos salientar o papel que Isolda desenvolveu na novela, demonstrando a força feminina de escolha que ela faz para a sua vida. O Amor é o principal motivo de luta e embates contra os desejos impostos pela família e pela sociedade. Ressaltamos que, ao tratarmos do estudo de uma obra do século XII, reescrita no século XIX, a subjetividade do autor está presente. Ao relevar a mulher e a luta pelo seu amor, talvez, esse seja o sentimento evidenciado no período de Bédier. Logo, é importante ressaltar que independentemente de o Amor ser o do século XII ou do século XIX, esse sentimento perpassa historicamente a vida dos homens e, em cada momento, atende as prioridades postas na sociedade.

Isolda demonstra um modelo de mulher que, apesar da delicadeza, beleza e da posição que tem na sociedade, extrapola algumas condutas impostas como regras do período (casamento planejado, obediência, subserviência) e luta por aquilo que considera ser o melhor para sua vida. Ao mesmo tempo que apresenta segurança para realizar um casamento exigido pelas regras de condutas do século XII, não titubeia em agir pelas vias 'ilegais' para seguir seu coração em busca do amor.

Le Goff e Troug (2006, p. 285) afirmam sobre as mulheres que, a partir do século XII, “[...] passa a sublinhar a redenção da mulher pecadora por Maria, a Nova Eva [...]”. A mulher desse século passa a ser submetida a uma relação de pureza relacionada à personagem bíblica, mãe de Jesus. A partir do século XII, artistas pintam a mulher com a delicadeza, a fragilidade e a pureza de uma santa, sempre com a imagem da mãe, cuidadora, com o filho no colo. Segue um exemplo de pintura realizada no século XIII.

Figura 2 – Pintura do século XIII



Fonte: Cimabue (2020).

Não faremos análise da imagem, mas é possível observar a mulher sendo protegida por anjos e homens que a destacam com superioridade e respeito. A imagem, a nosso ver, e sem técnica para essa investigação, transmite-nos a importância do papel da mulher na sociedade, forte como geradora dos filhos, protetora das crianças, mas com o semblante de fragilidade.

Isolda é descrita por Bédier (2012) com essas características: delicada, semblante frágil, pela branca (remete-nos à transparência, pela sua brancura), cabelos loiros como o ouro (reluz no sol), porém, ela transmite a força da mulher que se posiciona sem deixar de ser delicada e demonstrar fragilidade.

A personagem Isolda pode ser analisada de duas maneiras: primeiro, como a Isolda que teve sua história afetada pelo erro da magia (o que justifica a sua conduta) ou; segundo, como a mulher pecadora, adúltera. Ao nos fundamentarmos em Le Goff (2008), percebemos que ela poderia ser relacionada com a imagem bíblica de Eva, fruto de traição, sob a ótica de que ela é responsável por conduzir à perda das virtudes do cavaleiro e levá-lo ao desvio de conduta.

Por outro lado, ao longo da trama, também é possível tecer uma aproximação de Isolda com outra personagem bíblica. Duby (1995), pondera que a partir do século XII, já se apresentava no imaginário das pessoas do período o formato de mulher representado por Maria Madalena. De acordo com esse autor, a mesma, fazia parte do processo da educação religiosa, sendo uma das maneiras que a Igreja Católica, buscava para conseguir evangelizar.

O intuito desse processo, era de demonstrar uma mulher ideal, que conseguia se arrepender de seus atos, por mais pecaminosos que pudessem ser e, com sua conversão e arrependimento, poderia ser perdoada.

No contexto de associação entre Isolda e Maria Madalena, também se incluem questões atreladas à repressão sexual sofrida pelas mulheres do período. Ao fazer esse paralelo, Isolda era julgada por desposar ao lado de quem amava, não sendo o seu marido, e Maria Madalena por seus pecados como prostituta.

Maria Madalena, ao se converter e se arrepender dos seus atos, recebe, supostamente, o perdão e a salvação. Como ela, Isolda passa por um julgamento envolvendo a fé e, após isso, supostamente, se demonstra da mesma forma. Por fim, acaba sendo perdoada perante sua sociedade.

Le Goff (2008) relaciona com as palavras de Tomás de Aquino (2015), quando diz que a mulher foi feita da costela de Adão, não dos ossos dos pés e nem da cabeça, demonstrando, por meio dessa relação histórica, que a “[...] costela é o meio do corpo e esse gesto estabelece a igualdade entre Adão e Eva [...]” (LE GOFF, 2008, p. 122).

Sobre as mulheres, Duby (2013) trata do papel primordial exercido por Isolda na obra do século XII:

Com o passar do tempo, a atenção se deslocou insensivelmente para a figura feminina, para a personagem de Isolda que, na ópera de Wagner, no filme de Jean Cocteau, acaba por eclipsar a de Tristão, ao passo que, naquilo que era um “romance de Tristão”, toda a luz se projeta sobre o herói masculino, e pode-se até perguntar se o público não vibrava da mesma maneira, ou até mais, quando lhe descreviam minuciosamente as façanhas militares desse cavaleiro perfeito, do que ao ouvir os poetas cantarem seu furioso desejo e a ligação que o prendia inexoravelmente à amante. Seja como for, não conheço nenhuma obra literária profana datada do século XII em que a mulher ocupe tanto lugar na intriga, em que a personagem feminina seja descrita com tanto discernimento, sutileza e, cumpre mesmo dizer, delicadeza, acariciada pelas palavras que o autor escolheu. Isolda deve essa posição eminente aos efeitos do filtro. Também ela bebeu dessa poção. Partilhou-a com Tristão, o que não apenas a precipitou nos braços do herói, mas — e eis o que tornava a aventura desconcertante — colocou ambos diante do desejo, numa igualdade que negava então todo um sistema de valores que subordinavam obstinadamente o feminino ao masculino (DUBY, 2013, p. 59).

Para Duby (2013), a morte dos dois, por meio do envenenamento, mostra uma certa equidade entre o sexo feminino e masculino. O Amor vivido pelos dois estava em pé de igualdade, tanto que ambos não hesitaram em tomar o veneno para viverem juntos na eternidade.

O Homem também demonstra o seu ponto fraco, a sua fragilidade perante o amor, ou seja, se retomarmos Aquino (2015), ele afirma que esse Amor é movido pela paixão, pelo desejo e que as virtudes cardeais não estão prevalecendo nos dois amantes.

De acordo com Duby, a forma de ver a mulher como um descontrole dos sentimentos do homem era algo intencional, pois elas deveriam ser mostradas como os fantasmas da corte. Esse simbolismo se relaciona à ternura das mulheres e ao encanto, haja vista que, ao mesmo tempo que pode levar a uma representação de mãe que consegue afagar os sentimentos de seus filhos, pode também, por sua beleza e exuberância, representar uma mulher que conduz o homem à perda de virtudes.

Isolda, por ser uma futura rainha, precisava se mostrar de maneira amável a seu rei, a seu povo, mas, em contrapartida, o calor do Amor pelo cavaleiro ultrapassa os valores que ela deveria representar na sociedade. O desejo pelo Amor consegue corromper todos os seus motivos de vir a se tornar rainha.

Ao associarmos os desencadeamentos dos fatos dentro do romance, percebemos a mulher forte, valente, que buscava seguir os parâmetros de uma sociedade pautada nas virtudes envolvidas pelo Cristianismo, porém, a força de um Amor carnal fez com que Isolda se desvirtuasse.

Percebemos que essa perda das virtudes não acontece apenas pelos atos de Isolda em relação a seu par romântico. Esse desenvolvimento acontece pelo desejo carnal de ambos, demonstrando que a relação de desejo não acontece de forma passiva, pois a sedução não acontece por meio somente de Isolda nem por Tristão, a atração acontece ao mesmo tempo por ambos.

A obra denota uma diferenciação das outras escritas da época. O romance entre a princesa e o cavaleiro, o adultério e a traição de Tristão pelo tio produzem características de mudança na sociedade. Quais eram os comportamentos adequados para o momento? O Amor superava todas as barreiras visadas pelas virtudes postas na sociedade?

Não conseguiremos encontrar respostas para essas argumentações, pois o passado está posto, já aconteceu. Entretanto, a reflexão das atitudes do cavaleiro, que era um representante social, devem ser avaliadas e compreendidas por meio da análise sobre as virtudes, ou seja, sem o compromisso com algumas virtudes

essenciais, não há formação humana ou comportamentos que possibilitam a organização social.

Como já observamos anteriormente, à mulher, supostamente, é concebido o conceito de mulher no período medieval no sentido eclesiástico, como um sujeito pecaminoso ou extremamente puritano, como demonstrado acima por Le Goff (2008), que são questões levantadas dessa forma pelas escrituras da Bíblia, um dos livros de maior referência para o medievo, fato levantado pela ascensão da Igreja católica.

Tais questões se diferem da mulher do nosso período sobre questões de empoderamento, assunto tão discutido na atualidade, mas que não nos cabe entrar em tal discussão no momento. A questão da visão da mulher para muitos autores do período medieval é que a mesma fica apenas sob a guarda do marido dependendo de todas as suas ações.

A forma pela qual tratamos da mulher europeia se diferencia de outras regiões que não tiveram o cristianismo como base religiosa, pois a defesa mediante as sagradas escrituras é a visão de que a mesma deveria estar sob as regras de seu marido, caso contrário, seria julgada em questões sociais do período.

Constatamos que existem muitos trabalhos que descrevem a mulher como um ser inferior aos homens, visto que tinha espaço na sociedade, por mais que ficasse, em grande parte, exposto apenas o papel “tradicional” caracterizado naquele período. Muitas delas tinham profissão e se tornavam autônomas sem a tutela do marido, executando papéis importantes como professoras, boticárias, médicas entre outras profissões. Dessa forma, não compactuamos com a ideia que postula a mulher como inferior em relação aos homens.

Acreditamos que essa representação se deve à Igreja Católica, por possuir a maior representatividade sobre a forma de pensar da população, levando o modelo masculino de santidade se valorizar, pois a voz que guiava o pensamento dos indivíduos, geralmente, vinha dos homens da fé.

Para a visão de Bédier (2012), em sua escrita, compreendemos uma mulher que se difere em suas ações das demais, devido ao período em que o autor se encontra, no qual mulheres precisavam enfrentar cargas de trabalho em indústrias, devido à guerra e à falta de mão de obra.

Com a análise de *O Romance de Tristão e Isolda*, é nítida a força que a personagem toma ao longo da trama, passando por, praticamente, todas as formas de observar uma mulher do período.

É possível, portanto, perceber Isolda ora como princesa, que é educada para servir sua nação, ora como a senhora casada que é presa por seus súditos como uma mãe, e, por fim, como a mulher guerreira que, mesmo indo contra os princípios de uma sociedade, vai à busca de seus desejos.

Em nossas leituras, percebemos que, ao longo do século XII, com uma visão deturpada, a mulher acabava sendo inferiorizada como um mal necessário, pois é a responsável por dar à luz a novos homens.

Isolda vai contra o princípio social de que a mulher estava apenas à disposição do homem. A personagem demonstra-se, também, possuída por seus anseios, decidindo, portanto, por ir em busca de conquistá-los.

3.3 TRISTÃO: UM CAVALEIRO FORTALECIDO OU ENFRAQUECIDO PELO AMOR

Neste subitem, trataremos dos conceitos das virtudes, observando, ao longo da obra, as características que Tristão desenvolveu para uma vida virtuosa ou com vícios.

Para essa questão, o Amor será analisado com base em duas características, ou seja, com a relação de Amor fraternal de Tristão por seu tio, Rei Marc, e o Amor por Isolda. Investigaremos, dessa forma, se o cavaleiro é envolvido por força, ou se ele se perde em fraquezas, uma vez que possui o Amor que, em alguns momentos, pode ser visto como virtude, enquanto que, em outros, como um sentimento carnal, que em determinado contexto pode ser encarado como fraqueza, conseqüentemente, um vício pelas decisões tomadas.

Naquele período, os cavaleiros serviam como um modelo a ser seguido pelas pessoas daquela sociedade. Outros moldes que influenciavam exemplos de homem eram os dos monges, pois eles conseguiam afugentar quaisquer tentações que pudessem retirar o homem do caminho cristão.

Ao longo da obra, Tristão traz em suas conquistas e façanhas o desejo em servir e em partilhar suas conquistas, assim como a sua lealdade ao rei e a Deus, pois são esses fatores que fazem esse cavaleiro desenvolver a sua fama.

Tristão está sempre à frente de seu povo com o desejo de garantir suas conquistas, porém, conforme vai se desenvolvendo a trama, as atitudes do cavaleiro vão tomando rumos que fogem às regras postas pela cavalaria.

O cavaleiro traz em sua jornada fatos que demonstram a sua preocupação com a necessidade de ser virtuoso, alicerçado na justiça, na prudência e fortaleza. O Amor se faz presente com duas relações. Por um lado, desenvolve um Amor virtuoso, buscando direção reta para as virtudes, e, por outro lado, o Amor de sua amada acaba colocando obstáculos ao longo da lenda contada por Bédier (2012).

Por mais que, ao longo da história, o cavaleiro apresente ser destemido e com forte bravura, ele não está envolvido em outras tramas como um cavaleiro perambulante, que fica em busca de novas batalhas, fama e riquezas.

A glória de alguns cavaleiros era a busca pelo reconhecimento, pelos bens adquiridos, enquanto que a de Tristão era, principalmente, poder viver seu Amor em liberdade. Nessa relação, em que o cavaleiro se desdobra em meio a aventuras, é que buscamos a reflexão do nosso trabalho. Na busca para viver esse romance, Tristão passa por diversas situações que o afasta de seu relacionamento.

De acordo com a história de vida do cavaleiro, ela é acometida por uma sequência de condições marcantes: temos, logo no início da trama, a fatalidade da morte de seus pais, deixando-o, ainda menino, à deriva de uma sociedade. Por esse motivo, justamente, o nome do cavaleiro é Tristão.

- Filho, por muito tempo desejei ver-te, e vejo a mais bela criatura que mulher alguma jamais carregou. Triste trago-te ao mundo, triste é a primeira festa que te faço, por tua causa morro de tristeza. E, como vieste ao mundo por tristeza, terás o nome de Tristão. (BÉDIER, 2012, p. 02).

Justo a essas fatalidades, o menino é batizado por sua mãe em meio a lamúrias e dores. Foi por ter perdido o seu Amor que Blanchefleur o batiza como Tristão e, simplesmente, após ter recebido seu nome, sua mãe o beija e morre.

A criança foi confiada a uma família que o criou como filho. Chegado a seus sete anos, a história de Tristão é trilhada como um futuro cavaleiro, pois é nesse momento que o jovem começa a entender os aspectos das virtudes.

No texto, fala-se que Tristão passa a aprender a manusear armas, a saber apreciar uma boa fundição do ferro e a domar animais. Assim, com o passar dos anos, ele se torna um cavaleiro.

Entre as façanhas de Tristão, temos vários pontos: um deles é sobre se tornar um honrado cavaleiro da corte do rei Marc. Por Amor e defesa ao reino do seu tio,

Tristão mata o gigante Morhold e acaba sendo ferido. Nessa passagem, percebemos a relação da virtude da justiça.

Tomás de Aquino (2012) afirma que é pela virtude da justiça que o ser humano, quando a desenvolve, consegue ordenar seus atos e pensar no seu próximo. Quanto ao cavaleiro, podemos perceber que ele vai a esse combate pensando em seu povo, pela cobrança dos altos impostos que o gigante buscava.

Segundo Aquino (2012), o ser humano só passa a reconhecer seus atos de justiça quando possui a busca pela misericórdia e a liberdade. O cavaleiro buscou a misericórdia para seu povo, uma vez que além dos impostos cobrados, tributos deveriam ser entregues ao gigante, como jovens moças e rapazes. O autor afirma sobre a virtude:

Com efeito, a virtude é o hábito que sempre se inclina ao bem, porque toda a virtude confere a faculdade de agir bem; e, além disso, algumas virtudes, juntamente com a faculdade de operar bem, também fazem o bom uso do princípio operativo, enquanto fazem com que alguém use retamente a faculdade; e, desta forma, são as virtudes que se referem à potência apetitiva; como a justiça, que não só faz que o homem tenha pronta vontade para realizar coisas justas, mas também que aja por uma obra com justiça. (AQUINO, 2012, p. 21).

Ao interpretarmos as intenções do cavaleiro a esse combate, observamos pelas palavras de Aquino (2012) que é a partir desse respeito com seu próximo, velando pela vida de seu povo, que o cavaleiro, em ato de justiça, desenvolve a sua retribuição, assim, seria uma vida a desenvolver uma igualdade justa, não deixando as pessoas serem tiradas de suas famílias, fazendo com que a injustiça não ocorra. Pela busca ao bem do seu povo, portanto, compreendemos a relação da busca pela felicidade.

A esse sentido, compreendemos que Tristão se envolve em um “malicídio”, que traz a ideia de matar, para que seja estabelecida uma ordem, fato que entendemos quando Tristão mata o gigante, pois o faz para trazer o bem maior para sua população, resgatando, assim, a paz para seu povo, demonstrando a real função dos cavaleiros virtuosos.

Aristóteles (1991) argumenta que, naturalmente, todos os episódios são fadados a um fim e a forma como o homem faz para alcançar esse fim deixa claro o caráter e a ética da pessoa. Para o autor, não há nada que tenha um fim por acaso, pois, “[...] toda ação e toda escolha têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito,

com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem [...]” (ARISTÓTELES, 1991, p. 03).

Todo o formato de ações desenvolvidas pelo homem, por meio da particularidade que desenvolve suas ações, vai ser levado a um fim último que, na visão do autor, seria o bem supremo. Ainda que essa relação das ações de cada ser humano seja, tendenciosamente, particular, a mesma consegue suplantar a essa relação íntima, atingindo a todos como um bem maior.

Ainda pautados em Aristóteles, entendemos que o bem é a busca de homens e mulheres para acomodar o que há de melhor para o ser humano. Nessa procura, existe uma pureza na própria pessoa, sendo esse bem denominado como a Eudaimonia, ou seja, referida diretamente para a realização que o homem almeja atingir.

No caso de *Tristão*, vemos que as suas relações amorosas, seja pelo tio ou pela Isolda, domina o romance e as ações do cavaleiro. Desse modo, faremos um estudo sobre a virtude do Amor fundamentados em Tomás de Aquino (2015), na *Suma Teológica*, pois ele apresenta as relações do Amor baseadas na distinção entre as potências.

As potências têm subdivisões, ou seja, seria uma tríade formada pelo Amor sensitivo, pelo Amor natural ¹⁵ e pelo Amor intelectual. Na obra de Bédier, trataremos somente sobre o Amor natural “[...] este mais parece pertencer às virtudes naturais, próprias da alma vegetativa. Logo, o Amor não pertence absolutamente ao concupiscível” (AQUINO, 2015, p. 1094). No Amor natural, notamos que é mais relacionado às virtudes como a justiça e a prudência do que ao desenvolvimento delas na vida dos homens.

A importância do Amor nas ações e relações de uma sociedade explicita a relevância que o Amor natural tem entre os homens, independentemente da época em que a pessoa esteja situada.

Essa relação pode ser percebida pelos escritos de Bédier ao reescrever *Tristão e Isolda* no século XIX ou quando Tomás de Aquino escreve sobre o Amor natural, no século XIII.

¹⁵ O amor natural para São Tomás de Aquino defendido em sua obra *Suma Teológica* (2015), é aquele amor que acontece por meio da naturalidade, se justificando pelos meios, ou seja, é o sentimento que acontece mais próximo as virtudes dos seres humanos, em que não possui algo cobijado para poder desenvolver o amor.

Duby (1994), ao se referir ao século XIII, menciona que com o desenvolvimento das cidades, os homens manifestam alguns vícios centrados na ambição, na inveja, na traição e outros que os levam a se afastarem das relações virtuosas.

O mesmo autor afirma que as cidades eram um dos componentes de influência para o homem se tornar vicioso, tendo como fator principal o dinheiro, pois é devido a essa relação que os escritos de Aquino se tornam tão influentes no período.

Com relação a Bédier, ao observamos a sua biografia e as ocorrências do período, percebemos que o autor observava a perda dessas virtudes do homem em relação ao Amor natural, pois no século XIX, como já comentado anteriormente, temos o golpe de 13 Brumário, manipulado por Bonaparte III, além do confronto da Guerra Mundial, quando o Homem se arma em *prol* de um desejo singular, fugindo das relações de um Amor virtuoso, como em Aquino (2015).

Em *O Romance de Tristão e Isolda* (2012), encontramos traços do Amor que envolve as virtudes, buscando o bem do seu semelhante, uma vez que o cavaleiro demonstra essa ação, como exemplo, na seguinte passagem:

Tristão deixou a mulher e voltou para a nau. Armou-se em segredo, e teria sido uma beleza ver sair da nau daqueles mercadores tão rico cavalo de batalha e tão soberbo cavaleiro. Mas o porto estava deserto, pois acabava de amanhecer, e ninguém viu o bravo cavalgar até a porta que a mulher lhe havia mostrado (BÉDIER, 2012, p. 20-21).

Bédier (2012) narra o acontecimento de como Tristão consegue abater o dragão e que, mesmo envolvido do medo, o cavaleiro não se exime da sua função e das suas virtudes na intenção de combater o animal que fazia mal a toda Irlanda.

Sobre essa relação do Amor com as virtudes, entendemos que o Amor natural tem a relação direta com as leis, seja ela do homem ou da Igreja. Essa interação do Amor com as virtudes acontece quando o homem se encaminha para o bem. Para permear esse caminho, é necessário que haja a compreensão racional do que é a ação pela Justiça, pela Prudência e pela Fé, na intenção religiosa. Essas virtudes lembram (memória) o ser humano de sua qualidade como Homem. No caso da obra, o cavaleiro deve sempre rememorar as normas impostas pela cavalaria.

De acordo com Aquino (2015), essas virtudes são necessárias, a fim de barrar os desejos terrenos dos homens que, muitas vezes, levam-nos aos vícios. Portanto, a relação do Amor natural com as virtudes da Justiça, da Prudência, além das outras já citadas, são o caminho para a formação do homem, em qualquer momento histórico.

Essas são virtudes capazes de colocar o homem no caminho reto em sentido à vida moral ou, como afirma Aristóteles (1991), em busca de uma felicidade concreta, fortalecendo esse ser humano quando a razão tende a ceder aos desejos que são propícios aos vícios.

Sobre os vícios situados na obra, encontramos o Amor cortês¹⁶. Essa relação de Amor envolve o sofrimento do personagem para conseguir o que deseja. Tendo nesse formato textual uma grande dificuldade dos dois poderem se desposarem, o homem acaba se envolvendo sempre em apuros ou se afastando de suas virtudes e/ou moral para poder assim viver esse amor.

A forma literária de Amor cortês contado no romance é responsável por erotizar a relação do homem e mulher, desenvolvendo uma idealização do amor. Faz do Amor uma vida de prazeres, enquanto que, ao mesmo tempo, traz a tristeza de quem vive essa relação. É um Amor enlouquecedor que, ao fim, consegue educar ou trazer uma relação trágica de quem vive essa forma de amar.

Permeado por essas sensações, o personagem manifesta uma falta de autonomia em conseguir manipular os seus desejos e o seu amor. Essa implacável relação que o cavaleiro possui na obra demonstra que essa maneira de amar se sobrepõe aos atos cavaleirescos, defendidos no juramento no qual, acima de tudo, ele deveria sempre estar à disposição de Deus e de seu rei, fazendo das virtudes o seu ponto de segurança.

O Amor cortês não se relaciona apenas com o que não regula as consequências para poder acontecer, visto que é, também, responsável por desenvolver uma revolução ao modo de pensar e de sentir dos personagens.

Le Goff (2005, p. 350) explica a relação do Amor cortês como uma forma de escrita que trazia um sentido de transformar, não apenas o costume da época, mas, também, em transpor uma sensibilidade ao leitor, fazendo com que pudesse “[...] reclamar a autonomia do sentimento e pretender que podia haver entre os dois sexos relações diferentes das do instinto, da força, do interesse e do conformismo [...]”, pois essa maneira de manipular a forma de Amor nos romances era algo novo para a época.

¹⁶ Loyn (1997, p. 21) endossa que o Amor cortês que acontece por meio da “luta íntima do amante entre seu desejo de satisfação imediata e sua consciência do valor moral implícito em batalhar pelo inatingível; entre as ambições pessoais e as restrições sociais externas; entre o estado auto-imposto de submissão e a necessidade irresistível de expressar dor e ressentimento.”.

O mesmo autor escreve sobre a força dessa nova forma de escrita, pois a nobreza buscava uma forma de agir perante a sociedade, por influência da retomada das cidades e do renascimento do comércio. Com isso, era desenvolvido na nobreza “[...] sensibilidade mais fina do que a dos bárbaros senhores feudais do norte.”. (LE GOFF, 2005, p. 351). A partir dessa ideia, o autor afirma que o romance *Tristão e Isolda* poderia ser um dos modelos mais belos no formato de Amor cortês.

Ao refletir sobre o formato de Amor cortês colocado por Le Goff (2005), compreendemos que passa por transformações, acompanhando o período em que está inserido.

Acontece que, para além deste protesto e desta revolta, o amor cortês soube achar o miraculoso equilíbrio da alma e do corpo, do coração e do espírito, do sexo e do sentimento. Para além dos ouropéis de vocabulário e de rito, que fazem dele um fenômeno de época, para além do maneirismo e dos abusos da escolástica cortês e, certamente, das tolices dos trovadores modernos, o amor cortês permanece o dom imperecível que, de todas as formas mortais que criou, aquela civilização legou à sensibilidade humana (LE GOFF, 2005, p. 351).

As palavras desse autor trazem uma crítica ao período, principalmente aos modelos repressores impostos pela Igreja e pelas leis da sociedade da época. Ocorreram mudanças dos padrões de comportamentos, ainda que muitos leitores não tivessem vivenciado esse Amor na vida real, muitos o fizeram ao ler as páginas dos romances, imaginando as situações vividas pelos personagens, deleitando-se.

No romance, encontramos um Amor mais erotizado em algumas cenas, nas quais Isolda cura Tristão com bálsamos e infusões de ervas preparadas pela rainha, mãe de Isolda, quando, inconscientemente, o cavaleiro fica com a imagem da bela mulher em seu pensamento.

O indício de Amor perigoso se dá quando Isolda salva o cavaleiro pela última vez do veneno do dragão, momento em que ela reconhece a espada do cavaleiro e o ameaça de morte, mas, com suas doces palavras, Tristão consegue convencer a moça a desistir da ideia.

- Amiga, o que é então que vos atormenta?
- O amor por vós.

Então ele pousou seus lábios sobre os dela. Mas, como pela primeira vez ambos experimentavam um prazer de amor[...]. Os amantes abraçaram-se. Em seus belos corpos freíam o desejo e a vida[...]. [...] E quando caiu a noite, dentro da nau que saltava mais rápido rumo à terra do rei Marc, ligados para sempre, abandonaram-se ao amor (BÉDIER, 2012, p. 32).

Esse Amor é demonstrado pelo querer que vai impregnando a relação do casal por uma forma de Amor que abala as estruturas da família e da sociedade, que seria aquele Amor que a pessoa não mede esforços para conseguir estar ao lado daquele que deseja. Esse é o Amor cortês das literaturas e pode ser exemplificado como o Amor de concupiscência, como afirmado por Le Goff (2005).

Tomás de Aquino (2015) apresenta a diferenciação entre o Amor de amizade e o de concupiscência. O primeiro é uma forma de amar mais branda, que ama em virtude do bem, visto que esse sentimento vai ao encontro de desejar do bem do amado, uma vez que quando se ama com o Amor de amizade, não se possui interesses além do amor. Já, o segundo condiz com a forma de conquistar sem pensar nas consequências, a todo custo, aquilo que se ama:

Todas as coisas do mundo se reduzem a três: as honras, as riquezas, e os prazeres, conforme a Escritura (1 Jó 2, 16): Tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, que pertence aos prazeres da carne, e concupiscência dos olhos, que respeita as riquezas, e soberba da vida, que diz respeito à ambição de glória e honra. Ora, os prazeres supérfluos da carne, a lei não os prometeu, mas ao contrário, proibiu. Prometeu porém, em troca, uma honra excelsa e a abundância das riquezas: Se tu ouvires a voz do Senhor teu Deus, Ele te exaltará sobre todas as nações que há na terra. Isso, quanto à honra. E pouco adiante acrescenta: O Senhor te fará abundante de todos os bens; quanto às riquezas. Mas essas promessas os judeus as entendiam tão estultamente, que pensavam se devia servir a Deus por causa delas, como se fossem o fim. — Por onde, para o evitar, o Senhor mostrou, primeiro, que não devemos praticar obras virtuosas por causa da glória humana. E ensina serem três as obras a que todas as mais se reduzem. Pois, tudo o que fazemos para refrear as nossas concupiscências se reduz ao jejum; tudo o que fazemos por amor ao próximo se reduz à esmola; enfim tudo o que fazemos para o culto de Deus se reduz à oração. E essas três obras ele as considera especiais, como que sendo as importantes, e pelas quais os homens costumam principalmente buscar a glória. — Em segundo lugar, ensinou que não devemos por nas riquezas o nosso fim, quando disse: Não queirais entesourar para vós tesouros na terra. (AQUINO, 2015, p. 1673).

Ao referir-se ao Amor Concupiscência, percebemos que essa forma de Amor está mais interligada à ambição, ao desejo de estar ou obter certo objeto. Hoje, ao observamos essa forma de amar, podemos exemplificar com desejo material, em que a pessoa busca ter um objeto para o seu bem pessoal, não se preocupando com o bem coletivo.

Ao deixar se influenciar pelo desejo de desposar Isolda, o cavaleiro vai se desligando das virtudes que deveriam sempre estar alicerçando as suas ações e

comportamentos. A cobiça, como assegurado por Aquino (2015), na obra não é demonstrada por tesouros, mas sim em ter a sua relação amorosa com Isolda, efetivando, dessa maneira, a glória do seu amor.

Com a modificação das cidades, desenvolvem-se alterações nas relações sociais, fazendo com que o seu círculo familiar fosse cada vez mais restrito, colocando, em primeiro lugar, as preocupações materiais. Fazemos relação ao dinheiro com as riquezas, colocada por Aquino (2015), como o centro de suas conquistas e caminho à glória na qual o homem se esquece de suas virtudes em busca do seu bem próprio.

O desenvolvimento do Amor de concupiscência pode ser empregado em várias formas, de acordo com o pensamento de Aquino (2015), podendo ser relacionado a bens materiais ou imateriais, como exemplo, podemos colocar o dinheiro, as terras e o desejo carnal, como apresentado na obra estudada.

Esse desejo amoroso da concupiscência se difere do Amor de amizade, pois quando se ama dessa forma, existe um desejo pessoal, ou seja, se ama na intenção do que esse bem material ou imaterial pode trazer de vantajoso.

Sendo assim, ao relacionarmos a história de Tristão, podemos observar os dois lados de Amor que o cavaleiro demonstra ao longo de suas passagens. Por seu tio rei Marc, demonstra o Amor de amizade, pois há o Amor sem desejo de troca, e busca, em suas atitudes iniciais, o bem do seu tio.

Já em segundo ato, percebemos claramente a relação do Amor de concupiscência, pois o seu desejo é estar ao lado de Isolda e em busca do bem que ela proporciona a ele, quando estão juntos. Para isso, ele sobrepõe o Amor da amizade pelo tio.

Como afirmado por Aquino (2015, p. 1674), a concupiscência pode se demonstrar de duas formas: “Ora, os bens deste mundo, que servem ao uso da vida humana, são das três categorias seguintes. As riquezas dos bens externos, buscadas pela concupiscência dos olhos; os prazeres da carne, pela concupiscência da carne”. Ao observamos essa passagem, fica claro que a relação do Amor de Tristão pela Isolda é estritamente relacionada à concupiscência da carne.

Na relação de um Amor de concupiscência carnal, observamos que Le Goff e Troug (2006, p. 41, grifo dos autores) evidencia sobre a sexualidade dentro dos textos medievais como “[...] farsas e intrigas do dia-a-dia do ‘homem medieval’ [...]”, mas que

a mesma é colocada como uma representação que demonstra a convencionalidade existente dentro do “[...] amor e da sexualidade”.

Segundo Le Goff e Troug (2006), o desejo carnal passa por repressão, desenvolvida pela Igreja Católica, ao estabelecer como prática sexual, apenas no casamento. Era uma forma de conseguir minimizar o Amor de concupiscência carnal.

Ainda ratificado por Le Goff e Troug (2006), a relação sexual, além de estar no matrimônio, só deveria acontecer com o intuito da procriação. A mesma relação acontece com o adultério, visto que se relaciona, também, ao Amor de concupiscência, pois seu único fim é para satisfazer o desejo, levando o homem ao cometimento do vício.

A dualidade existente na história de Tristão e Isolda torna tortuosa a relação das virtudes e das formas de Amor que o cavaleiro possui, pois ele ama seu tio Marc com qualidades de um Amor natural, mas, ao mesmo tempo, com as suas ações devido ao filtro mágico existente na história, o cavaleiro passa a se desvirtuar em intenção de conseguir suprir seus desejos carnis e imateriais ao lado de sua amada Isolda.

4 LITERATURA E A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO HOMEM COMO SER SOCIAL

Compreendemos que o desenvolvimento humano não ocorre em um curto período, mas se alonga por séculos até o período de hoje. A socialização, vai além do diálogo entre duas pessoas, visto que, junto a isso, temos o contato com a escrita e a leitura.

Compreendemos que “[...] a leitura, juntamente com a escrita, é um instrumento de esclarecimento e saber que fomenta o desenvolvimento dos sujeitos” (RODRIGUES; MALAVASI; FRANCIOLI, 2015, p. 16). Assim como atestado pelos autores, as questões envolvidas com a leitura e a escrita vão além da codificação e decodificação. As questões que envolvem a sociedade como um todo estão atreladas diretamente à escrita, considerada fundamental para a comunicação.

Entendemos a importância da leitura, não somente dos textos atuais, mas, também, da literatura clássica, visto que tais textos conseguem se destacar, tornando-se obras vivas que se perpetuam. Ao longo do nosso estudo, com base em diversos autores, evidenciamos o potencial da novela de cavalaria *O Romance de Tristão e Isolda*, que faz um salto dos períodos. Mesmo que situada no século XII e sendo reescrita no século XIX, ainda no século XXI, é relevante a sua leitura, visto que muitas obras clássicas são envolvidas por temas que compreendem, diretamente, os conflitos sociais de um período e que tais questões podem servir de exemplo de conduta, ou ilustração para o período atual.

Frisamos que os clássicos são a concretização de um período, tornam-se memoriais, seja de histórias de paixões, seja de críticas para um período ou sociedade, ou, até mesmo, exemplares de como desenvolver a educação, que fazem sentido a todo tempo.

Compreendemos, por meio do texto de Calvino (2007), que as relações encontradas nas obras clássicas são responsáveis por demonstrar fatos de um tempo distante, mostrando as concepções encontradas no período em que elas foram escritas.

Junto a isso, o autor afirma que o clássico é uma obra sem fim, e que ela não consegue demonstrar, de forma completa, tudo o que queria dizer, ou seja, ela sempre tem algo a mais (CALVINO 2007).

Ao fazermos uma reflexão sobre a afirmativa de Calvino (2007), entendemos que esses escritos são responsáveis por desenvolver conflitos e inquietações em quem os lê, possibilitando a formação de indivíduos questionadores e inferindo em suas relações. Porém, entendemos que:

É preciso lembrar também de algo óbvio, que, na prática, parece não sê-lo: as fontes não foram produzidas como fontes. Num primeiro momento, fizeram parte da história, foram produzidas para atender a determinadas finalidades; somos nós, estudiosos das questões relativas ao passado, que as transformamos em fontes de pesquisa. (MENDES, 2011, p. 05).

Portanto, trabalhar com os clássicos no Ensino Fundamental, não é querer que as crianças considerem as obras como algo do presente, ou seja, que imaginem o cavaleiro como um personagem da nossa época, mas sim, que vejam o cavaleiro como um herói ou um personagem importante, por causa do seu modo de agir perante a sociedade.

No entanto, para que o leitor consiga fazer tais inquietações, em um primeiro momento, na escola, por exemplo, é necessário que o professor entenda o objeto do estudo e conduza a leitura de forma que os discentes consigam observar posicionamentos específicos na obra, desenvolvendo, assim, uma leitura que não seja apenas da história em si, mas que consiga identificar as questões que permeiam as relações do personagem com a sociedade.

Uma das estratégias para desenvolver a aproximação de alunos, em um momento inicial com obras clássicas, seria a utilização das adaptações das obras de referência, como encontramos em *O romance de Tristão e Isolda*, em que a autora Barros adapta a obra para que crianças possam ter acesso ao romance, nominando-o como *O Amor e as Aventuras de Tristão e Isolda* (2000).

Acreditamos que essa primeira aproximação possa ser desenvolvida não somente por meio de livros que recontam a história, mas também por filmes, peças teatrais e programas televisivos. Com certeza, as obras devem ser adaptadas para as crianças, de acordo com a sua faixa etária.

Quando, anteriormente, citamos Calvino (2007) com relação ao professor como auxiliar na leitura inicial, justificamos o conceito que aqui discutimos referente à pessoa que está tendo o primeiro contato com uma literatura medieval, por exemplo. Podem existir conceitos dos quais se desconhecem ou ainda poderiam passar por

despercebidos, fazendo com que o leitor perca a essência do que a obra pode estar querendo demonstrar nas entrelinhas.

Sainte-Beuve (1957) afirma que os clássicos são responsáveis por desenvolverem um enriquecimento espiritual nos leitores, fazendo com que toquem em suas lembranças e, assim, revivam aventuras passadas, fortalecendo seu aspecto como ser pensante. O clássico em sua formação tem o poder de fazer com que os leitores consigam

[...] avançar um passo adiante, que descobriu alguma verdade moral inequívoca, ou que recuperou alguma paixão eterna no coração, onde tudo parecia já conhecido e explorado; que expressou seu pensamento, sua observação, ou sua invenção, sob uma forma não importa a qual, desde que seja mais ampla e maior, refinada e sensível, saudável e bela em si mesma (SAINT-BEUVE, 1957, p. 42).

Compreendemos que as obras clássicas não são formadas apenas por uma leitura erudita, com terminologia difícil de ser compreendida. Em sua vertente, são textos que são responsáveis por nos proporcionar um fortalecimento no conhecimento das relações, trazendo aprendizado. Nesse sentido, podemos compreender o que o romance de Bédier (2012) pode nos proporcionar com as relações de um cavaleiro que, em alguns momentos, encontra-se fortalecido por questões virtuosas, mas que, em outros períodos, distancia-se dessas virtudes cometendo os vícios em sua rotina, seja ele pela paixão ou por excesso de cuidados.

Sobre texto literário ¹⁷de uma forma geral, a leitura tem o intuito de desenvolver, não somente a formação de um ser crítico, mas, também, responsabiliza-se por trazer um aprendizado sobre respeitar as diferenças. Zilberman (2009) afirma que a:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas

¹⁷ ¹⁷ De acordo com Lopes (s/d, p. 09) "Texto literário é aquele em que a comunicação não se opera e não actua ao nível só consciente, mas a outro nível, que podemos chamar simbólico, proveniente de e dirigindo-se ao inconsciente.", sendo dessa maneira uma forma de se referir diretamente a Literatura que por sua vez tem o significado de "[...] pode assumir significações diversas, é fortemente polissêmico. À partida, e simplificadamente, podemos dizer que a literatura pertence ao campo das artes (arte verbal), que o seu meio de expressão é a palavra e que a sua definição está comumente associada à ideia de estética/valor estético." (LOPES, s/d, p. 01).

pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Ao fazermos uma interpretação da proposta da autora, percebemos que os textos, ao serem lidos, fazem com que o indivíduo utilize sua bagagem social e que isso só agrega conhecimento aquele que lê e, ao realizar esse processo, não faz com que o texto perca a essência do que quer passar.

Outro ponto importante é que o texto literário não tem o poder de influência persuasiva naquele que se propõe a desenvolver os hábitos da leitura, mas sim de construir uma nova dimensão. Ao modo que avança na leitura, o leitor não perde sua verdade, pelo contrário, começa a abrir novos horizontes, podendo, assim, perceber novos aspectos, sejam eles sociais ou intelectuais.

Podemos exemplificar essa relação diretamente com a academia. Ao longo do processo formativo do profissional, tem-se por base toda a teoria a ser estudada. No caso, por exemplo, dos pedagogos, eles necessitam compreender todas as etapas do desenvolvimento das crianças, assim como o que acontece com a psique delas para, a partir desse momento, conseguir organizar e desenvolver os meios pedagógicos que podem ser utilizados no exercício de aprendizado da criança.

A literatura, seja ela clássica ou não, faz o papel da transformação dos elementos que podem ser comuns a um povo, ou ainda trazer exemplificações da cultura de uma sociedade, sendo o segundo fato o que vinculamos no desenvolver de nosso estudo.

O texto literário, além do papel formador e de abrir novos horizontes para o pensamento, também pode ser responsabilizado por desenvolver os sentimentos e expressões em quem está fazendo a sua leitura, como novas ideias, emoções, e desenvolvimento de sentimentos.

Nesse sentido, podemos então considerar o desdobramento dos textos clássicos como uma arte, que se envolve diretamente com o conceito do belo, desde a sua estrutura na escrita, abrangendo suas palavras colocadas de forma poética, como o conteúdo que o texto quer passar para quem o lê.

Consideramos que literatura clássica não fica restrita apenas ao descrever ações por palavras, uma história ou fatos históricos. Tais obras são colocadas a esse patamar, pois se desenvolvem por ações ou emoções de forma direta ou indiretamente de quem as escreveu.

Dessa forma, ela se torna uma nascente de conhecimento de relações desenvolvidas por quem a escreve, trazendo junto a essa desenvoltura a abertura para o conhecimento do presente e, até mesmo, do futuro, pois, ao longo do texto, o leitor pode se identificar no contexto da obra, ou ainda relacionar ações sociais de seu presente com o que foi descrito no passado. Tal situação não corresponde a uma comparação do presente com o passado, mas sim a um conhecimento de atos dos quais pode tomar como decisão para solução de seus conflitos.

O trabalho para esse formato de texto acontece de forma pensada, como colocar as palavras demonstrando uma forma sublime na escrita em suas rimas, parecendo acontecer de forma natural, no qual a sonoridade é completamente linear e harmoniosa.

Tais fatos conseguem alcançar a capacidade mental do humano e desenvolver a sua imaginação sobre o que foi produzido, visto que, ao longo da leitura, é fácil relacioná-la à leitura, formando, mentalmente, as cenas lidas do texto.

Nas leituras, podemos nos identificar facilmente com o sentimento de algum dos personagens, ou com fatos românticos que podem parecer com os da nossa realidade pessoal, ou ainda com acontecimentos sociais que podem se aproximar dos nossos, devido aos textos pensarem nas relações humanas.

Por mais que os textos literários sejam desenvolvidos por meio de ficção, ou da descrição de uma lenda, como a do nosso estudo, percebemos que podem se aproximar da realidade, desenvolvendo uma realidade artística. Podemos encontrar tal relação de forma simples ao assistirmos uma novela televisionada, pois essa também, formada por um contexto inventado pelo autor, aproxima-se do contexto social do qual vivemos.

Calvino (2007, p. 10-11) alega que “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se com o inconsciente coletivo ou individual.”, demonstrando, assim, que as obras fazem uma relação direta com a psique do ser humano.

Calvino (2007) diz que a relação da leitura dos clássicos pode influenciar de várias maneiras, dependendo do momento em que se lê pela primeira vez ou é realizada a releitura da mesma obra, podendo trazer conceitos e olhares diferentes mediante a interpretação da leitura.

Existem vários textos que são comuns em nosso cotidiano, podendo ser, um recado curto em um pedaço de papel, em um aplicativo de mensagem, em textos científicos como artigos, matérias de jornais e revistas. Nesses escritos, percebemos que não há estética envolvida com sentimento e beleza, e sim um pensamento de apenas levar a informação que precisa ser passada.

Podemos notar essa relação de como atingir um público na atualidade em novelas, sejam elas em livros ou televisionadas, ou em propagandas de datas específicas, nos quais o texto busca mexer com o sentimento daquele que está lendo ou assistindo a produção.

Os textos que não são clássicos, como os mencionados anteriormente, têm o objetivo principal de transmitir a informação de forma objetiva e explicativa, diferenciando-se, então, da preocupação que encontramos nas obras clássicas, em que notamos uma nítida busca de recursos linguísticos para impressionar e emocionar o leitor por meio dos fatos encontrados nas obras.

Sobre o sentido do estudo da literatura clássica por profissionais da educação, precisa ser um trabalho em que a leitura não deve acontecer apenas pelas decodificações dos símbolos, pois, ao estudarmos esse assunto, compreendemos que ela pode desenvolver as faculdades mentais do indivíduo. Porém esse progresso nos leva a entender que só acontece quando a prática da leitura não fica reduzida para apenas a simples decodificação.

Para a leitura alcançar a capacidade de desenvolver o intelecto, tem de ser trabalhada de forma que consiga evoluir o pensamento de forma crítica e reflexiva.

Martins (2003) faz uma confirmação a esse sentido. Para a autora, o desenvolvimento da leitura abre possibilidade para que as pessoas consigam se desenvolver e se integrar de forma essencial à sociedade. Além disso, demonstra que o fato da interpretação vem desde gregos e romanos, que tinham esse instrumento como base fundamental para educação na vida.

A autora ainda afirma que caso o conceito “[...] de leitura está geralmente restrito à decodificação da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural” (MARTINS, 2003, p. 22). Somado a isso, postula que a banalização da literatura já acontece desde muitos séculos atrás trazendo que:

[...] apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica [...]. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. (MARTINS, 2003, p. 23).

O ensinar por meio dos textos literários, levando em consideração apenas a decodificação de sinais, seria o mesmo que desenvolver um esvaziamento do currículo escolar.

O trabalho com os textos literários necessita ultrapassar essa barreira. É importante que o professor, ao iniciar o texto com seus alunos, tenha habilidade para estabelecer a relação com o contexto para que, assim, surta o efeito que tal obra pretende proporcionar, de forma que possa identificar, ainda, a pluralidade de informações que a obra pode apresentar ao longo de sua leitura.

Por esse motivo, a literatura é algo mais complexo, visto que sua função não é apenas uma simples decodificação dos sinais. Guimarães e Batista (2012) postulam que a literatura possui uma natureza de manipulação profunda, que busca desenvolver relações e intenções trazendo que:

A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conativa e poética que destacam o espaço da manifestação literária como aquele que exige do seu leitor muito mais participação do que aquela requerida em processos de interação verbal que destacam sobremaneira a função referencial da linguagem (GUIMARÃES; BATISTA, 2012, p. 21).

É válido ressaltar que a produção da literatura é voltada por inferências, seja na produção da obra pelo autor, ou, ainda, na sua leitura, quando o leitor, por meio de sua concepção social, consegue tecer caminhos pela interpretação da obra lida em questão.

Com o desenvolvimento da vida como ser social, o indivíduo, ao fazer a leitura, consegue relacionar o contexto da obra a seu acúmulo de conhecimento social, pois a interpretação do indivíduo (A) não será a mesma que a do (B), tendo em vista que o processo social de uma pessoa mediante suas relações não é a mesmo que a do outro.

Com o papel que a literatura exerce no desenvolvimento da pessoa, Candido (1975) defende que tais textos são belos, como qualquer outra arte desenvolvida pelos humanos, mostrando que a literatura nada mais é que a modificação do real para o

literário, descrevendo a imaginação com palavras formais, demonstrando uma ordenação em seus momentos como o tema, os personagens, o espaço e os sentimentos que querem ser passados ao longo do texto.

Candido (1975) nos faz compreender que a relação entre o autor e o leitor tem de ser real, havendo um desenvolvimento de gratuidade do autor, debruçando em seus sentimentos para escrever, e de seu leitor ao receber o texto e apreciar cada palavra descrita.

Percebemos que a literatura se torna responsável por desenvolver vários papéis em uma sociedade, seja ela inspirada em um momento histórico, em um fato do presente, ou, até mesmo, quando é desenvolvida apenas pela fantasia, pois cada palavra lida pode ter efeito em uma sociedade.

Enaltecemos o trabalho do autor, mas a literatura não se faz apenas pelos escritos, pois se perpetua mediante o contexto do que quer passar. Isso não acontece somente nas entrelinhas de um livro, visto que faz-se necessário existir um leitor que se deleite ao apreciar a obra, fazendo com que os clássicos sejam textos vivos.

Entendemos a importância dos textos clássicos para o desenvolvimento humano. Tais textos podem contribuir na evolução de nossas capacidades mentais, seja se ligando à decodificação, ao instrumento que o texto nos proporciona em observar fatos, ou, até o entendimento de relações sociais.

A literatura clássica demonstra aspectos que já foram comuns entre homens de uma determinada sociedade, seja ela brasileira ou a europeia, como em nosso estudo.

O interesse sobre a literatura é por pretender desenvolver a vontade do aprendiz em ler, demonstrando o quão importante ela é e como poderá contribuir em sua formação.

Tudo o que estudamos sabendo o porquê torna-se mais interessante, e não apenas aprender sem saber como utilizar. Tal contexto pode ser trabalhado com crianças, adolescentes e na formação superior, fazendo a ligação direta com o preceptor que irá atender os primeiros passos de quem está ingressando na literatura.

Junto a esse sentido, consideramos necessário compreender a importância da literatura na formação da criança. Em nosso estudo, temos a intenção, também, de estabelecer a formação de uma sequência didática voltada para a 4^o ano do Ensino Fundamental dos anos iniciais.

O professor, ao compreender essa relação, torna-se de grande influência para a construção da sequência didática, uma vez que será capaz de demonstrar questões importantes no aprendizado das crianças como ser social ativo.

4.1 A LITERATURA E A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Hoje, é cada vez mais fácil percebermos o desfalque literário que os alunos vêm passando. Compreendemos que, um dos fatores desse distanciamento com a leitura se deve ao desenvolvimento social dos últimos tempos, visto que com a globalização realizada pela internet, qualquer informação pode estar ao alcance de todos os indivíduos, desde muito cedo, por meio de vídeos, jogos, ou, até mesmo, da leitura.

Não negamos que essa explosão de informações seja uma boa contribuição à humanidade, contudo, observamos um desinteresse das crianças pela leitura de livros.

Nota-se que, na maioria dos casos, existe resistência na leitura dos clássicos, seja em qualquer etapa da Educação Básica. Acreditamos que isso se relaciona com a dificuldade perante a leitura. Essa adversidade pode ser vista em termologias que podem não ser mais usuais ou conceitos de períodos que poderão influenciar na compreensão e, principalmente, com o tempo demandado para tais leituras.

A leitura de clássicos (histórica), sejam eles europeus ou brasileiros, é como um exercício físico, que, principalmente nas crianças, deve ser iniciado de maneira gradual, pois, no decorrer da leitura, podemos encarar que cada texto seria como um desbravamento de uma floresta, onde entramos com cuidado e, aos poucos, seguimos para, assim, compreender as relações e o que queremos trabalhar com os pequenos.

Devemos compreender a relação que a literatura desenvolve no auxílio do desenvolvimento cognitivo, da imaginação, do diálogo com as palavras, visto que é por meio da leitura que aprendemos novos conceitos e novas palavras, contribuindo, portanto, para a formação de um vocabulário mais extenso.

No que diz respeito ao desenvolvimento do diálogo, cabe ao professor o cuidado, pois ao mesmo tempo em que a criança conhece novas palavras, esse novo conhecimento, pode se tornar empecilho na leitura, tornando-a densa e cansativa.

Justamente nesse sentido, justificamos o trabalho já citado anteriormente em nosso texto, por meio da adaptação da autora Barros (2000), que traz uma releitura da lenda celta de Tristão e Isolda, necessária para uma aproximação da realidade das crianças.

A maneira pela qual estamos tentando desenvolver o hábito da leitura, desde criança, pode contribuir com a possibilidade de fazer alguém aprender a gostar da leitura.

Machado (2002) pontua em seu livro questões sobre a importância do incentivo de leituras clássicas desde a mais tenra idade, assim como, os motivos pelos quais haver esse primeiro contato com as obras clássicas, dizendo que não é necessário que seja com obras clássicas ou com as originais, mas que cabe ao profissional da educação oportunizar o contato.

Machado (2002) menciona, também, sobre as questões da maturidade e da idade da criança, que, por mais que ler a obra por meio de um texto reescrito não seja a mesma coisa, devemos priorizar a relação da criança com o texto, ou, ainda, do adulto e a sua bagagem. Nesse sentido, a escritora coloca que, ao inserir o contexto da obra, devemos estar:

Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria. (MACHADO, 2002, p. 12-13).

Faz-se necessário, portanto, que haja a demonstração dessa relação para que esse primeiro contato seja feito de forma que conquiste o leitor, para que, em momentos posteriores, tomado por lembranças de um passado, ele se sinta seduzido a procurar novas leituras.

Nesse sentido, entendemos o pensamento da autora sobre as questões de trabalhar, inicialmente, com texto adaptados, pois estão sendo pensados de acordo com a maturidade mental, ou, ainda, com a consciência de tais crianças ao longo da leitura.

Tomamos como exemplo a obra de Bédier. Questionamo-nos de que forma trabalhar o texto original do autor, com a leitura de questões que ainda não fazem parte do conhecimento do indivíduo, tais como o Amor cortês, que envolve a

sexualidade de forma densa. Há muitos detalhes, além deste citado, que não seriam coerentes para serem analisados com crianças do quarto ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Sobre as questões estudadas por Machado (2002), encontramos uma afirmativa do autor Calvino (2007), de que os clássicos podem desenvolver influência no avanço das capacidades mentais, demonstrando que quando a criança se apaixona pelas histórias nos livros, elas passam a exercer “[...] uma influência particular, quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 2007, p. 10-11).

Por mais que em um período inicial sejam utilizados livros que contam a história da obra original, ela pode se perpetuar ao longo da formação da criança, preservando, principalmente, a mensagem que o autor inicial gostaria de transmitir para seus leitores.

Na obra *O amor e as aventuras de Tristão e Isolda*, de Barros (2000), é fácil conseguirmos diagnosticar as questões trabalhadas ao longo do nosso estudo, ou seja, a autora não perde a essência das virtudes ao longo de seu texto, pois podemos, nitidamente, encontrar a virtude de Tristão e seus vícios ao longo de seus escritos.

As obras clássicas sempre se baseiam em um ensinamento, como no caso da lenda celta, das questões morais desenvolvidas por meio das virtudes. Trabalhar com esses textos na Educação Básica favorece ao professor transmitir a mensagem sobre as questões morais e éticas para serem desenvolvidas aos poucos com as crianças ao longo de seu aprendizado científico escolar, oportunizando relações sociais e fazendo com que as crianças, no decorrer da leitura, sejam preparadas para confrontos e problemas.

As crianças, quando se identificam em algum personagem, pode tornar a leitura mais interessante. Assim, esse ponto deve ser observado pelo professor, pois é um dos objetos que pode fortalecer a leitura do indivíduo iniciante, podendo ser utilizado como ponto de partida para que a criança se sinta atraída para a leitura e para a aprendizagem.

Rebelo (1993, p. 268) argumenta que “Uma maneira de tornar o ensino mais atraente é através da criação de suportes lógico didáticos que vão ao encontro dos desejos e hábitos dos jovens, sem questionarmos o valor ético ou educativo desses mesmos costumes”.

Portanto, é dessa forma que a formação das crianças com a literatura deve ocorrer, com o objetivo de ensinar a gostar de ler, mas, principalmente, com a ideia de que aprendam a utilizar o que foi lido como um instrumento para a sua vida, sabendo, então, usufruir da diferenciação de obras, sejam científicas, informativas, tecnológicas ou, até mesmo, religiosas, pois a formação do leitor acontece ainda na fase dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Destarte, cabe a quem está envolvido com o ensino da literatura apresentar as diferentes possibilidades aos leitores. Ao pensarmos em uma criança que tem acesso apenas a seu livro didático na escola, quando receber um conto de fadas ou buscar por um livro de romance, inconscientemente, terá a leitura apenas como uma função de aprendizado escolar. A compreensão da leitura dessa forma, isto é, como algo que permeia as suas obrigações escolares, pode fazer com que aquele estudante acabe se esquecendo ou não percebendo o prazer que o livro poderia causar em sua vida.

A leitura de obras clássicas ou, até mesmo, da literatura atual deve acontecer de maneira sublime, de modo que, ao final, o leitor consiga compreender o que foi dito e, por consequência, tenha a percepção de que pode gostar do que está sendo lido. A literatura tem que ser um fator de contribuição para a formação da criança, não tornando um aspecto de castigo, pois elas podem usufruir dos conteúdos dos textos como superação de algo que as impede de seguir. Autores validam que:

Os contos de fadas são capazes de auxiliar as crianças a superarem certos medos, inseguranças e receios, pois o envolvimento simbólico com a proposta lúdica facilita o entendimento e “possíveis soluções” desses conflitos, propiciando o desenvolvimento psíquico, afetivo e social (CURY; SILVA; GONÇALVES, 2013, p. 04).

Essas questões levam ao aumento da autoestima da criança, favorecendo-a a superar tais questões que a aflige. Vários estudos realizados na área da Psicologia e da Pedagogia revelam que a formação da personalidade inicia na infância, tendo sua capacidade de finalização na adolescência até o início da fase adulta. Porém, não devemos compreender essa afirmativa, categoricamente, como algo que se finalizasse apenas ali na adolescência, pois as relações vão se moldando ao longo de toda a vida da pessoa por meio da relação com outros indivíduos.

Betelheim (2007, p. 19) alega que o conto de fadas pode desenvolver um potencial de orientação para a criança de forma consciente ou inconsciente,

demonstrando para a criança que “[...] ao abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatória”, torna-se independente.

Calvino (2007) afirma que a leitura de textos clássicos se correlaciona com a imaginação da criança, fazendo com que ela consiga entender e separar os fatos reais de fatos imaginários e, por meio dessa questão, desenvolver a sua relação com os valores de sua formação, como a ética, a moral e o desenvolvimento psíquico.

A literatura pode se correlatar com o brincar da criança, pois as duas se articulam em expressão e comunicação. A brincadeira é o meio em que a criança tem de desenvolver as suas capacidades sociais, em seu estado natural. O brincar pode se relacionar com as questões que são pontuadas em seu meio social, ou seja, o jogo possui regras e que, muitas vezes, são desenvolvidas por meio dos conceitos de sua sociedade, levando, desde criança, ao desenvolvimento de suas relações.

Desse modo, a contação de histórias no ambiente escolar tem uma grande função, seja na alfabetização ou nas últimas etapas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As narrativas dos contos fazem com que os alunos processem as informações, facilitando o processo de desenvolvimento individual.

Ao longo do incentivo à leitura, com o passar do tempo, as próprias crianças formularão seus questionamentos, demonstrando, assim, suas opiniões, pois começarão a desenvolver o seu conhecimento de maneira cada vez maior, garantindo a sua eficácia (BRASIL, 1998).

Dessa forma, considerando que a leitura é de suma importância para o desenvolvimento da criança e, para esse o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma satisfatória, faz-se necessária a apresentação de uma sequência didática, uma das etapas propostas por esse trabalho.

Assim, demonstraremos algumas sugestões para o trabalho das obras clássicas, em especial a lenda celta de Tristão e Isolda, reescrita por Barros (2000), com foco nos alunos do quarto ano dos anos iniciais da educação básica.

4.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vemos hoje, século XXI, várias pesquisas que tratam sobre a aprendizagem da criança da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Os pesquisadores da área da educação, cada vez mais, buscam novas ferramentas para o desenvolvimento

intelectivo da criança, visto que há a busca de melhorias que possam abranger a tecnologia e métodos didáticos que visam o desenvolvimento da criança no singular e no coletivo.

Ao seguirmos a preocupação de diferentes pesquisas que abordam a leitura e a interpretação dos textos, trazemos as obras clássicas como um possível auxílio no desenvolvimento intelectual da criança no que tange a história, a leitura, a interpretação e a formação moral e ética.

Por estarmos diretamente ligados ao desenvolvimento de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, focaremos esse ano de ensino para as sugestões de trabalho com a literatura clássica. A escolha acontece nessa fase da educação, prevendo que a criança já está amadurecida o suficiente para pontos que iremos tratar ao longo da sequência, desde a leitura e interpretação do texto, em primeiro momento sendo guiada pelo professor, e já possuindo uma consciência que consiga expor com clareza a sua ideia e concepções sobre as questões abordadas.

Nossa proposta envolverá a Língua Portuguesa por meio da literatura clássica e a interpretação de forma conteudista, mas, principalmente, com enfoque na formação social da criança.

O desenvolvimento educacional deve ser atrelado às práticas de letramento, pois a leitura e a escrita fazem parte do contexto de práticas sociais que auxiliam o desenvolvimento das suas capacidades, de forma que não aconteça apenas para a fluência da sua língua materna, simplesmente como aprendizado das regras do idioma, mas sim para que o indivíduo consiga se desenvolver e resolver os problemas ao longo de sua vida (SOARES, 2004).

Para tanto, para que a sequência didática seja apresentada de forma organizada e clara, estruturamos a proposta de desenvolvimento didático em etapas, como será apresentado na sequência.

Desenvolvimento didático:

1º Antes de a história ser contada pelo professor, deve-se apresentar a capa do livro aos alunos e explorar uma primeira investigação, com diversos questionamentos, tais como: quem já conhece a história; sobre o que seria o livro; se os estudantes teriam interesse em ler aquela história, dentre outras. Assim, com essa participação e os conhecimentos anteriores que os discentes trouxessem para o momento da discussão, poderiam estimular, dessa maneira, a imaginação e trariam

um possível norte para a maneira pela qual o professor poderia trilhar com seus alunos.

Para esse primeiro momento, portanto, baseamo-nos em Libâneo (2004, p. 53), que traz a afirmativa de “Promover as condições para o trabalho e para o fortalecimento da subjetividade e da identidade cultural dos alunos, incluindo o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da imaginação”.

2º Realizar questionamentos sobre a imagem apresentada.

Figura 3 - Capa do livro



Fonte: Barros (2000).

3º Desenvolver questionamentos com os alunos sobre o que estão vendo e o que podem saber sobre a imagem, para que possam demonstrar ainda mais interesse pela leitura, posteriormente:

- Alguém sabe o que é essa imagem?
- Quem são essas pessoas na imagem?
- O que imagina que elas estão passando?
- Qual expressão podemos encontrar no semblante dessas pessoas?
- O que elas representam? (princesa, príncipe, rei, rainha, cavaleiro).
- Isso poderia ser um livro ou é uma obra de arte? (trabalhar questões de que obras de artes não são apenas quadros).
- Consegue imaginar o nome dos personagens?
- Quem é o/a autor (a)?
- O que poderiam ser um do outro?
- A imagem pode despertar qual sentimento em você?
- As cores apresentadas possam algum sentimento para nós?

- Por que estão nessa posição?
- É uma foto real de pessoas, ou é uma ilustração?

4º Por meio dessa conversa com os alunos, o docente fará um levantamento prévio do conhecimento que eles trouxeram por meio da sua cultura e da sociedade da qual fazem parte, que poderão envolver os fatores de observação, assim como os analíticos e os interpretativos. Ao conhecer a história, os alunos desenvolverão a sua interpretação em meio às questões sociais.

5º Conforme o levantamento está sendo feito com os alunos, faz-se pertinente a criação de uma lista referente às questões que estão sendo abordadas com eles. A lista deve ser escrita na lousa, pelo professor, conforme os alunos vão respondendo, ou, ainda, a produção desta lista poderia ser feita por eles mesmos.

Sobre essa questão, vale ressaltar que o profissional está investigando o conhecimento prévio dos alunos e, com o diálogo, poderão surgir novos questionamentos em meio às respostas deles. O professor, ao questionar os alunos, direciona o ensino pedagógico, envolvendo a autonomia das crianças e a confiança em responder as questões. Sobre isso, podemos compreender que:

A direção pedagógica do professor consiste em planejar, organizar e controlar as atividades de ensino, de modo que sejam criadas as condições em que os alunos dominem conscientemente os conhecimentos e métodos da sua aplicação e desenvolvam a iniciativa, a independência de pensamento e a criatividade. (LIBÂNEO, 2013, p. 174).

Visando o estudo por meio do direcionamento do professor, as questões desenvolvidas com os alunos darão suporte ao longo do trabalho a ser alcançado, da mesma forma como poderá ocorrer em nossa proposta, pois acredita-se que os alunos estarão envolvidos e curiosos para saber do que se trata a imagem trabalhada com eles.

Para isso, as respostas anotadas devem ser confrontadas com as diferentes respostas de cada aluno. Devem ser envolvidas as questões sociais, pois cada aluno tem uma história própria, devido às questões de relação familiar e fora da escola.

6º Após finalizar a etapa de investigação do assunto, inicia-se a contação da história. Indicações podem ser feitas de várias maneiras, como: a contação de história interpretativa, em que o professor faz a utilização de objetos; a interpretação cênica; contação com entonação vocálica por meio da leitura do livro.

7º O importante, nesse momento, é que o profissional consiga explorar as capacidades lúdicas da criança, de forma que a faça se apaixonar ao ouvir a história, trazendo-lhe emoção, pois esse fato será uma das questões determinantes para que o aluno passe a compreender e fazer o uso do que foi abordado ao longo da contação, na solução de problemas em sua vida social, como pontuado anteriormente nas questões da importância de se trabalhar obras clássicas.

Abramovich (1997) declara que a contação de histórias ou leitura do livro, não pode ser feita simplesmente pegando qualquer livro na prateleira. É preciso que o contador tenha o trabalho anterior de ler, de sentir o que o autor quer passar, de compreender as relações expostas ao longo do texto, desde suas pausas, a emoção demonstrada com cada palavra dita, pois, dessa maneira, poderemos “[...] sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega no ouvinte” (ABRAMOVICH, 1997, p. 20), tornando, dessa maneira, a contação de história um momento lúdico, que consiga desenvolver nas crianças um acolhimento, desenvolvendo esse momento com segurança, para que, no período posterior, as crianças consigam desenvolver argumentos perante aquilo que foi contado.

8º Com a finalização do texto, podemos contrapor as respostas anteriores dos alunos sobre a capa, assim como, fazer uso das questões de modo que já dê o direcionamento do que irá ser trabalhado, com a formação social nesse momento, levantando os aspectos sociais de cada personagem, com a explicação das funções de cada um, ou seja, como a de quem era cavaleiro, quem era o rei, quem era a princesa, da mesma maneira que a função social de cada um, tendo consideração com a explicação dos personagens que também são maus, como o Gigante da Irlanda, o dragão, entre outros, para que, dessa forma, os aspectos das virtudes contidas nos personagens possam ser demonstrados, mas também dos vícios, pois é nesse momento que a literatura mostra o seu potencial na formação do indivíduo, como um ser social que se relaciona e caminha em sentido à ética e à moral.

9º Caberá ao professor correlacionar as questões das virtudes com seus alunos, pois nas obras clássicas não terá descrito de forma clara qual é a virtude desenvolvida. Dessa forma, para esse diálogo fluir, propõe-se uma roda de conversa. Assim cabe ao professor discutir, nesse momento, a virtude que ele quer trabalhar. Em nosso caso, podemos dialogar sobre o Amor como uma virtude, explicando a

relação do Amor a seu semelhante, a seus amigos, a sua família, a um brinquedo. Até que ponto esse Amor é uma virtude? Quando ele se desequilibra, torna-se um vício, como o egoísmo que poderia ser tratado como um vício do amor.

10º A partir dessa roda de conversa, faz-se necessário um estudo mais aprofundado da obra (?), pois acreditamos que a criança, após saber sobre toda a história, quer estudar o texto de forma concreta, por partes, para que atinja os detalhes mais importante. Para isso, o professor poderá escolher excertos específicos para trabalhar com os alunos.

Cabe a esse fragmento, que demonstraremos a seguir, trabalhar a virtude da Coragem e do Amor com as crianças. O trabalho com texto deverá acontecer de duas formas, para melhor compreensão das crianças. No primeiro momento, os alunos irão fazer uma leitura silenciosa. Logo depois, o professor deverá fazer a leitura dele, respeitando a pontuação e a entonação, para que o aluno consiga espelhar a diferença entre ler por ler, e o ler sentindo as emoções do texto.

O dragão da Irlanda

Tristão não estava errado, mas esqueceu que Isolda era uma fada e que assim, não sabendo da missão que o lançava ao mar, tudo faria para que ele fosse conduzido até ela. Além disso, um dragão monstruosamente perigoso ameaçava os heróis da Irlanda e já tinha feito muitos estragos no país. O rei irlandês não sabia mais o que fazer. Precisava arranjar alguém capaz de enfrentar o monstro, que estava devorando todos os gigantes encarregados de defender os interesses reais e cobrar os impostos. Mas onde arranjar tal pessoa? Até a mão de Isolda ele prometera àquele que desse cabo da besta!

Pois bem: foi justamente quando ele fez isso que Isolda resolveu chamar Tristão. (Imaginem se ela ia permitir que outro qualquer a recebesse em casamento...)

O herói da Cornualha acabou indo à Irlanda, contrariado por não ter conseguido desviar os barcos para outra direção. Logo ficou sabendo do perigo que ameaçava o país e o do prêmio que seria dado a quem exterminasse o dragão. Coragem era o que não faltava a Tristão, e ele não ia permitir que Isolda se casasse com o um heroizinho qualquer, nem mesmo com um gigantesco como Morolt.

Rapidamente, descobriu onde estava o bicho e, equipado para enfrentá-lo – isto é, como o elmo para proteger a cabeça, a couraça para amenizar os golpes no peito e nas costas, a cota de malha de ferro ajustada ao corpo como uma túnica, a espada afiada e o escudo... (quanto peso!) --, partiu para o combate.

Tristão e o dragão lutaram por várias horas e o herói precisou ser malabarista para escapar das patadas do animal, das rasteiras que ele dava com a cauda cada vez que se virava em sua direção, do fogo que cuspia pelas ventas... O fogo, então, era um terror! Destruía as árvores, cozinhava os frutos, tostava a relva e ainda esquentava tudo num raio de quilômetros. (Agora, imaginem só como fazia calor dentro da armadura que Tristão envergava! Ou como ficou quente a espada de puro aço que ele segurava!)

A luta foi daquelas para ninguém botar defeito. Tristão suou a camisa, e, mesmo tendo que se esquivar de golpes irracionais, conseguiu vencer o dragão. Com as pernas bambas, duro de tanto cansaço, coitado, caiu desmaiado ao lado do animal – e nesse momento foi novamente envenenado desta vez pelo contato de seu corpo com as escamas do monstro.

A notícia que o dragão havia sido eliminado por um estrangeiro correu rápido pelo reino. Isolda saiu imediatamente em busca de Tristão, pois sabia que só ele seria capaz de vencer a fera. E, mais uma vez, foram as ervas e unguentos preparados pela princesa que limpavam os ferimentos e eliminaram o veneno que havia penetrado no corpo do herói.

Uma grande festa foi preparada para o casamento de Tristão e Isolda. Os nobres e todos os súditos cumprimentavam o valoroso guerreiro que tinha livrado a Irlanda do animal maligno, da besta que ceifava vidas. Todos davam vivas aos noivos, desejando felicidades pela vida inteira.

O problema que Tristão, conforme o que havia prometido aos nobres da Cornualha, precisava levar uma rainha para o rei. Ele pensou, pensou, pensou e, sem encontrar saída, decidiu receber Isolda em casamento... mas em nome do rei Marcos!

Fazer de Isolda a rainha de Cornualha não desagradou o rei da Irlanda, seu pai, mas Isolda não gostou nada, nada da ideia. E a cara de espanto e decepção que ela fez ao ouvir Tristão não enganou a rainha da Irlanda, sua mãe. A rainha já havia desconfiado que Isolda amava Tristão, mas naquele casamento, teve certeza

e temeu pela felicidade da filha. Isolda não poderia se casar com um homem de quem não gostasse!

BARROS. M. N. A. O dragão da Irlanda. p. 21-24. In _____, **O amor e as aventuras de Tristão e Isolda**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2000.

Fonte: Barros (2000).

11º Sugerimos que, após a leitura, seja feito um trabalho com as novas palavras que o texto traz, pois a literatura clássica proporciona ao aluno o aumento do seu vocabulário. Nesse sentido, selecionamos algumas palavras para trabalhar seus significados e interpretação, assim como exemplo de exercícios para trabalhar a interpretação do texto, envolvendo diretamente as questões para as virtudes. Podendo, então, ser perguntado aos alunos:

Em relação ao personagem quando mata o dragão, quais sentimentos ele demonstra?

- Alegria.
- Fé.
- Amor.
- Coragem.
- Desprezo.

Ou, perguntar de uma outra maneira: Quando o cavaleiro Tristão ajuda toda a cidade, ele está fortalecido por uma virtude, pois empunhou sua espada e conseguiu vencer a fera. Qual é essa virtude da qual o jovem cavaleiro se fortalece?

- Amor.
- Fé.
- Coragem.
- Fortaleza.

Em meio a esses questionamentos, cabe ao professor, com sua explicação, estimular os alunos para perguntarem sobre cada uma das virtudes, do que se trata cada uma delas, visto que, é dessa maneira que os alunos começam a fazer a relação entre a história e a realidade, demonstrando que as virtudes não estão apenas no livro, mas que são fatores que colaboram para o desenvolvimento do mesmo como um ser social.

Ao trabalhar essas questões, podemos compreender que:

Educar é ensinar a olhar para fora e para dentro, superando o divórcio, típico da nossa sociedade, entre objetividade e subjetividade. É aprender além: saber que é tão verdade que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta quanto que o que reduz a distância entre dois seres humanos é o riso e a lágrima (GENTILE, ALENCAR, 2001, p. 100).

Compreendemos que as questões abordadas sobre o ensino ético e moral tem relação com o aprendizado das questões que envolvem as disciplinas, formando as relações de formação intelectual como ser social.

12º Ao trabalhar com as palavras, podemos destacá-las no texto, circulando os vocábulos desconhecidos para eles e/ou fazer uma colagem das palavras lidas pela primeira vez.

Para a faixa etária das crianças entre 9 e 10 anos, deve-se exemplificar depois de ler o texto, algumas dessas palavras contidas no texto como:

- Arranjar.
- Cabo.
- Besta (como significado bestial ao invés de xingamento).
- Exterminasse.
- Túnica.
- Elmo.
- Irracionais.
- Esquivar.
- Relva.
- Ungentos.
- Nobres.
- Súditos.

13º Para esse desenvolvimento, destacamos o uso do dicionário, para as crianças aprenderem a manusear de maneira correta, visto que quando houver alguma dúvida sobre como se escreve algum vocábulo e/ou significados dele, os alunos podem recorrer diretamente ao dicionário.

14º Com as mesmas palavras, empregar exercícios de separação silábica, e atrelado à ela, fazer a classificação de acordo com a sílaba tônica das palavras. Como exemplo de exercício, podemos utilizar a seguinte questão: *de acordo com as palavras lidas no texto, escreva a sua separação silábica e a sua classificação de acordo com sua tonicidade, se é oxítone, paroxítone ou proparoxítonas.*

Essa maneira de manipular as questões faz com que o aluno retorne sempre ao texto, de modo que, cada vez que desenvolve a leitura dele, consiga fixar e compreender as ideias descritas pelo autor.

15º Além das atividades que contextualizam o assunto de forma teórica, deve-se estimular o lúdico. Nesse caso, propomos um teatro com as crianças, trabalhando a mesma passagem.

16º Para o teatro, as crianças devem ser separadas em grupos que representem a quantidade de personagens, e que os mesmos, por meio da leitura, organizem-se, enquanto que o professor dará suporte quando questionado pelas crianças.

17º O docente desenvolverá as questões da disciplina, organização, e, principalmente, a autonomia e as relações entre as crianças, correlacionando os possíveis conflitos que surgirão entre os pequenos assemelhando-os às virtudes, mas, principalmente, com as questões que envolvem, diretamente, a literatura lida com eles. O professor preparará os alunos para:

[...] torná-los capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas para integrar-se ao mercado de trabalho. A escola deve continuar investindo na ajuda aos alunos para que se tornem críticos, para se engajarem na luta pela justiça social e pela solidariedade humana (LIBÂNEO, 2004, p. 55).

As crianças estão na escola para desenvolver o seu aprendizado como um todo, conseguindo relacionar o contexto com a prática.

18º Além do teatro com as crianças, sugerimos a reescrita do texto, fazendo com que seja desenvolvida nos alunos a habilidade da interpretação, mas, também, que consigam contextualizar a obra, sem haver a cópia das palavras exatas descritas pelo autor do texto.

19º A escrita autônoma da criança favorece o recontar da história de forma diferente, usando a imaginação, apresentando os temas centrais que o professor frisou, assim como o estímulo de mudar as questões do texto e as relações do personagem. Possíveis mudanças na história estimularão a criatividade.

Segundo Rossini (2008, p. 08), ao trabalhar a educação da criança para seu desenvolvimento social, o professor necessita saber “o que queremos que ela se torne”, pois é dessa forma que profissionais da educação e os responsáveis pelas

crianças desenvolvem os limites e, por meio deles, elas também aprendem a se relacionar e desenvolver as virtudes em suas ações.

Antes de tecer as considerações finais sobre a importância do trabalho da literatura clássica para as crianças do Ensino Fundamental, vale ressaltar as questões que são pertinentes à educação, a literatura e ao aprendizado. A literatura passa a surtir efeito com as questões que envolvem leitura, tendo em vista que as crianças, quando são envolvidas desde cedo com a literatura, a leitura torna-se um hábito prazeroso.

Tais desenvolvimentos com a literatura não deveriam ser descritos apenas no ambiente escolar, mas inseridos dentro de casa, e a escola seria uma continuidade desse processo, para que essa prática se estabelecesse ao longo da vida do educando. A literatura tem a capacidade de desenvolver as emoções e são, facilmente, relacionadas ao conteúdo que facilitam a formação da criança.

No caso da lenda celta estudada e exemplificada nesse trabalho, a obra não se finda apenas no trabalho da Língua Portuguesa. Por ser um texto rico em detalhes, poderia ser relacionado ao ensino de História, de Geografia, entre outras.

As sugestões de trabalho abrangem uma possibilidade de ensinar e instigar a criança a ler e interpretar o texto de forma clara e reflexiva. Objetivamos apresentar aos professores do Ensino Fundamental que a literatura é notável para ser inserida no contexto escolar. As crianças precisam iniciar o processo de leitura em obras relevantes e históricas, que possibilitem a imaginação e a criatividade.

O passado deve ser estudado e lembrado em todos os anos escolares, avaliando que a imaginação sustentável para a formação humana deve estar fundamentada em estruturas que deem embasamento de críticas e comportamentos avaliativos com processos anteriores ao seu período.

O exemplo do cavaleiro é a história que aproxima a criança da sua imaginação de liberdade, de perigo, de valentia e de Amor ao próximo. A gentileza dele e, ao mesmo tempo, a sua valentia para a defesa da sociedade, valoriza o ser humano no coletivo, visto que ele não lutava para o seu egoísmo, mas sim, para as conquistas do seu povo.

São valores que se destacam em qualquer momento histórico e são tratados com detalhes, haja vista que, sem a presença de virtudes, não há convivência e nem sociedade que resista a sua sobrevivência. Por isso, ser professor (a) é, sem dúvida,

uma responsabilidade que deve ser aclamada em textos científicos e trabalhos dentro das possibilidades de cada área.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados em nosso texto, desenvolvemos o trabalho com o intuito de analisar *O romance de Tristão e Isolda* pensando em uma proposta de educação que refletisse não apenas em conteúdos escolares, mas também para ser trabalhada com a formação humana.

Analisamos aspectos do século XII, período da obra do século XIII, para relacionar os autores que deram sustentação teórica as discussões sobre o desenvolvimento das virtudes e dos vícios, a fim de compreender que o homem é formado por fundamentos que se alicerçam na moral e na ética.

A pesquisa percorreu o caminho sobre as relações sociais. Fizemos o uso da imagem do cavaleiro para tratar sobre a figura que ele representava como princípio das relações de boa conduta.

Pelo fato de ser uma pesquisa na área de ensino e da História da Educação, norteamos o estudo investigando sobre a importância da formação do homem, baseado nos comportamentos virtuosos, necessários para qualquer período, e da responsabilidade do ensino para trabalhar os pré-requisitos dessa formação no ambiente científico.

Pensando sobre esse formado de educação, permanecemos com o estudo da obra de Bédier (2012) como instrumento condutor e a criação de Barros (2000), utilizando, também, outras obras ao longo do caminho que serviram como base ao nosso estudo.

O intuito de utilizar tais textos é que os professores que trabalham com crianças nos diferentes anos leiam este estudo e se atenham sobre a importância de compreender o texto literário como um eixo da educação e da formação do conhecimento histórico e reflexivo.

Logo, textos literários podem ser estudados como um passatempo pedagógico. A criança vai compreender a história e assimilar algumas características do herói, podendo ver a virtude como algo essencial para a convivência familiar e social.

Portanto, escolhemos o amor como uma das principais virtudes do cavaleiro do século XII, mostrando que é um sentimento necessário para estar vinculado a outras virtudes que aproximem o homem do ideal social.

Não pretendemos, com a investigação, apresentar um modelo ideal de homem para a sociedade atual, pois focamos, como objetivo principal, no personagem que

era um dos modelos do século XII. Entretanto, as virtudes desenvolvidas em Tristão estão presentes na formação humana do passado e do presente, justificando o conceito de longa duração que perpassou a pesquisa.

O processo de formação humana, quando estudado pela História da Educação, possibilita a compreensão das prioridades educacionais para os determinados períodos históricos. Por exemplo, ao tratarmos sobre Ramon Llull e Tomás de Aquino para conceituar as virtudes do cavaleiro, entendemos que eles abordam sobre o desenvolvimento da virtude para o homem do século posterior ao de Tristão. O cavaleiro do momento de Llull não é o mesmo de Tristão, entretanto, as virtudes pensadas para a formação do homem do passado ou do presente visam o comportamento e a reflexão para o bem coletivo e o atendimento das exigências correspondentes a cada época.

Como apresentado anteriormente, a história mostra os clássicos afirmando que a educação deve ter início na infância e que o bom comportamento e o domínio dos vícios, são apreendidos, na fase inicial de formação. Portanto, nós, como professores da atualidade, devemos sempre nos atentar com o ensino vinculado a conteúdos que transformem as crianças, formando-as para serem adultos conhecedores das suas ações vinculadas com o coletivo.

Como vivemos um momento em que existe uma inversão de valores, queremos tratar a relevância do comportamento individual, diretamente ligado com o que resultará no coletivo. Erasmo de Roterdã (2013), no século XV, em seu 'manual' *De Pueris*, defendia a utilização de obras clássicas para o desenvolvimento da criança, principalmente, demonstrando que a formação do indivíduo acontecia em duas partes: em seu lar, com a responsabilidade da família educando a criança com o uso de exemplos; e no ambiente escolar, em que o jovem estaria ali para desenvolver as suas faculdades mentais em relação ao conhecimento científico.

Ao especificarmos o Amor como virtude e/ou vício é no sentido de atentarmos para uma forma de virtude que está próxima da realidade cotidiana. Ela é trabalhada pelo autor do romance com possível maneira de decisão do Amor como virtude ou como vício. Logo, o uso da razão deve prevalecer e fazer uso do Amor, portanto, para o bem social e não somente para o particular.

Essa virtude é um assunto que pode ser trabalhado com as crianças do Ensino Fundamental. Aliás, a nosso ver, por meio de textos literários que apresentam as relações humanas de forma virtuosa e também viciosa.

Sendo assim, compreendemos que o desenvolvimento da educação para a formação de um indivíduo com virtudes é uma tarefa conjunta: família e escola. Porém, os professores devem, independentemente da realização efetiva da família, estar sempre atentos a melhor forma de apresentar o ensino do conhecimento científico vinculado ao humano.

Os textos literários se apresentam como um meio para uma aprendizagem prazerosa. Quando bem trabalhados, despertam nas crianças diferentes curiosidades sobre a vida do 'herói', do rei, da princesa e outros personagens que se destacam pelas virtudes ou pelos vícios.

Consideramos esse fato como um desafio para a geração de docentes, demonstrando que a escola não é apenas um ambiente de formação do conhecimento formal, mas sim possui trabalho para desenvolver a formação do ser humano naturalizado com as virtudes, conseqüentemente, ética e moral.

Como afirmado por Aquino (2015), o homem não nasce perfeito, esse seu estado inicial ao nascer é considerado como imperfeito e, devido a suas ações e atividades de meio termo, vai se moldando ao longo da sua educação para o alcance da perfeição. Ao interpretarmos Aquino (2015), entendemos que esse estado de perfeição faz parte do caminho em que o ser humano irá trilhar ao longo de seu aprendizado.

Pensando nas questões desse autor, ao correlacionarmos as virtudes com a educação, compreendemos que o ser humano é o centro do desenvolvimento educacional, que se qualifica como um ser ativo, fazendo com que a educação seja o caminho de elevação do mesmo.

Junto à educação de hoje nos ambientes escolares, ao interlaçarmos as virtudes, percebemos que ela será a dosadora para o desenvolvimento do educando, pois a mesma proporcionará o controle das vontades e dos desejos desse aluno em formação.

A vista disto, para a formação integral do aluno rumo a um cidadão ético, faz-se necessário que o profissional da educação já possua nítida ideia de qual cidadão quer formar.

O professor deve estar desenvolvido em meio aos caminhos éticos e morais que seu contexto exige, pois, a partir desse princípio, o educador promoverá atividades que estimulem esse estado desde a mais tenra idade, para a possível naturalização das virtudes em seus alunos.

Partindo desse ponto de estímulo, denotamos que a educação tomada pelas virtudes não exige que se atinja a perfeição, mas busca desenvolver estímulos de atos saudáveis, sejam eles voltados para a saúde, ensino e aprendizagem ou, até mesmo, em suas relações em uma sociedade, pois ao atingir esses pontos, já estará desenvolvido em relação a virtudes e não aos vícios.

Acreditamos que o ensino deve prezar as diferentes áreas do conhecimento e realizar, por meio da literatura, a interdisciplinaridade de ideias, conhecimentos, imaginação, leitura e demais aprendizados que contribuam para a formação intelectual do aluno.

Para tanto, é necessário que o professor se comprometa com a pesquisa e tenha os objetivos de resultado referente aos conteúdos trabalhados. Consideramos o processo do ensino e aprendizagem, no ambiente escolar, como um dos principais espaços de promoção da base de formação humana, visto que, para as condições de humanidade, são essenciais o conhecimento da ciência e a conscientização racional das atitudes realizadas individualmente, pensando nas consequências coletivas.

REFERÊNCIAS

Fontes

AQUINO, T. **Suma Teológica**. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 1994.

AQUINO, T. **As Virtudes Morais**. São Paulo: Ecclesiae, 2012.

AQUINO, T. **Suma Teológica**. 2015. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

BÉDIER, J. **O Romance de Tristão e Isolda**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF; Martins fontes, 2012.

BARROS. M. N. A. **O amor e as aventuras de Tristão e Isolda**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2000.

LLULL, R. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. São Paulo: Editora Giordano, 2000.

LLULL, R. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciências “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010.

Bibliografias

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BARROS. M. N. A. **Tristão e Isolda: o mito da paixão**. São Paulo: Mercuryo, 1996.

BETELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; SEF, 1998.

BLOCH, M. **Apologia da história ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949.

BLOCH, M. **Apologia da história: ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, M. C. F. O MARAVILHOSO CRISTÃO EM A CANÇÃO DE ROLANDO. *In: Jornada de Estudos Antigos e Medievais*, 10, 2011, Maringá. **Anais[...]**. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/comun/03010.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, A. **A formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CIMABUE. **Pintura do século XIII**. 2020. Disponível em: <https://www.uffizi.it/en/artworks/virgin-and-child-enthroned-and-prophets-santa-trinita-maesta>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CURY, L. L.; COSTA E SILVA, T. A.; GONÇALVES, K. G. F. **Era uma vez: a influência dos contos de fadas na infância**. 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/402014-Era-uma-vez-a-influencia-dos-contos-de-fadas-na-infancia.html>. Acesso em: 05 mar. 2021.

DEBOM, P. As Apoteoses de Napoleão III: um estudo sobre Imagem e Poder. **Revista discentes da Pós-graduação em história da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 06, p.137- 148, out. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/diologos/search/search?query=debom&authors=&title=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateFromYear=&dateToMonth=&dateToDay=&dateToYear=&dateToHour=23&dateToMinute=59&dateToSecond=59&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms=>. Acesso em: 09 jul. 2020.

DUBY, G. **As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUBY, G. **Heloisa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DUBY, G. **História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2009.

DUBY, G. **As damas do século XII**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FERNANDES, R. C. G. Amor e Cortesia na Literatura Medieval. **Notandum**, n. 7, p. 63-68, jan./jun. 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/6695898/Amor_e_Cortesia_na_Literatura_Medieval. Acesso em: 25 maio 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GENTILI, P.; ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencantos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GUIMARÃES, A. H. T.; BATISTA, R. O. **Língua e literatura: Machado de Assis na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2012.

GNOSIS BRASIL. **Símbolo da Ordem dos Templários.** 2020. Disponível em: <https://gnosisbrasil.com/artigos/a-sagrada-ordem-dos-cavaleiros-templarios/>. Acesso em: 23 maio 2020.

HECKO, L. Algumas perspectivas do Cavaleiro Medieval na obra de Georges Duby. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 03, n. 06, p.113-120, jan./jun. 2014.

HOBBSAWN, E. J. **A Era dos Impérios 1874- 1914.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUNT, L. Revolução Francesa e a vida privada. *In*: ARIES, P.; DUBY, G. (Org.) **História da vida privada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 16-51.

LAMY, M. **Os Templários - esses grandes homens de manto branco.** 4. ed. Rio de Janeiro: Notícias 1996.

LARA, S. R. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. **Educ. rev.**, n. 33, p. 255-259, 2009.

LE GOFF, J. **O homem medieval.** Lisboa: Editora estampa ,1989.

LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval.** Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

LE GOFF, J; SCHMITT, J.C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I.** Tradução Hilário Franco Junior. Bauru: Edusp, 2006.

LE GOFF, J; TROUG, N. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5. ed. Revista ampliada. Goiânia: editora Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOPES, P. C. **Leitura e linguagem literária.** s/d. Disponível em: Linguagem literária vs. Linguagem jornalística (ubi.pt). Acesso em: 05 jun. 2021.

LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2002

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MATTOS, M. F. S. C. G. O sentido da modernidade no imaginário do século XIX. **dObras[S]**, v. 03, n. 06, p. 96-103 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/291>. Acesso em: 30 jun. 2020.

MENDES, C. M. M. A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 205-209, 10 out. 2011.

MONTALVO, G. R. **Amadis de Gaula III**. Barcelona: Língua ediciones S.L., 2008.

OLIVEIRA, J. O. N. **O discurso de Bernardo de Claraval e a ideologia cristã da Idade Média**. Niterói, n. 27, p. 249-265, jul./dez. 2009.

PERIN, C. S. B.; OLIVEIRA, T. A educação de cavaleiros medievais em dois momentos históricos: séculos XII e XV. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 24, n. 1, p. 115-124, 2002. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2421>. Acesso em: 12 mar. 2020.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto 2007.

REBELO, A. M. R. Suportes lógicos na didáctica das línguas clássicas. **As Línguas Clássicas: Investigação e Ensino – Actas**. Coimbra: Instituto de estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

RODRIGUES, A. A.; MALAVASI, S.; FRANCIOLI, F. A. S. O desenvolvimento do processo de leitura: primeiras aproximações. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 05, n. 01, p. 16-24, 2015.

ROSSINI, M. A S. **Aprender tem que ser gostoso...** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROSTAND, E. **Cyrano de Bergerac**. Nova Iorque: LeBook, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=KMS4DwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=autor+do+livro+edmond+rostand%27s+%22cyrano+de+bergerac&hl=ptR&sa=X&ved=0ahUKEwj6ueAiNXpAhWolbkGHUovBoMQ6AEIKjAA#v=onepage&q=autor%20do%20livro%20edmond%20rostand's%20%22cyrano%20de%20bergerac&f=false>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

ROTerdã, E. **De Pueris** (Dos Meninos). São Paulo: Escala, 2013.

SAINTE-BEUVE, C. A. **Da tradição e do clássico em literatura**. Salvador: Livraria Progresso, 1957.

SILVA, A. L. **Os cavaleiros da cruz vermelha: A Ordem dos Templários na Reconquista e Expansão Urbana Portuguesa (séculos XII e XIII)**. 2003. 172f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Universidade Federal de Goiás, 2003.

SOARES, M. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, n. 29, p. 18, fev./abr. 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/18892732/Artigo-Alfabetizacao-e-Letramento-Magda-Soares-1>. Acesso em: 05 mar. 2021.

VILÀ, L. **Joseph Bédier**. 2009. Disponível em: http://portal.uc3m.es/portal/page/portal/inst_lucio_anneo_seneca/educacion/proy_apolo/galer%EDa_filologos/joseph_bedier. Acesso em: 24 maio 2020.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, n. 14, p. 11-22, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 28 mar. 2021.